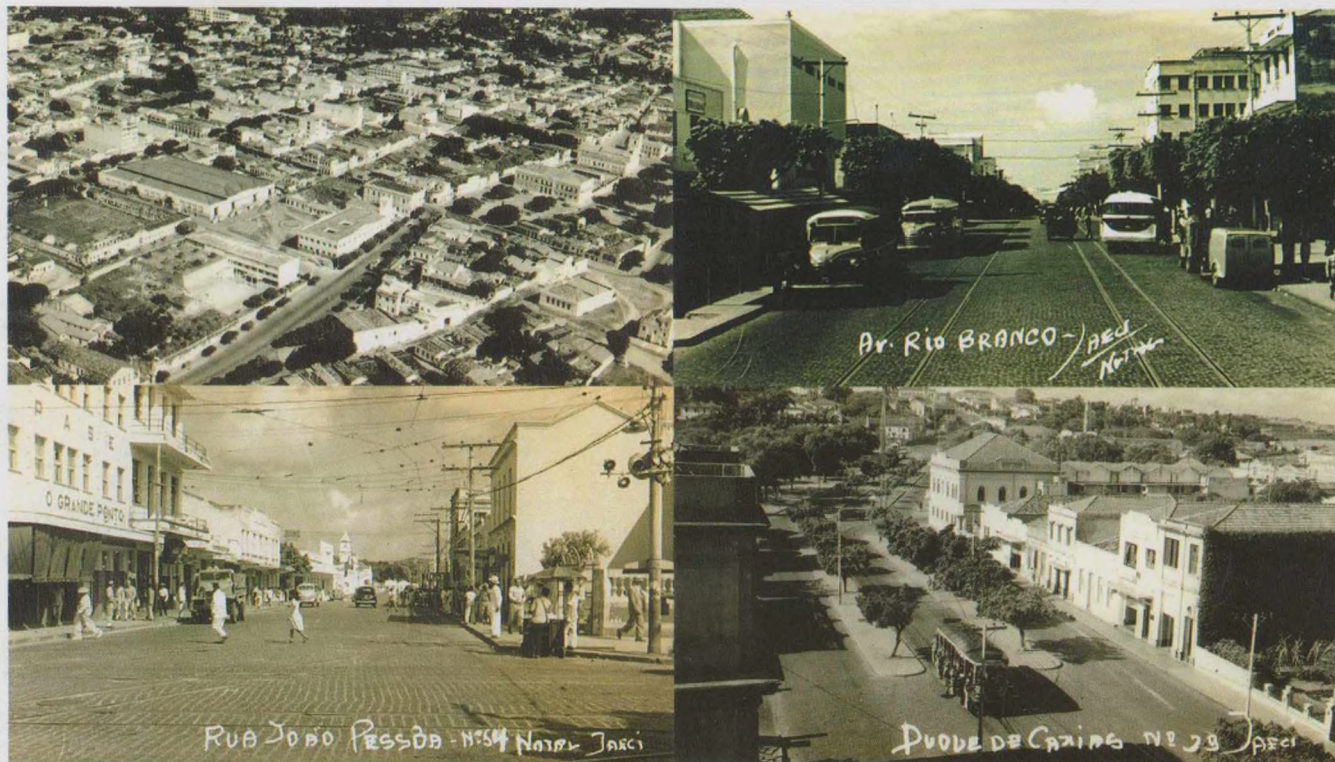


EDITADO POR JOSÉ AUGUSTO

PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 8, Setembro, 2004



Natal

pelas lentes de Jaeci



Entrevista

A governadora Wilma de Faria reafirma o seu compromisso com a cultura



Artes Plásticas

A jornalista Rejane Cardoso fala sobre o centenário do precursor Erasmo Xavier

AQUI



TEM

NOSSA AGÊNCIA

QUER FACILITAR SUA VIDA? PROCURE A NOSSA AGÊNCIA.

NOSSA AGÊNCIA, A ÚNICA QUE RECEBE SEUS TÍTULOS DAS 8H ÀS 21H.

A Nossa Agência é a forma mais prática para você pagar boletos bancários de todos os bancos, tributos e contas. E o melhor: com apenas o número da placa do carro, você se informa sobre os seus débitos no Detran como IPVA, multas, licenciamento, seguro, entre outros. A Nossa Agência, correspondente bancário do Banco do Brasil, funciona em horário estendido, das 8 horas às 21h. Facilite sua vida.

ONDE ESTAMOS

Centrais do Cidadão
Shoppings: Natal Shopping
Via Direta | Praia Shopping
Supermercados Nordesteão
Detran
Lojas próximas ao Banco do Brasil

CIDADES COM NOSSA AGÊNCIA

Natal | Mossoró | Caicó
São Gonçalo | Macaíba
Parnamirim | Currais Novos
João Câmara | Nova Cruz
Assu | Pau dos Ferros
Macau* | São José do Mipibu*

EM BREVE:
NOSSA AGÊNCIA
NATAL SHOPPING

Correspondente bancário
BANCO DO BRASIL

**NOSSA
AGÊNCIA**
Facilita sua vida.



Roberto Furtado fala sobre boemia, "Maria Boa", o golpe de 64, MDB, anistia e Djalma Maranhão

Ensaio fotográfico de José Augusto dos Santos revela a beleza rara que se esconde sob a copa do baobá



O artista plástico e poeta Dorian Gray Caldas diz que quer ser lembrado como um "fazedor de coisas"

Em outubro, faz cem anos de nascimento do artista plástico, cenógrafo, ilustrador e caricaturista Erasmo Xavier



A governadora Wilma de Faria reafirma seu compromisso de fazer um governo diferente na área cultural

Expediente/Cartas	4
A palavra da casa	6
Natal pelas lentes de Jaeci	7
Cabelos brancos	13
Governo abre mais três Casas de Cultura Popular	14
O advogado que enfrentou a ditadura	16
Livros/Lançamentos	21
A problemática do conto	22
13 por 1	24
Ensaio fotográfico: As flores do baobá	25
O saber na história de uma heroína nordestina	32
"Só'stô você mangá d'eu"	34
Os sapatos do homem morto	36
Dorian Gray: o "fazedor de coisas"	38
Erasmo Xavier: o centenário de um precursor	42
Poesia Potiguar	45
Marcelino Vieira: A cidade que botou Lampião para correr	49
Entrevista: Wilma Maria de Faria	59
Acari: Terra de vaqueiros destemidos e artistas inspirados	69
PS	84

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120
Fone/fax: (84) 232.5327/232.5304

Governadora

Wilma Maria de Faria

Presidente

François Silvestre de Alencar

Diretor

José Antônio Pinheiro da Câmara Filho

PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO
RIO GRANDE DO NORTE

ISSN 1679-4176

ANO II Nº 8

SETEMBRO/2004

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERIODICIDADE
TRIMESTRAL

EDITOR

TÁCITO COSTA

tacitocosta@estadao.com.br

EDITOR ASSISTENTE

GUSTAVO PORPINO DE ARAÚJO

gporpino@hotmail.com

ESTAGIÁRIO

DAVID CLEMENTE

PROJETO GRÁFICO E

DIAGRAMAÇÃO

LUCIO MASAACKI

infinitaimgem@bol.com.br

ASSISTENTE DE DIAGRAMAÇÃO

VIRGINIA HELENA LINS MAIA

REVISOR

JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

FOTOS DA CAPA

JAECI EMERENCIANO



CARTAS

Sr. editor

Creio que nunca é tarde para reconhecermos as coisas boas. Gostaria de parabenizá-lo pela belíssima revista, estendendo assim, a todos que fazem a FJA. A revista está muito rica e proporciona belos passeios em coisas interessantes do nosso Estado. Continuem em frente.

Eduardo Viana

Agência Cultural SEBRAE/SESI (Natal-RN)

Sr. editor

Na inauguração da Casa de Cultura de Nova Cruz recebi a Preá. Revista pela qual me apaixonei. A revista é maravilhosa, contém textos bem escritos e interessantes. Gostaria de recebê-la em minha casa, pois para mim a Preá será mais que uma fonte de informação, poderá ser uma fonte de formação.

Maria Eugênia dos Santos Araújo

(Nova Cruz-RN)

Sr. editor

Sua revista é muito bela... já tinha visto outros números mas não com tanto cuidado, todas as páginas têm sua singularidade, sem falar no conteúdo. Parabéns por sua grande sensibilidade, e continue firme cuidando da cultura do nosso estado.

Márcia Aparecida

Assessora Parlamentar (Natal-RN)

Sr. editor

Gostaria de parabenizá-lo pela beleza da Preá, desde a qualidade gráfica até os textos e fotografias. Impressionou-me o trato dado à matéria sobre as mangabeiras pelo repórter Henrique José. De grande sensibilidade!

Josué Francisco Silva Junior

Pesquisador da Embrapa (Aracaju-SE)



Sr. editor

Espero que esta encontre todos os componentes da Preá na melhor paz e saúde possível, pois conosco vai tudo bem graças a Deus. Sr. editor, a Preá é a revista literária mais inteligente que conheço, pois incentiva a cultura nacional ao pé da letra. É uma honra sempre poder recebê-la. Gostaríamos de receber exemplares antigos, se possível for. Parabéns!

Flávio Pereira Gomes

Bibliotecário (Goiânia-GO)

Prezados senhores

Tenho acompanhado as edições da Preá e apreciado deveras. Gostaria de saber como fazer para receber as edições com segurança. Sou professora de Produção de Textos e a revista me tem sido muito útil no trabalho com estudantes. Também faço um trabalho de publicação de um jornal cultural chamado "A VOZ" (impresso em Mossoró e que circula em alguns Estados brasileiros) e vejo de forma muito positiva estabelecer pontes entre portadores textuais de mesmo gênero.

Graciele de Lima

Professora - (Mossoró-RN)

Sr. editor

Num consultório médico, em Caicó, conheci a Preá, a qual me surpreendeu positivamente, tanto pela excelente apresentação gráfica, quanto pela importância e pertinência das matérias. Como não dispunha de tempo para lê-la toda, ali mesmo, deixei de lado a vergonha e pedi à atendente, em doação, a edição que folheava. Gentilmente, ela atendeu ao meu apelo. Em havendo possibilidade, gostaria de passar a receber as edições futuras. Potiguar, com muito orgulho, teria enorme prazer em exibir, aqui por estas bandas, tão importante instrumento de divulgação da rica cultura potiguar.

Paulo Gilberto Moraes dos Santos

(Patos-PB)

Sr. editor

Excelente a entrevista com o romancista, contista e poeta Nei Lendro de Castro. Já havia lido "As peijas de Ojuara" e até o vi um dia na A.S. Livros. Desconhecia praticamente tudo que foi mencionado na revista e fiquei bastante impressionado com a sua fascinante trajetória. Me sinto orgulhoso por ser seu conterrâneo e admirador.

Ramon Godeiro

Prezados senhores

Recentemente tomei contato com a revista Preá, cujos temas abordados me interessam muito, além da excelente qualidade da publicação. Deste modo, gostaria de receber mais informações sobre como posso passar a recebê-la.

Marcelo Genofre Vallada

Departamento de Pediatria - HC - (São Paulo-SP)

Sr. editor

Parabenizo este importante veículo de informação cultural pela excelente matéria "Senectude Fecunda", do professor Roberto da Silva (Preá 6), na qual exalta a vida e obra da ilustre escritora centenária D. Sophia Augusta de Lyra, a qual possui raízes familiares plantadas as margens do rio Jundiá, em nosso Estado.

Francisco Anderson Tavares

Pesquisador (Macaíba-RN)

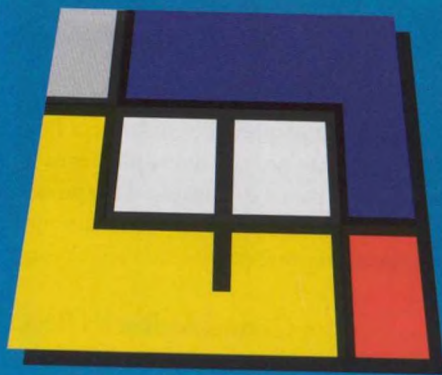
Sr. editor

Recentemente, através do professor da UERN e poeta Leontino Filho, tive a grata surpresa de conhecer a Preá. Confesso que fiquei contente por ver um suplemento de tão boa qualidade voltado para a divulgação da expressão do nosso povo e de nossa cultura. Que bom saber que ainda podemos contar com gente preocupada em elevar o nome de nossa cultura.

José Cezinaldo Rocha Bessa

Estudante de Letras - UERN (Pau dos Ferros-RN)

F U N D A Ç Ã O JOSÉ AUGUSTO



A palavra da casa

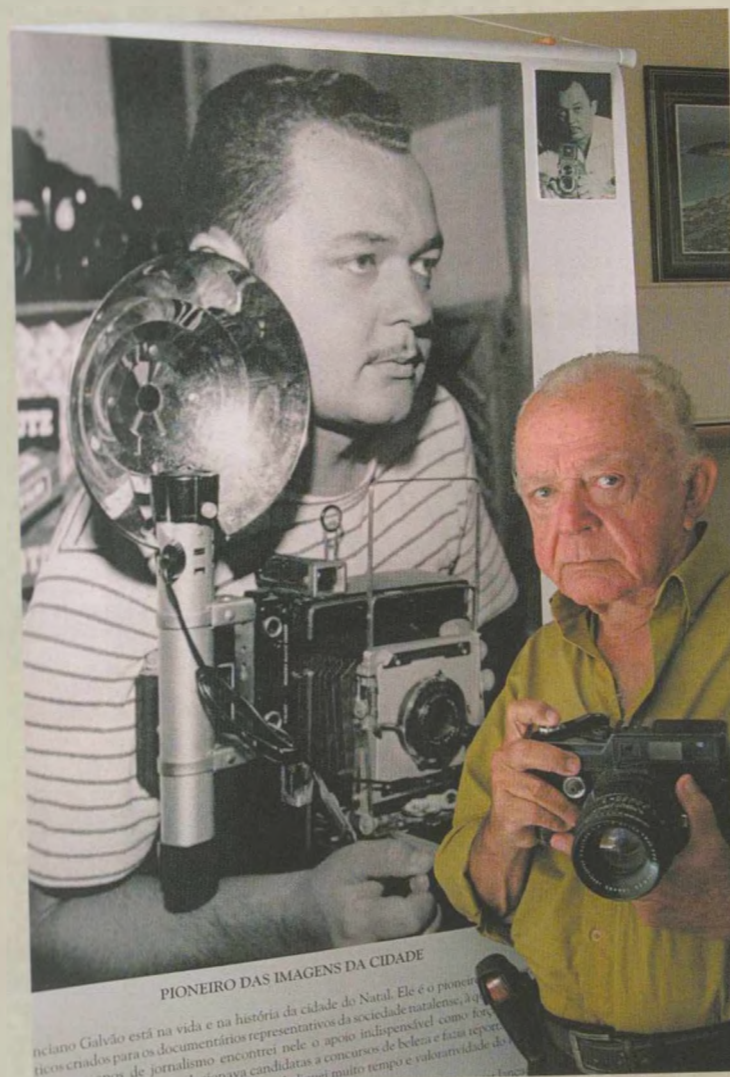
François Silvestre

O Programa Casa de Cultura Popular consolidou-se antes do que eu esperava. A festa de aniversário da primeira, edificada em Nova Cruz, foi maior e mais movimentada do que a festa de sua inauguração. Em setembro estaremos comemorando o primeiro ano da Casa de Cultura do Martins, com a segunda Semana de Cultura daquela cidade serrana. Com a inauguração da Casa de Cultura Popular de Viçosa, antes de novembro, estaremos completando onze edificações do programa. Nova Cruz, Martins, Caicó, Açú, Macau, Santa Cruz, Campo Grande, Parelhas, Currais Novos, Umarizal e Viçosa, compõem as Casas construídas este ano. Todas com recursos exclusivos do Governo do Estado. E todas estão agregadas definitivamente ao patrimônio imobiliário da Fundação José Augusto. Devidamente tombadas pelo Patrimônio Histórico e Cultural do Estado.

As Casas de Cultura de Açú, Nova Cruz, Santa Cruz, Parelhas e Viçosa foram adquiridas, mediante compra, pelas respectivas Prefeituras e doadas à Fundação José Augusto. As de Caicó e Martins foram edificadas em prédios que já eram de propriedade do Estado. As de Currais Novos e Macau foram adquiridas, mediante compra, pelo Governo do Estado. As de Umarizal e Campo Grande foram doadas pelos proprietários à Fundação José Augusto. O empresário Rogério Fonseca, em Umarizal, e os herdeiros de Cleto Souza, em Campo Grande.

Tenho relacionados 59 pleitos de edificação de Casas de Cultura Popular. Se eu pudesse transformar em realidade o sonho de deixar uma delas em cada cidade, consideraria justificada minha gestão. A constatação de Pier Paolo Pasolini ao adaptar para o cinema o "Decamerão", de Boccaccio, de que há sonho tão belo cuja transformação em realidade nunca lhe fará justiça. Mas é sempre necessário tentar. Ou atentar o cão com reza, como aconselhava minha avó.

Táí a Préá número oito. No rastro das veredas das Casas de Cultura Popular. Como muitos fojos pelo caminho. Tábuas de fojo. 📷



PIONEIRO DAS IMAGENS DA CIDADE
Jaeci Galvão está na vida e na história da cidade do Natal. Ele é o pioneiro em criar documentários representativos da sociedade natalense, à época criados para os jornais locais. Seu trabalho foi reconhecido por muitos anos de jornalismo, encontrou nele o apoio indispensável como fotógrafo. Ele selecionava candidatas a concursos de beleza e fazia reportagens. Ele meimei muito tempo e valorabilidade do...

Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier e acervo do entrevistado

Jaeci Emerenciano Galvão, 75 anos, vive um romance de seis décadas com a fotografia. Paixão que começou em preto-e-branco e foi ganhando cores com o passar do tempo. A história de Natal, tão desprezada pelos burocratas que governaram a cidade ao longo destes anos, está preservada, mesmo que sem querer, pelas lentes de Jaeci. O fotógrafo não imaginava que a Natal de seu tempo de menino iria crescer tanto. "Não tive visão que as fotografias teriam tanto valor histórico".

Natal

pelas lentes de Jaeci





A Natal do início dos anos 40 tinha pouco mais de 50 mil habitantes. Os bondes elétricos, principal transporte público da época, trafegavam pelas ruas dando charme aos bairros da Ribeira, Cidade Alta, Petrópolis e arredores. A população acompanhava às notícias do mundo em guerra através de uma rede de auto-falantes, instalados em diversos pontos, que retransmitiam a programação da BBC de Londres. Os antigos cinemas Royal, na rua Ulisses Caldas, e o Rex, na Rio Branco, estavam sempre lotados. O Wonder-Bar, na boêmia Ribeira, animava os militares americanos.

A fotografia, naquele tempo, era restrita a poucos. Os fotógrafos José Seabra de Melo, Jorge Mário e Grevy faziam sucesso e motivavam outros jovens a seguir o mesmo ofício. Jaeci Emerenciano completou 15 anos em 1944. A mãe Cecília Emerenciano Galvão, ciente de que Jaeci não ia bem nos estudos no Atheneu, já mostrava preocupação com o futuro do filho. Foi, então, em busca de conselhos. O tio Alfeu Batista possuía uma Voittlander, máquina fotográfica alemã, e terminou sugerindo a Cecília que comprasse a câmera.

“Meu tio era da Marinha e ofereceu a máquina a minha mãe. Ela despertou a idéia de que eu deveria começar a aprender fotografia. Vendi uma bicicleta que tinha, juntei outras economias e comprei minha primeira máquina”. Surgia, assim, o fotógrafo Jaeci, ícone da fotografia potiguar nos últimos 60 anos.

A primeira câmera mudou para a sempre a vida de Jaeci, mas passar a fotografar profissionalmente significava ter acesso aos filmes importados de 120 mm e montar um laboratório próprio. Jaeci recorda que Natal possuía apenas três lojas especializadas em fotografia. Estúdio Seabra, na Avenida Deodoro; Foto Grevy, na Avenida Rio Branco com a João Pessoa; e Foto Jorge Mário, no bairro do Alecrim.

“Havia dificuldade de alguém dar fórmulas para você fazer o próprio laboratório, ninguém queria divulgar isso. Mas, aí, um colega meu do Atheneu, José Alencar, disse que seu pai, um oficial do Exército, tinha estas fórmulas e iria me ajudar”. Já de posse das fórmulas, começou a fotografar até ter dinheiro suficiente para abrir seu primeiro estúdio. Bom observador, acompanhava o trabalho do fotógrafo José Seabra na Praça Pedro Velho e ia pensando em como virar profissional.

O fotógrafo abriu a primeira loja em 1948, na rua Amaro Barreto, no Alecrim, com o nome de Foto Jaeci, marca mantida até hoje. “Nesta loja da Amaro Barreto fotografava muito anjo”, salienta. Os “anjinhos”, pessoas falecidas na infância, eram fotografados no caixão durante o velório. As fotos, posteriormente, eram copiadas e distribuídas para os parentes com uma dedicatória no verso escrita pela mãe do falecido.

A dificuldade em conseguir filmes de 120 mm terminou forçando-o a mudar de máquina logo no início da

carreira. Trocou a Voittlander alemã por uma Argus americana para usar filmes 35 mm. “Era um tijolo com uma lente na frente. Até hoje tenho vontade de comprar uma igual a minha primeira máquina”.

O comércio no Alecrim, um dos bairros mais populosos da época, ia bem, mas Jaeci já pensava em abrir uma loja na Rua Dr. Barata, centro comercial da antiga Ribeira. A Foto Jaeci chegou a Ribeira no início da década de 50 e lá permaneceu até os anos 60, quando o fotógrafo abriu uma loja na esquina da Rua Prof. Zuza com a Avenida Rio Branco, no Centro. “Aquele ponto passou a ser chamado de Beco de Jaeci, ainda deve ter alguém lá que chama assim”, recorda.

A fotografia estava em franca expansão e Jaeci teve que expandir o negócio no início da década de 70. O fotógrafo comprou um prédio na João Pessoa, rua mais movimentada do centro, e permaneceu por lá até a abertura da loja no endereço atual. A Foto Jaeci passou a funcionar na Avenida Afonso Pena, em Petrópolis, no início da década de 90, época em que o comércio começou a tomar conta da área de maior concentração de renda em Natal.

Jaeci não acredita em sucesso por acaso. “Em primeiro lugar, tem que amar a profissão, e ter um trato com a clientela dentro das normas de atenção e educação; principalmente, saber se portar dentro das solenidades”.

O amor pela profissão influenciou dois filhos e um neto. O filho Jaeci Júnior é especialista em fotos aéreas. O outro filho, Fred Galvão, e o neto Fred Filho fazem reportagens sociais e filmagens de eventos. “Tudo faz crer que seguiram a profissão influenciados por mim”. Jaeci Júnior tenta ainda homenagear o pai com a publicação de “Natal de ontem e hoje”, eternizando num livro uma seleção das melhores fotos de paisagem feitas por Jaeci desde a década de 40.

Entrando na era digital

Já passaram pelas mãos do fotógrafo câmeras Rolleiflex, Nikon e Hasselblad, esta última marca usada durante 40 anos. Jaeci continua utilizando as máquinas tradicionais, mas também já fotografa com uma câmera digital Sony. O avanço tecnológico está forçando o veterano fotógrafo a estudar fotografia digital. A motivação em aprender





novas técnicas permanece a mesma daquele garoto que há 60 anos vendeu sua bicicleta para comprar a primeira câmera. “Estou martelando a cabeça para entender de computador. Quero fazer um curso de Photoshop”.

Ele destaca que não há mais lugar para o amadorismo. O fotógrafo, sempre atento às mudanças no mercado da fotografia, faz suas observações sobre a transformação no ramo em que atua. “A fotografia teve uma evolução muito grande. Normalmente, as pessoas têm uma máquina com flash em casa e usam para fotografar os aniversários e a família. Além, claro, do grande número de fotógrafos. Tudo isso influencia para que haja dificuldade de sobrevivência no mercado, mas os bons fotógrafos são sempre bem sucedidos”.



“Faiou de novo!”

Casamentos, atos solenes e outras tantas festas marcaram a vida de Jaeci e ele tem muitos casos a contar. O fotógrafo nunca escondeu a preferência em fotografar paisagens e fazer reportagens sociais. Jaeci fotografava casamentos desde o início da carreira. Perdeu até as contas de quantos noivos posaram para suas lentes. Muito requisitado, chegava a fotografar mais de um casamento por dia.

Certa vez, tinha agendado dois casamentos em locais distintos para fotografar no mesmo dia. O primeiro na Igreja Bom Jesus e, poucas horas depois, outro na Capela do Campus da UFRN. Distraído, saiu de casa logo cedo e foi para a Capela do Campus. Fotografou os padrinhos entrando na igreja, a chegada da noiva e, já próximo do final da cerimônia, foi avisado por um dos presentes que o fotógrafo contratado pelos noivos era o outro que estava fotografando o casamento.

Jaeci tomou um susto. Foi aí que notou o erro. Naquele horário deveria estar fotografando o casamento da Igreja Bom Jesus. “Quando fui avisado que não era o fotógrafo do casamento da Capela do Campus, corri para a Igreja Bom Jesus. Mas quando cheguei, fui recebido com muita mágoa. O casamento já tinha até terminado. Foi uma coisa que nem de longe tinha a intenção de fazer”.



O antigo fotógrafo gosta também de contar outra história curiosa, ocorrida por volta de 1955, no período em que o potiguar João Café Filho ocupava a Presidência da República. Ele era o único fotógrafo presente no Teatro Carlos Gomes (Teatro Alberto Maranhão) para cobrir uma homenagem que seria feita a Café Filho. Naquela oportunidade, algumas senhoras iriam entregar um ramallete de flores ao então presidente.

“O teatro todo estava esperando aquele momento, a entrega das flores, e eu usava uma Speed Graf, aquela máquina ali da foto”, diz, apontando para o pôster na vitrine da sua loja. A máquina, enorme e toda manual, tinha um flash com lâmpada que, freqüentemente, precisava ser trocada.

“No momento da entrega era aquele silêncio. Então eu vou me preparar para bater a foto, aí um sujeito lá em cima grita, ‘faiou!’; assim mesmo, não disse falhou, não. Todo mundo caiu na risada, porque falhou mesmo. Se eu pudesse, me enterrava ali mesmo. Imediatamente tirei a lâmpada, mudei, e novamente quando vou bater a foto, o cara lá em cima grita, ‘faiou de novo!’”. Aí fiquei morto de vergonha. Olhei para o equipamento, o fio estava desligado. Botei no lugar, fiz a foto e aí foi a maior ovação. Então disse: “Senhor Presidente, me desculpe, mas foi a emoção de fotografar um presidente conterrâneo que fez isso”. Ele me agradeceu e apertou minha mão.

“Me senti diminuído”

Duas fotografias ele nunca esqueceu. A mais antiga, o primeiro lançamento de foguetes na Barreira do Inferno; e a outra, uma foto da esquadrilha da fumaça premiada pela Transbrasil, em 1990. Registrar o primeiro foguete sendo lançado não foi fácil. Dezenas de jornalistas e fotógrafos de todo o Brasil vieram a Natal acompanhar o lançamento do Nike-Apache, foguete de fabricação americana, no dia 15 de dezembro de 1965.

Jaeci já era apaixonado por aviação e sonhava ter a oportunidade de cobrir o evento. Conseguir uma



Barreira do Inferno - 1º Lançamento

credencial com os exigentes oficiais da época não era fácil. "Havia uma casa de lanche na Rua João Pessoa, a "Ki Show", que era um point de Natal. Encontrei o coronel por lá e pedi um passe para fotografar o lançamento. Ele menosprezou e pediu para eu procurar o relações públicas dele. Me senti diminuído com isso e, pensei, 'vou mais não'..."

O jornalista Paulo Macedo (colunista do Diário de Natal), que já transitava bem entre as autoridades da época, soube do interesse de Jaeci e conseguiu uma credencial para o colega. "Levei duas câmeras para fazer as fotografias e coloquei uma no tripé. Um sargento da aeronáutica veio a mim e disse: - Tome cuidado por que o senhor talvez não consiga fotografar o lançamento, porque é muito rápido. Foi quando me lembrei que para fotografar um raio é necessária uma técnica especial. Você abre o obturador e, quando o raio aparece, você corta. Fiz uma fotografia, sem falsa modéstia, muito boa".

O fotógrafo ampliou a fotografia do foguete Nike-Apache e, na semana seguinte ao lançamento, expôs na vitrine de sua loja no centro da cidade. Não demorou muito e o mesmo Coronel, que havia negado a credencial, telefonou parabenizando-o pelo feito. "Ele telefonou dizendo que tinha certeza que eu iria presentear uma para o comando da Base. Eu disse: - Agradeço o elogio, mas nosso preço por metro quadrado é tanto. Ele mandou comprar e colocou na parede do comando, deve estar por lá até hoje.

Os anos passaram e a paixão pela aviação continuou até ele ter outra oportunidade de fazer uma grande fotografia. Era 1990 e a esquadrilha da fumaça tinha uma apresentação programada no aeroporto Augusto Severo. Jaeci, ainda convalescendo de uma cirurgia de diverticulite, foi até o local conferir de perto. "Peguei a máquina pela mania de aviação e fotografia. Tinha um carro de som na pista. Perguntei se podia subir, mas disseram que não".

O fotógrafo, mesmo chateado, permaneceu no local em busca do melhor ângulo. Pouco antes do início, encontrou um oficial da Aeronáutica, amigo seu, e foi autorizado a subir no carro de som. "Quando subi, ouvi o anúncio de que a esquadrilha só iniciaria a demonstração após um avião comercial descer. Quando olhei estava passando um avião da Transbrasil à minha frente e, a esquadrilha da fumaça estava saindo exatamente num leque por trás do

avião", recorda. "Esta fotografia", diz, apontando para um pôster na parede de sua loja, "causou aquela premiação de eu ir para os Estados Unidos e São Paulo".

De Natal a Tramandaí

O espírito aventureiro acompanha Jaeci desde menino. Quando começou a fotografar, no tempo em que a cidade servia de base para a força aérea americana, observava os aviões T-6 cortarem o céu de Natal e imaginava como seria bom pilotar uma aeronave. Também queria ganhar os mares e sair descobrindo novos lugares em alta velocidade. A vida, como num conto de fadas, foi, aos poucos, tornando realidade cada um dos seus sonhos.

Jaeci é um dos fundadores do Iate Clube de Natal, presidido por ele em duas oportunidades. Navegou em barcos de oceano, praticou hobbiecat e participou da primeira flotilha de snipes (tipo de barco) de Natal. Também fez curso de ultraleve e pilotou cerca de 2500 horas. Voava e fazia fotografias aéreas.

O fotógrafo foi ainda um entusiasta do camping. Dirigindo seu próprio trailer, no início da década de 80, foi até Tramandaí no Rio Grande do Sul. E não pára por aí. Jaeci é sócio do Mototribo Potiguar. O motociclismo continua sendo uma de suas paixões. Já teve uma Kawasaki Vulcan de 1500 cilindradas e ainda pilota uma moto Honda Shadow de 600 cilindradas. "Já viajei de moto até Canindé no Ceará", recorda. Seja qual for a aventura, uma companhia é certa. "Vou sempre com a máquina de lado".



Cabelos brancos

Rubens Lemos Filho (jornalista)

Mando passar a máquina um no meu cabelo toda semana. Gosto de ser careca e além disso, quando a penugem engorda um pouco, aparecem alguns fios de cabelos brancos. Alterei a rotina e deixei passar duas semanas sem ir ao meu barbeiro Roberto, ali no salão Mustache, na Princesa Isabel, centro de Natal.

Roberto é paraibano e uma flor de delicadeza. Corta cabelo e os inimigos como um marchante. É brabo, falador. Bem: passados 14 dias, uma floresta grisalha apareceu acima da orelha direita. Nunca mais vou descumprir o calendário. Os fios de cabelos brancos por enquanto eu vou podendo esconder e a eles agradeço pela pequena dosagem de experiência que ganhei com o tempo. Tarimba faz a gente enxergar e rever tabus inquebrantáveis. A minha maior verdade nasceu em 1982, quando vi a seleção brasileira de Telê Santana jogar e perder a Copa da Espanha.

Um time de graça, leveza e solistas. Botei na cabeça que jamais haveria ou teria havido escrete igual aquele. Aos 34 anos, com um estado de espírito de 63, discordo do que dizia. Aquele time tinha craques sobrenaturais, mas não foi o melhor. Bote blasfêmia: jamais seria comparado ao de 70.

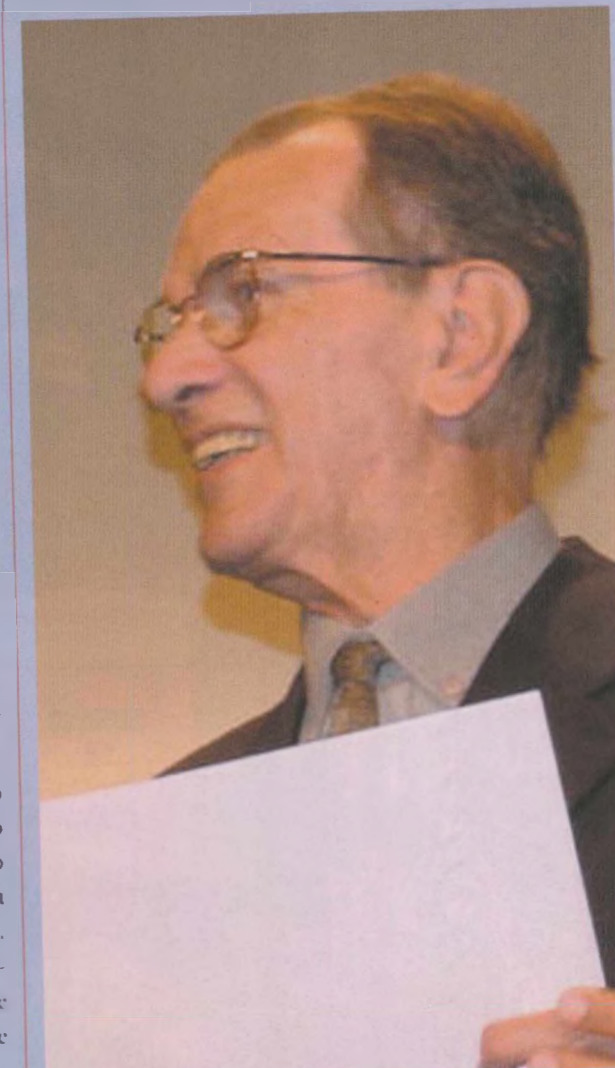
Vou tentar explicar sem lirismo (não sou um lírico nem tampouco poeta, rabisco por atrevimento): futebol é uma orquestra. Se o maestro está afinado, o homem que maneja o violino não pode escorregar. Desaba toda a sinfonia.

O Brasil de 82 tinha dois laterais maravilhosos – Leandro e Júnior, um bom zagueiro de área – Oscar, quatro meio-campistas geniais – Cerezo, Falcão, Sócrates e Zico e um bom atacante – Éder. Em compensação, sofria doenças crônicas que nos custaram a Copa do Mundo. Um péssimo goleiro chamado Valdir Peres, um quarto-zagueiro refinado e inseguro – Luizinho, um centroavante pavoroso – Serginho Chulapa, e um apenas tático de nome Paulo Isidoro.

O técnico Telê Santana, uma entidade reverenciada pela minha geração, era um teimoso irritante. Não levou para a Espanha os melhores goleiros da época – Raul e Leão, deixou o beque Edinho no banco para Luizinho, nem na reserva escalou Roberto Dinamite, muitas vezes melhor que Chulapa. Quando enfrentou um adversário compacto, resolvido em todos os setores, voltou para casa. E meus contemporâneos dirão: "A Itália não tinha um bom time."

Mas o fato é que venceu pragmaticamente, derrotando, além do Brasil mágico, a Argentina, a Polônia e a Alemanha Ocidental, que não viu a bola na decisão em Madri.

Chateados, amigos? Pois são eles, os meus fios de cabelos brancos. E a história, dizem eles, os cabelos brancos, não guarda lugar na sua estante para os perdedores.



Telê Santana, técnico da Seleção Brasileira de 82

Casas de Cultura Popular

Governo abre mais três

Casa de Cultura de Currais Novos



Casa de Cultura de Parelhas



Casa de Cultura de Campo Grande



Fotos: Ivanísio Ramos

Entre uma Preá e outra nada menos que três Casas de Cultura Popular foram inauguradas pela Fundação José Augusto e mais duas estão em obras. Currais Novos, no dia 1º de julho, Campo Grande, na região Oeste, no dia 25 de julho, e Parelhas, no dia 29 de julho, na região Seridó, foram os últimos municípios do Estado a ganhar as suas Casas de Cultura Popular.

Com a de Parelhas, já são nove as casas espalhadas por todas as regiões do Rio Grande do Norte, com um investimento pelo Governo do Estado, através da Fundação José Augusto, que já chegou a R\$ 1 milhão e 795 mil. Mais duas estão sendo erguidas, nos municípios de Umarizal e de Viçosa.

As Casas de Cultura Popular, espaços físicos para fomentar a produção cultural do interior, estão presentes também em Açu, Caicó, Nova Cruz, Macau, Martins e Santa Cruz. O espaço das Casas serve para a realização de oficinas de artes, eventos culturais, palestras, seminários, exposições e projeções de filmes.

A de Currais Novos se chama “Palácio do Minerador”, uma homenagem aos antigos mineradores de scheelita do município. Nela, foram investidos R\$ 160 mil na obra, sendo R\$ 120 mil na parte física e R\$ 40 mil em mobiliário. Localizada na Praça Cristo Rei, no centro, ocupa a antiga residência do ex-prefeito Gilberto Lins. O prédio de 350 metros quadrados abriga um auditório para 90 pessoas, pinacoteca, café, espaço cultural e salas para oficinas de teatro, dança e música.

A Casa de Cultura Popular “Palácio Cleto de Souza”, em Campo Grande, a 258 km de Natal, está localizada na praça João do Vale. Abriga um museu, auditório, pinacoteca, biblioteca e salas para oficinas de artes.

A Casa de Cultura Popular “Palácio Florêncio Luciano”, em Parelhas, foi inaugurada no dia 29 de julho. Nela, foram investidos R\$ 190 mil, sendo R\$ 150 mil na reforma do prédio e R\$ 40 mil em mobiliário. O prédio, de 550 metros quadrados, pertencia à Prefeitura Municipal e estava fechado há alguns anos. Fica localizado no centro da cidade. No local funcionará uma pinacoteca, auditório para 90 pessoas, sala para artesanato, biblioteca, museu, sala para administração, e praça cultural com quiosque onde funciona um café. ☐





Prefeito Djalma Maranhão empossa o seu Gabinete. Roberto Furtado é o terceiro da direita para à esquerda

Por Tácito Costa

Fotos: Anchieta Xavier e acervo do entrevistado

N^o tempo em que a atividade política e a defesa do estado de direito eram exercidas sob o signo da repressão e do medo, o advogado e ex-deputado Roberto Brandão Furtado, exerceu-as com desassombro e abnegação. Seja como fundador do partido político MDB (Movimento Democrático Brasileiro), pelo qual viria a ser deputado estadual por duas legislaturas, na década de 70; seja como defensor de presos políticos, logo após o golpe militar de 64; ou ainda como presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RN), lutando pela anistia e pela volta da democracia, na década de 80.

Quando, enfim, veio a tão sonhada Democracia, os tempos eram outros bem diferentes. Mesmo assim, ele ainda foi vice-prefeito (1985) e secretário estadual - 1994 (primeiro de Segurança e, posteriormente, da Administração, no Governo Garibaldi Filho). Depois disso, saiu da cena política do Estado, que fica mais pobre, se aposenta como Procurador da Prefeitura Municipal de Natal, mas segue ainda por alguns anos fazendo "assistência social", que é como ele chama o trabalho de advocacia que fazia para quem o procurava, sem nunca perguntar se a pessoa podia ou não pagar pelos serviços prestados.

Nos últimos anos, contudo, tem se dedicado a uma pequena granja, que ele qualifica como "meu doce prejuízo", localizada no município de Ceará Mirim, para onde transferiu seu domicílio eleitoral - "para resistir a qualquer tentação de voltar à política", pescar e a receber os amigos na casa da praia, em Muriú.

A desilusão com a política, contudo, não chegou de uma vez. Veio aos poucos. Tendo sido eleito sempre sem contar com muitos recursos financeiros, se viu acuado quando os candidatos precisaram dispender vultosos recursos para se eleger. Ele, que tinha vencido as eleições que disputou apenas com base no discurso de esquerda e na coerência política, teve de assistir impotente às investidas e vitórias dos que se apresentavam para o eleitorado, montados em campanhas milionárias.

Os tempos, de fato, eram outros e já não havia espaços para idealistas e bem intencionados. "Deixei a política porque estava saturado de tudo isso", resume hoje Roberto Furtado, que confessa ter entrado na política meio forçado, para brigar contra a ditadura militar pós-64. Embora reconheça que já trazia a política no sangue, tanto herança do pai, João Maria Furtado, preso em 35, por se opor à ditadura varguista, quanto pela militância política estudantil. Chegou a ser presidente do Estudantil Potiguar (o primeiro nome é estranho assim mesmo), aluno de Djalma Maranhão e lutou na campanha "O Petróleo é Nosso". Não poderia ser outra a vocação que ele seguiria vida afora.

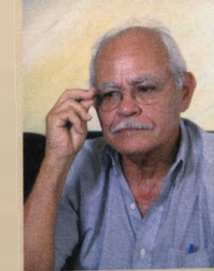
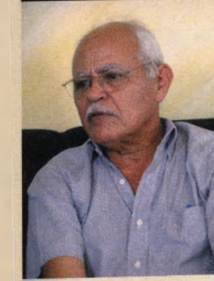
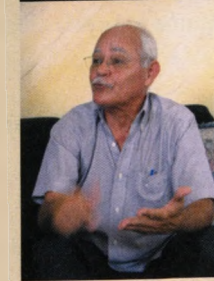
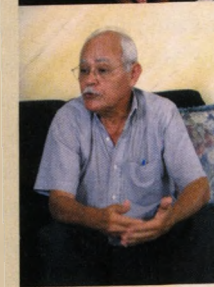
A verdade em livro

Aos 71 anos, completados no dia 2 de junho último, mas parecendo ter uns dez a menos, tanto pela aparência física quanto pelo vigor intelectual que demonstra, Roberto Furtado está pensando em passar para o papel tudo o que viu e ouviu durante a sua fecunda militância política, principalmente o período de chumbo, em que foi secretário e conviveu de perto com o amigo Djalma Maranhão, o prefeito mais popular que Natal já teve e que morreu no exílio, no Uruguai, vítima da ditadura militar.

Não será uma biografia. Ele quer apenas repor algumas verdades históricas. Como, por exemplo, a que diz que o estádio "Castelão" (hoje "Machadão") foi construído pelo prefeito Agnelo Alves ou a que coloca a família Alves como fundadora do velho MDB. O estádio, revela, foi iniciado por Djalma. O MDB, que quando da sua

criação - dizem - cabia dentro de um fusquinha, foi, na verdade fundado por ele junto com José Vasconcelos da Rocha, Odilon Ribeiro Coutinho, Pedro Lucena e Gerônimo Queiroz. "Os Alves, nessa época, estavam na Arena verde", relembra. Também deverão constar deste livro, cartas escritas para ele, de próprio punho, por Djalma, bem como documentos acerca da anistia e da criação do MDB. "Me sinto na obrigação de dizer algumas verdades", afirma.

De Roberto Furtado se pode dizer que endureceu mas não perdeu jamais o gosto pela boemia. Mas ele foi também desportista, chegando a jogar como zagueiro no juvenil do América e cultivava até hoje o gosto pela pesca, tendo sido fundador do Clube Pâmpano. Na década de 50, criou o famoso bloco carnavalesco "Os Kafajestes", que contava, entre outros, com Jair Navarro, Wellington Lucena, Carlos Lira, Ailton Gazzaneo, Moacir Maia, José Correia de Andrade, Paulo Bittencourt e Nei Marinho, todos boêmios de alto coturno. "Nós fazíamos os assaltos nas casas dos conhecidos e amigos e criamos na sexta-feira que antecedia o carnaval, uma grande festa, com desfile de fantasia, que realizamos no primeiro ano no Aero Clube e a partir do segundo ano no América. Era um sucesso e a única festa em que o sócio do clube tinha de pagar para brincar". A vida boêmia e a militância política retardaram o casamento. Somente aos 42 anos é que decidiu casar, depois de alguns anos de namoro com Marilda Barreto, com quem tem três filhos. Dos três, apenas



uma formou-se em Direito, carreira que já tinha levado o pai dele, João Maria Furtado, autor do livro "Vertentes", a ser desembargador.

Sempre de plantão para as boas e nobres causas, Roberto Furtado foi durante muitos anos advogado de Maria Boa, a dona do mais famoso cabaré que Natal já teve, chegando certa vez a impedir que o chefe de polícia da capital fechasse o alegre e vital estabelecimento, alegando atentado a moral e aos bons costumes. "Requeri um mandado de segurança e impedi que a polícia fechasse a casa de dona Maria". Graças a isso, passou a contar com simpatia redobrada da famosa senhora. O estabelecimento fechava pontualmente às duas horas da madrugada. Quem estava dentro ficava, mas quem estava fora não entrava. Exceção: Roberto Furtado e os amigos, que eventualmente passavam por lá depois de saírem de alguma festa pela cidade.

Independência precoce

Roberto Furtado começou cedo a trabalhar. "Aos 17 anos já era independente", conta. Iniciou sua carreira na área de Direito como adjunto de Promotor, nomeado em 1951, aos 18 anos, pelo governador Dix-sept Rosado, para a comarca de Macaíba. Na época, o acadêmico de Direito podia exercer esse cargo, que era o de auxiliar o promotor. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Maceió, "onde se formavam 80% dos nordestino-grandenses. Na turma em que eu estudava havia 55 alunos e 29 eram do Rio Grande do Norte, entre outros, Gilberto Avelino e Nabor Pires", recorda. Nos cinco anos que dura o curso, exerce o cargo de adjunto do promotor Wilson Regalado.

Em fins da década de 50, quando Djalma Maranhão chega à Prefeitura de Natal, o convoca para ser secretário. Djalma havia sido nomeado pelo então governador

Dinarte Mariz. Naquela época não havia eleição direta para prefeito de Natal. Roberto Furtado começa a carreira no serviço público como secretário de Negócios Internos e Jurídicos. "Era uma secretaria muito abrangente, que englobava toda a burocracia do gabinete". No cargo, chega a assumir a Prefeitura de Natal durante 45 dias, substituindo Djalma, que precisou assumir o mandato de deputado estadual na Assembléia Legislativa, para votar a emenda da eleição direta para Natal. Nesse curto período teve de enfrentar uma greve no serviço de transportes coletivos da cidade, na época resumido a poucos veículos. Os pequenos empresários queriam aumentar as passagens em 100%. "Para evitar a greve, eu propus a formação de uma comissão, que levantaria os custos do setor e assegurei que daria o reajuste que fosse justo, até mesmo se passasse dos cem por cento".

Não houve acordo e a greve foi deflagrada. Ao prefeito, não restou outra alternativa, senão colocar nas ruas os pouquíssimos carros da prefeitura para transportar o povo de graça. Nas ruas, os estudantes se colocaram a favor da Prefeitura e ameaçavam quebrar os ônibus, que receberam proteção do Governo do Estado. Ainda hoje ele lembra de uma das faixas feitas pelos estudantes: "Natal é pequena, podemos andar a pé". Bons tempos aqueles!

A greve resultou numa queda de braço entre a Prefeitura e o governador Dinarte Mariz, que tomou partido dos empresários. Dinarte era o responsável pela nomeação do prefeito e achava que este lhe devia obediência cega. Roberto lembra que o governador convocou uma reunião para tratar da paralisação, que contou com a participação do chefe de Gabinete da Prefeitura, Celso da Silveira, de Carlos Augusto Borges e de João Maria Furtado (seu pai).

– Dinarte iniciou a reunião defendendo o aumento para as empresas, garantindo que daria o aumento. Bati na mesa e disse: Governador, a obrigação de assinar é minha.

Não assino essa imoralidade. Dinarte, então, se virou para o meu pai e disse: Tá vendo, João Maria, esse menino! Ao que meu pai respondeu: Ele tá certo, Dinarte. A greve acabaria dias depois, já com Djalma de volta à Prefeitura, dando um pequeno reajuste às empresas.

Com a aprovação da emenda para as eleições diretas em Natal, Djalma Maranhão deixa a Prefeitura. Assume o presidente da Câmara, José Pinto Freire, para um mandato tampão. O jovem advogado assume, então, o cargo de Procurador Fiscal da Prefeitura. Com a volta de Djalma à Prefeitura, desta vez pelo voto direto, assume a secretaria de Finanças, cargo em que fica até a deposição do prefeito pelos militares. "Meu último ato foi mandar fazer um levantamento sobre as finanças". A precaução, como se revelou mais tarde, foi mais do que acertada. Os tempos sombrios estavam começando e ninguém sabia dizer quando acabariam. "Respondi a dois IPMs (Inquérito Policial Militar) e provei aos interrogadores que algumas medidas que eles questionavam no interrogatório, geravam economia para o erário".

Os IPMs fajutos, como tantos outros patrocinados pelos golpistas, não deram em nada. Ele voltou para a Procuradoria, onde ficou em total ostracismo. Em um ano e meio de trabalho, recebe um único processo para dar parecer. O prefeito era o oficial das Forças Armadas Tércio Rabelo.

– Após os IPMs, ele me chamou ao seu gabinete e disse: – O julgamento que vai me interessar é o da história. Na Marinha, quando não queremos demitir, a gente repreende. O que você sugere? Respondi: – A decisão é sua, eu quero ampla condição de defesa. E fui embora.

O tempo passa célere e a roda pequena um dia entra na roda grande. Ao final do seu governo, Tércio Rabelo manda chamar Roberto Furtado, que está em férias, na sua amada Muriú, para apreciar uma montanha de

processos, que seus subordinados não tinham dado parecer. Ele cumpre a missão e ao final Tércio o chama ao Gabinete para uma conversa a sós.

– Você acha que fui injusto com você? – pergunta o militar prefeito.

– Foi. Vocês disseram que receberam a Prefeitura em situação caótica, com dívidas, quando na realidade deixamos a Prefeitura com tudo pago. Deixamos com dinheiro em caixa para pagar todas as dívidas e ainda ficava um saldo.

Lembranças de Djalma

Menos de três meses depois do golpe, Roberto Furtado já requeria habeas corpus, a maioria preventivos, para vários militantes de esquerda e amigos, como o próprio Djalma Maranhão e seu irmão, Luís Maranhão, Hélio Vasconcelos, Vulpiano Cavalcante, Omar Pimenta, Moacir de Góes e Carlos Lima, entre outros.

Desse período, recorda um episódio burlesco, envolvendo o médico comunista Vulpiano Cavalcante. "Vulpiano recebeu intimação da Polícia Federal, sob alegação de que o nome dele constava em uma lista achada depois da realização de um congresso de comunistas. Vulpiano me liga e diz: – Roberto, estou sem poder andar, operado da vesícula. A polícia, então, resolveu ouvir Vulpiano em sua casa. Chegaram e Gileno Guanabara também estava presente. Primeira pergunta: – O senhor esteve no congresso comunista? Ao que Vulpiano respondeu: – Infelizmente, não! Segunda pergunta: – O senhor é o presidente do Comitê do Partido Comunista? Ao que ele respondeu: – A ditadura não fechou o partido"! A polícia acabou indo embora sem conseguir nada.

A convivência com Djalma Maranhão é outro capítulo muito especial da vida de Roberto Furtado. Seu advogado



desde o primeiro momento, Roberto Furtado conta que certa vez, para visitá-lo na prisão, no Hospital da Polícia Militar, em Natal, teve que contar com a ajuda de um ex-aluno seu, policial militar que estava de guarda. Esse policial montou todo um esquema, deixando alguns colegas em pontos estratégicos para darem o alarme caso algum integrante do Exército aparecesse. Segundo Roberto, no início Djalma achava que a ditadura duraria pouco tempo, mas algum tempo depois do golpe mudou de idéia. "Djalma tinha consciência de que a coisa ia demorar".

Roberto também esteve com Djalma no dia em que o prefeito foi solto da prisão, em Recife, graças a um habeas corpus que ele impetrou e que demorou para ser cumprido pelo Exército. "Fui comprar a passagem dele para o Rio de Janeiro. Lá ele ficou no apartamento de Dinarte Mariz, onde fez um manifesto esculhambando o golpe. Depois se asilou durante três meses na embaixada do Uruguai, até conseguir sair do país". De Djalma, ele tem as melhores recordações: "Era um exemplo de político correto, honesto". Roberto não tem dificuldade de reconhecer qualidades mesmo daqueles de quem sempre divergiu ideologicamente, como é o caso de Dinarte Mariz, de quem ele ressalta a solidariedade.

Luta e decepção

A história da resistência democrática ao golpe de 64 não pode ser contada sem citar o MDB, partido político criado pelos generais, junto com a ARENA (Aliança Revolucionária Nacional), para dar alguma aparência de legalidade à ditadura. Por isso mesmo, Roberto pensou duas vezes antes de se decidir pela criação do partido, o que acabaria fazendo junto com alguns amigos e militantes pela democracia. Vieram as eleições de 1966 e o partido estava legalmente habilitado a participar. Concorreu com quinze candidatos a deputado estadual e três a federal. Entre os federais, estava ninguém menos que... Nei Lopes de Souza, que mudaria para a Arena e se transformaria nos anos seguintes em baluarte do

conservadorismo. Os outros dois eram José Rocha e José da Cruz. "Nei chamava Castelo {o presidente Castelo Branco} de carcará", lembra Roberto. O candidato a senador naquela eleição foi Odilon Ribeiro Coutinho, que teve Gerônimo Queiroz {irmão do deputado estadual e ex-reitor Geraldo Queiróz} como suplente.

Quando os votos são contados, o MDB sai das urnas com três deputados estaduais: Pedro Lucena, Geraldo Queiroz e Roberto Furtado. "Fiquei como o líder da bancada. Só em 1969 é que os Alves vieram para o partido". Nessa altura, as longas e implacáveis garras da ditadura tinham caído sobre Aluizio, Garibaldi e Agnelo Alves, que tiveram seus direitos políticos cassados por dez anos.

É em paz com a vida e com os homens, com o sentimento do dever cumprido, que Roberto Furtado relembra todos esses acontecimentos. Embora tenha deixado a vida política, continua um atento observador da cena brasileira e se diz um cidadão intransigente. "Radical, sempre fui", reconhece ele, que confessa estar decepcionado com o Governo Lula, de quem foi eleitor. "Lula está traindo os ideais de esquerda", diz, acrescentando em seguida: "Eu não considero esse povo de esquerda", referindo-se ao Partido dos Trabalhadores.

O combativo advogado mora hoje com a família numa ampla e confortável casa na rua Dr. Lauro Pinto, bem próximo da Avenida Capitão-mor Gouveia. Uma rua tranqüila até há alguns anos, mas hoje cercada por tribunais, escritórios de advocacia e lojas, com uma movimentação intensa de pessoas e veículos. Por uma dessas coincidências inexplicáveis, o Tribunal de Justiça foi se instalar justamente no outro lado da rua onde ele reside. Mas o cidadão e advogado Roberto Brandão Furtado hoje não tem mais o que fazer lá. Felizmente! Só uma coisa o incomoda de vez em quando: as pessoas que vão resolver alguma questão na Justiça Federal costumam estacionar os veículos em frente a sua garagem, muitas vezes impedindo-o de entrar ou sair de carro. Mas isso, comparado com as agruras do passado, não representa quase nada. 📖



Em uma festa (4º da dir. para a esq.)



Pescaria: uma das paixões



Com Henrique Alves e Osvaldo Garcia



Invenção de Eurídice

Autora: Iracema Macedo

Editora da Palavra – RJ (Fone: 21-3202-1684)

No Encarte Potiguar, da Preá 6, os leitores já tiveram uma pequena mostra da poesia de Iracema Macedo. Naquela edição, publicamos alguns poemas que fazem parte deste segundo livro solo de Iracema (o primeiro foi "Lance de Dardos"). O livro apresenta 33 poemas e segundo o poeta Affonso Romano de Sant'Anna, que assina a orelha, "é notícia de uma travessia existencial, amorosa".

A invenção de Caicó

Autor: Moacy Cirne

Sebo Vermelho Edições (Av. Rio Branco, 705 – Centro. 59025-002 – Natal-RN. Fone 9401-9008)

Neste novo livro, o poeta e teórico de quadrinhos Moacy Cirne, considerado pela Preá o mais importante estudioso de quadrinhos do país, conta, à sua maneira, a história de Caicó, cidade situada na região do Seridó, semi-árido do Rio Grande do Norte. Uma pista sobre o livro é dada pela orelha: "A invenção de Caicó é um mosaico/inventário de situações literárias contextualizadas pelo autor".



A armadilha de vidro

Autora: Diva Cunha

Editora Una (Rua Antônio Mor, 2812 – Ponta Negra. 59090-489 – Natal-RN)

Neste quarto livro de poesia (os outros foram "Canto de página", "A palavra estampada" e "Coração de lata"), Diva Cunha retoma alguns dos temas que vem explorando desde o início da sua carreira poética, como a poesia, a cidade, a mulher. Segundo Zahidê Muzart, além do erotismo, um outro tema avulta em "Armadilha de vidro", o da memória e da saudade.

Dunas Vermelhas

Autor: Nei Leandro de Castro

A S Editores (Av. Salgado Filho, 2850 – Lagoa Nova. Natal-RN. Fone: 84-206-9099).

Ficção e história se amalgamam neste novo romance do escritor e poeta Nei Leandro de Castro, autor do consagrado "As pelejas de Ojuara". A história se passa em Natal e tem como fio condutor a rebelião comunista que tomou o poder na capital, em novembro de 1935, no episódio que ficou conhecido como "Intentona Comunista". Livro para se ler de um fôlego só.



Janela aberta

Autora: Maura Rosângela (grevilha@zipmail.com.br)

Editado pelo Sesc-RN

Neste primeiro livro solo a poeta Maura Rosângela retoma ao tema do amor, que já vinha trabalhando em poemas publicados nas antologias coletivas da "Sociedade dos Poetas Vivos e Afins", "Nova era 2" e "Deixa viver poesia". O livro tem prefácio do escritor Flávio Resende. Envolvida com a disseminação da literatura, a autora é uma das fundadoras da Sociedade dos Poetas Vivos.

Cine Lembrança

Autor: Berilo Wanderley

Org. Maria Emilia Wanderley - Sebo Vermelho Edições

Reunião de textos sobre cinema, organizada por Maria Emilia Wanderley, publicados pelo jornalista Berilo Wanderley, entre 1960 e 1979, no jornal Tribuna do Norte. O livro traz também depoimentos de vários amigos do jornalista e cronista, morto em 1979. Segundo Moacy Cirne, que assina a orelha, "em Berilo quanto mais poético mais cinematográfico, quanto mais verdadeiro, mais humano".

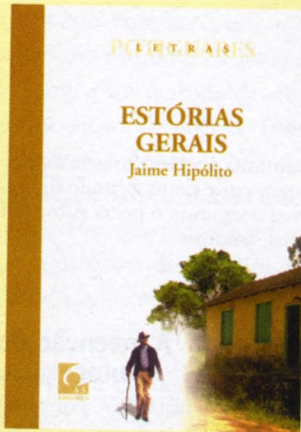
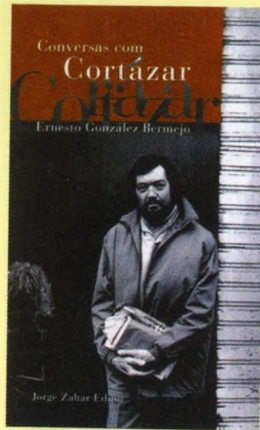


Kalliane Sibelli de Amorim
(Poetisa e professora de Língua Portuguesa)

Creio que a literatura serve como uma das muitas possibilidades do homem de realizar-se como homo ludens. E, em última instância, como homem feliz. A literatura é uma das possibilidades da felicidade humana... A linguagem que conta é aquela que abre janelas na realidade; um ato de estar abrindo na parede dos homens aqueles ocos que separam a gente de nós mesmos e dos demais.

A afirmação acima é de um dos mais conceituados contistas latino-americanos, Julio Cortázar, e se encontra no livro "Conversas com Cortázar", uma reunião de entrevistas que o escritor concedeu ao repórter Ernesto González Bermejo. Entre diversificados temas que vão desde a sua afeição pela música até sua relação catártica com a Revolução Cubana, fato que, segundo ele, o "despertou para a realidade latino-americana", Cortázar conversa sobre um dos mais problemáticos personagens da Teoria Literária: o conto.

Em livros didáticos encontramos o conceito simplório e sintético de que o conto é uma narrativa curta, com um único conflito. No entanto, os estudos literários mostram que definições completas de conto ainda estão por serem elaboradas, pois inúmeros são os questionamentos que emergem em torno dessa palavra: seria realmente o caráter de extensão o aspecto que define o conto? Qual a sua condição enquanto narrativa, seja ela popular ou, digamos, clássica? Existe alguma "fórmula" para se escrever contos?



Com uma história que se confunde com a história de nossa própria cultura, o conto passou por um processo evolutivo até adquirir a feição com a qual se nos mostra atualmente. Alguns pesquisadores apontam seu surgimento no antigo Egito, há cerca de 4.000 anos a.C., com "Os Contos dos Mágicos". Em seguida apareceriam as histórias bíblicas, as greco-latinas contidas na "Ilíada" e na "Odisséia", de Homero, as mil e uma noites persas e, daí, o conto teria se espalhado por toda a Europa, por volta do século XVIII.

Sua imagem também se modificou ao longo do tempo. Na Idade Média era empregado com o sentido de "resenha ou descrição de acontecimentos", assumindo seu sentido próprio, de história verossímil, apenas no século XVI.

Contudo, no século XVIII, o conto passou a ter uma conotação pejorativa, devido às ambigüidades semânticas entre ele, a novela e o romance. A partir de então, denominavam-se contos apenas as narrativas populares, fantásticas, ou seja, mesmo que escrevessem contos, os escritores os batizavam com outros nomes – lendas, histórias, episódios –, pois a literatura seria "inferiorizada" com o uso de tal termo. Somente nas últimas décadas do século XIX, com a produção literária realista, o conto passou a ser cultivado ampla e definitivamente como prosa de ficção.

Segundo o estudioso Massaud Moisés, o conto pode ser designado como "forma simples", referindo-se às histórias populares, folclóricas, que têm uma estrutura fixa e para as quais o russo Vladimir Propp elaborou uma teoria própria; ou como "forma artística", designando os contos estritamente literários, cujos autores buscam na realidade, e não na tradição folclórica, os temas a serem trabalhados.

A essência do conto constitui a base para as novelas e os romances, porém jamais poderá se transformar num deles, pois possui unidades dramáticas que não podem ser violadas, caso contrário perder-se-á aquilo que o caracteriza como tal. E é exatamente nesse ponto de unicidade, de univalência, que se irmanam as opiniões dos contistas.

O conto, diz Cortázar, é, efetivamente, o tipo de literatura e de poesia que eu qualifico de econômica. Já o comparei a uma esfera. É uma coisa que tem um ciclo perfeito e implacável. Uma coisa que começa e termina tão satisfatoriamente como uma esfera: nenhuma molécula pode estar fora de seus limites precisos. Um conto pode ter um enredo interessante, mas para mim isso não basta: a esfera tem que ser fechada.

Com essa afirmação, o escritor aborda dois pontos fundamentais das teorias que estudam o conto: a concisão, que diz respeito ao seu caráter anti-supérfluo, antiexcessivo, em que cada palavra e cada frase devem

estar ligadas ao todo que o constitui, de modo que não se possa alterá-las sem prejudicar a totalidade da história, seguindo, assim, o sétimo "mandamento" do "Decálogo do Perfeito Contista", proposto por Horacio Quiroga: Não adjetives sem necessidade. Inúteis serão quantas caudas acrescentares a um débil substantivo. Se achas o que é preciso, ele, somente, terá uma cor incomparável. Mas há que achá-lo.

O segundo ponto refere-se à unidade de ação, que abrange o conflito vivido pelas personagens, ou seja, suas ações e os acontecimentos de que participam. É a unidade de ação que determina as demais características do conto: o espaço, que deve ser restrito; o tempo, cuja significação dramática deve ser centrada na situação em foco, e não no passado ou no futuro; e o tom da narrativa, isto é, a harmonia que o texto traz em si capaz de despertar os mais variados sentimentos no leitor, o que Edgar Allan Poe designa unidade de efeito ou de impressão.

Os únicos elementos de um conto que jamais poderão aparecer sob essa exclusividade estrutural são as personagens, visto que o conto pressupõe a existência de um conflito, e o conflito só é determinado pelo confronto entre forças antagônicas. Mesmo os contos em que identificamos uma só personagem e cujas ações são internas, isto é, quando os conflitos se passam dentro da personagem, como é o caso de algumas histórias de Clarice Lispector, mesmo assim esses contos apresentam duplicidade (quando não variedade) de personagens, pois o plano psicológico representa o ser, o outro que luta contra as vicissitudes do protagonista.

O discurso de Cortázar vai ainda ao encontro do que diz Mário de Andrade em "O empalhador de passarinho": O que é conto? Em arte, a forma há de prevalecer sempre esteticamente sobre o assunto. O que esses autores Maupassant e Machado de Assis descobriram foi a forma do conto indefinível, insondável, irredutível a receitas, do que se deduz que, primeiro, a busca da estética formal, das particularidades do texto qualificado como conto é mais relevante que seu próprio conteúdo, o que equivale a dizer, na linguagem de Cortázar, que a esfera fechada vale mais que o bom enredo; e, segundo, que não há fórmulas para essa antiga arte de contar histórias... mas há os bons escritores, que souberam dançar na invisível corda-bamba do conto.

Não é preciso, contudo, procurar muito longe para encontrar as nuances de uma boa história. Tomemos como exemplo o conto "O regresso", presente no livro "Estórias Gerais" (Coleção Letras Potiguaras – AS Editores), do escritor mossoroense Jaime Hipólito Dantas.

"O regresso" mereceria lugar especial em qualquer antologia do gênero no país. Razões há, e muitas. De início, o autor surpreende até o leitor mais habituado

aos livros: o foco narrativo, que, de acordo com os padrões do conto, deveria se apresentar em primeira ou em terceira pessoa, aparece abertamente em segunda pessoa: Teus olhos estão sonolentos, tuas pálpebras pesam e tua cabeça meneia. Experimentalismo ou não, a verdade é que o autor consegue aproximar ainda mais o elo de identificação comum que os leitores travam com a personagem. O efeito desse recurso, não menos propício em literatura, é o de que a realidade "real" mistura-se à "fictícia": o leitor passa a ser a própria personagem.

No entanto, caminhando pelo conto, cujo assunto é o regresso que a personagem faz do Acre para o Rio Grande do Norte, depois de ter buscado melhorar as condições financeiras em pleno ciclo da borracha, podemos construir uma imagem da voz que fala no conto: seria a voz interior da própria personagem, relembrando-lhe os percalços enfrentados, desde a partida (Te lembras de que tua velha quase não te soltava, porém, em nenhum instante te pediu, não te vás, não te vás?) até o momento em que o conto se desenrola, isto é, no ônibus que fazia o percurso de volta (Agora, neste ônibus, não puseste a cabeça fora, como se só houvesse pra ti o mundo que criaste na tua imaginação, ou que foi criado por tua infância mal apetecida).

É essa voz interior quem nos dá a conhecer a personagem: sua vida alegre no lar, antes da partida; os enjoos da viagem, causados pelo balanço do navio; o medo de morrer afogado nos igarapés, posto que não sabia nadar; os dias que passara sem comer; enfim, as dificuldades que, segundo a voz, a personagem deveria esquecer, porque aquela era uma viagem de volta, logo, uma viagem feliz, o que dá ao conto uma conotação universal: quantas vezes o mundo não assistiu à partida daqueles que querem lucrar em terras distantes e depois voltar e se estabelecer em sua terra?

Dessa forma, o conto não apenas narra o regresso, a viagem mesmo de volta, como também o regresso da personagem em si mesma: é a sua consciência que fala de si para si, exortando-a a esquecer a vida difícil que levava, já que aqueles dias haviam sido transpostos e o que realmente importava era a espera ansiosa dos familiares na rodoviária.

Diante de um conto norteado de qualidades tão distintas, é possível que ainda nos restem dúvidas sobre a conceituação desse gênero literário. Até onde irá a criatividade dos escritores? Até o ponto em que os críticos definitivamente não saibam batizar seus objetos de estudo? Nunca se sabe. As orientações estão dadas, mas, se a complexidade persiste, que persista ainda mais o sabor de se degustar um conto – esse petisco tão adequado à correria de nossos tempos. ■

Afonso Martins (Designer gráfico)

Romancista: João da Rua

Poeta: Adriano/Carlos/Henrique de Souza

Livro: O Spleen de Natal

Filme: Vertigo – Um Corpo que Cai

Diretor/Cinema: Augusto Lula

Ator/Atriz: Fernando Athayde

Pintor: Novenil Barros

Cantor/Cantora: Terezinha de Jesus

Compositor: Felinto Lúcio Dantas

Música: Estrela Vadia, do Gato Lúdico

Peça teatral: Auto da Compadecida, com Zezo e Jesiel Figueiredo

Intelectual: Celso da Silveira

Personalidade Cultural do RN: Jorge Fernandes

As flores do baobá

Ensaio Fotográfico



*F*otos e texto de José Augusto dos Santos, fotógrafo amador, com premiação nacional pela revista 4 Rodas; fotógrafo do Projeto Viva a Diferença, de cunho sócio-cultural, tendo trabalhos inseridos em capas de livros e CDs.

Fotografias do Baobá localizado à rua São José, em Natal.

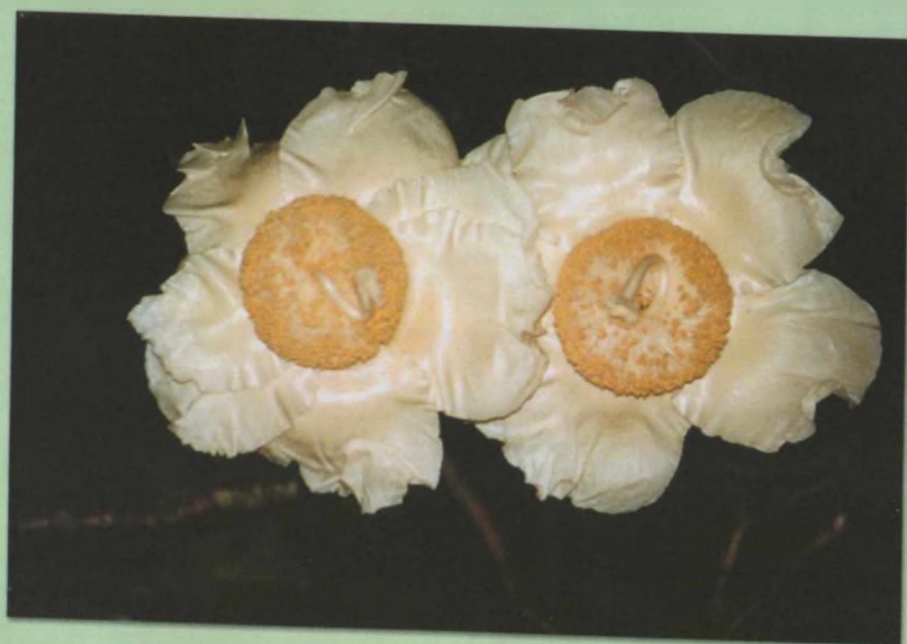


É singular quando se extrai da natureza, como uma bênção eterna, o momento quase único, de grandeza, simplicidade e até de cumplicidade... é como estar, ser o expoente da magia que a vida nos oferece... basta tão pouco para ser tão grande e belo...



As flores do baobá revelam-se em momento certo, anunciam sua chegada, criam expectativas, adornos. Quando chega o momento, ascendem viva presença e exuberância. Com um certo pudor, na calada da noite, revelam-se fêmeas, harmoniosamente mostrando a que vieram. Seu perfume impar, diferente fragrância que determina sua personalidade única: alma negra revestida em pele branca.





As flores do baobá são frutos de uma eterna reverência de um certo escritor Exupéry, paixão de um poeta Cunha Lima, que traduzem renovação histórica de velhas tradições e cultos espirituais.



O baobá, assim como os poetas o definem, mostra sua altivez, dedicando seus frutos, suas flores, a abençoar o nosso chão, nossa terra, e a nós que o acolhemos.



*Se assim, na raridade do momento, do compartilhar agora universal, a
permissão em tê-las o par, a dualidade, o florescer e o renascer da própria
vida, juntas, abertas, solenes, faceiras, alegres, convidativas, rápidas,
mutantes e eternas...*

“te vejo flores em você” 🌻





Luciana Carlos Celestino
(Jornalista e mestre em Ciências Sociais)

Ilustração: Jota Medeiros

Em todos os tempos e épocas da história humana sempre pairou sobre (in)determinados objetos um tabu. Conhecer tudo ou saber em demasia nunca foi uma virtude aceita. Pelo contrário, aqueles que se aventuraram nos caminhos do conhecimento interdito ou proibido, não viveram muito para partilhá-lo com os outros. As chamas queimaram muitos cientistas e sábios, visionários e hereges, e esses, sabiam apenas além do vulgo, não deram mais que alguns passos à frente, não detinham o conhecimento de tudo. Queimando-os, a humanidade, se não deu alguns passos atrás, tornou mais lenta e penosa sua própria caminhada. A punição sempre foi o destino dos curiosos e desavisados.

Então, há coisas que não se pode conhecer? Segundo Roger Shattuck (2000), que se aprofundou no estudo do conhecimento proibido, a resposta é sim. Saber tudo nos

tornaria deuses ou fantoches, pois é justamente a busca do desconhecido, a curiosidade, o nosso desejo insaciável de conhecer que nos limita e nos define como humanos.

Então, a posse de todo o conhecimento nos tornaria tão soberbos e egoístas que nos faria monstros? A literatura, como é de sua natureza, nos traz sempre uma bela história, se não como resposta definitiva, pelo menos como pista para nossas aflições tão humanas. Aqui mesmo, entre nosso tão sábio povo do Sertão, a narrativa de uma heroína arquetípica é cantada em verso e cordel, vinda das terras de além-mar, desde que os primeiros europeus aqui chegaram. A donzela Teodora é descrita como a mulher mais sábia do mundo, mas isso não faz dela um monstro. Poderia figurar como uma deusa, mas em sua bela e singela história vence os homens mais sábios de um reino apenas respondendo humildemente suas perguntas.

Mas, seu rosto de ninfa não poderia esconder um terrível monstro devorador de incautos? Não poderia ser esta donzela uma nova Esfinge a assolar as estradas do conhecimento trilhadas pelos desavisados viajantes: nós? Não seriam Teodora e Esfinge potências, arquétipos

da punição à curiosidade excessiva? Ora, a Esfinge punia aqueles que olhavam-na boquiabertos quando lançava o famoso desafio “decifra-me ou te devoro!”, enquanto Teodora decifrou os enigmas que lhe propunham os sábios para salvar-se. Elas se cruzam no momento em que saber significa sobreviver. Mas, não é qualquer conhecimento que pode garantir nossa sobrevivência.

Shattuck compara a Esfinge à ciência aplicada à vida prática e poderíamos dizer que Teodora é o conhecimento pelo conhecimento. Enquanto os enigmas da Esfinge impõem uma condição de morte se não forem resolvidos, o saber adquirido pelo simples prazer de conhecer, como a sabedoria de Teodora, não exige uma aplicabilidade prática, porém não se furta a essa qualidade. A questão não está em saber, mas em como essa sabedoria é adquirida e utilizada.

Essas duas histórias tão distantes e ao mesmo tempo tão paralelas nos fazem pensar sobre a mesma questão: que tipo de saber queremos para nossa humanidade, o que nos faz insaciáveis monstros devoradores ou poetas conhecedores dos limites e das aplicações? O saber macrocômico ou microcômico? Que ciência queremos, a que faz perguntas incisivas e limitantes ou a que divaga e espalha-se pelo mundo do saber das Musas? Como os enigmas da Esfinge, a Ciência tem dois campos de atuação: um relativo à natureza das coisas e outro relativo à natureza do homem e, em consequência, dois tipos de reinos a serem conquistados: um reinado sobre a natureza, o outro sobre o homem. O que preferimos, que a ciência, nossa atual forma de levantar o véu do desconhecido, seja uma espada sobre nossas cabeças, ou uma bela árvore que espalha seus ramos e raízes além da praticidade e plasticidade atuais? O sol pode clarear e tornar mais belas muitas imagens, mas sol em demasia, ofusca, queima, extermina o que, com um pouco de sombra se delineava.

O fato é que, não foi o sábio deus Mercúrio ou o Apolo ofuscante que desvendaram o enigma da Esfinge, mas sim Édipo, um homem coxo, um aleijado dos pés. E isso nos aponta para o erro que cometemos, pois ao contrário do passo lento, porém estudado, de Édipo “(...) os homens em geral avançam com demasiado açodamento e pressa em direção à solução dos enigmas da Esfinge” (Shattuck, 2000, p. 333). E, citando a Sabedoria dos Antigos (1610) Shattuck nos mostra que, desse modo, decorre que a Esfinge os vence, e eles, em vez de obterem um reino devido a suas obras e efeitos, conseguem apenas distrair e preocupar suas mentes com disputas. Ocupam-se

com estratégias para vencer a Esfinge, quando deveriam compreender onde falharam os que foram derrotados antes deles. Acontece o mesmo com grande parte da Ciência que conhecemos. Objetiva-se encontrar a cura e não a prevenção, observa-se a doença e não o doente como um todo, separa-se o homem da natureza e esta da razão... A questão é: será que fazemos as perguntas certas, será que elas não têm sido mínimas num mar de conhecimento tão abrangente? Que depois nos queixamos de ser, na sua maioria, oculto por véus.

Para Teodora não havia pergunta para qual ela não tivesse resposta. Suas respostas, porém, não se limitavam ao campo da praticidade, mas se enraizavam em todas as direções. Ao perguntarem a ela: “o sol de noite, terá a luz quente ou fria?”, com a sabedoria do povo ela disse:

*“Com a presença do Sol
É que se conhece o dia,
Se o Sol saísse de noite
A noite não existia
E sem o sereno dela
Todo vivente morria”.*

Vê-se que não se trata de uma resposta simplesmente objetiva, mas que contém uma reflexão e uma poética que une o ser humano aos processos naturais, pois que são ambos interdependentes, ao fim.

A ciência representada aqui por duas personagens congruentes e ao mesmo instante paralelas pode tomar a forma de uma grande sala com ampla porta e que dispõe de uma chave. Os mais afoitos correrão a abri-la pelo meio mais óbvio, ou seja, a chave pendurada na maçaneta. Estes não desconfiarão como parece muito simples alcançar algo tão caro como o conhecimento. Já os poetas divagarão sobre o que pode haver por traz de tão bela e ampla porta e seus poemas serão a chave correta para abrir a passagem para o maior de todos os conhecimentos, o domínio sobre si mesmo, o conhecimento da donzela Teodora, a chave para o enigma da Esfinge e da ciência. ■

Conhece-te a ti mesmo.

Platão

O saber na história de uma heroína nordestina

“Só'stô você mangá d'eu!”

Assim se dirigia a outro, um sertanejo nordestino. Juro que ouvi!



Ilustração: “Bom-dia” (Zé Caboclo-PE)

Gilberto Freire de Melo
(Pesquisador e escritor
pendenciense)

A linguagem, além das variações regionais, sofre os efeitos sociais da comunicação no âmbito de uma mesma comunidade. E, por desconhecimento ou por entender, a seu modo, as palavras e expressões ditas pelos letrados, o homem do campo, desde que não lhe é dado entender, ao pé da letra, a pronúncia e o emprego de algumas expressões, divulga-as tal qual foram entendidas, sem deturpação do significado e sem problemas de compreensão pelos seus interlocutores. Poderá ser difícil aos cidadãos o entendimento das expressões usadas nas conversas dos camponeses, porém, entre eles, fluem normalmente e nada perdem do significado que têm nas citações empregadas na chamada norma padrão.

Ouvir um sertanejo dizer *curto das oiça, derna-donte, cagado e cuspidó*, pode ser de difícil compreensão para alguns, mas transmite exatamente o que ele quer dizer ao outro, que não vai necessitar de consulta, de tradutores nem de dicionários.

Noutros trabalhos, já fizemos citar o diálogo ouvido entre dois sertanejos que confabulavam: Um perguntou:

-Essa carregação saiu por lá?

A que o outro respondeu:

-Manga!

Quem estava de fora, à parte, não entendeu nada. Nem era para entender. O assunto era dos dois e eles se entenderam. Entre eles a comunicação foi perfeita.

Sertanejo nenhum usa a linguagem para faltar com o respeito devido às situações, aos ambientes nem às pessoas. Quando conversa, por suas limitações do linguajar, não tem como substituir expressões que, no rigorismo de seu comportamento, considera desrespeitosas ou inconvenientes. Aí ele antecipa um *com-licença-da-má-palavra* que lhe concede tacitamente a permissão para falar. Quando, porém, pode contar com sinônimos da sua linguagem, prende-se aos mesmos, sem cometer qualquer deslize ou inconveniência passível de reprovação.

No seu modo de falar habitual, escolhe expressões e palavras de acordo com a platéia e com o ambiente. Olha em derredor, verifica se não há mulheres ou crianças, pede permissão e pronuncia o que lhe vem à língua, sem apelar para a sinonímia que às mais das vezes, não lhe foi dada conhecer.

Por exemplo: a expressão *defecar* não consta de seu vocabulário. Em compensação, pode empregar, sem qualquer receio de faltar com o decoro, em qualquer situação, sinônimos como: *fazer obra, fazer suas necessidades, dar-de-corpo, passar um telegrama* e até *descomer*, como disse João Grilo, no “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna. No seu ambiente, no cito dos roçados, no rancho das salinas, ele diz mesmo *cagar* que simplifica e traduz fielmente suas intenções. Urinar é outra expressão em desuso na sua linguagem. Dependendo do ambiente, ele diz *verter água* ou *mijar*.

E não constitui gíria a linguagem do sertanejo. A gíria representa uma variação não muito condizente com a fidedignidade da linguagem falada, ouvida e vivida no sertão nordestino. Embora seja reflexo da vitalidade da língua, a gíria não a enriquece, dado o seu caráter efêmero, temporário. Não constitui um vocabulário regional nem tem as características próprias de pureza do modo como fala o nordestino. É mais uma criação coloquial da malandragem, da boçalidade, da galhofa, da zombaria e do deboche, tudo isso usado sem o rigor, sem a circunspeção e sem os critérios de seriedade implícitos na conduta do sertanejo. A gíria, desde que se estenda à linguagem coloquial de algumas camadas sociais, poderá ser considerada, para não permitir que se percam expressões criadas à margem do linguajar oficial, sem constituir, porém, um dialeto, um sistema próprio e usual, tal qual o do sertanejo, um vocabulário especial já absorvido, em proporções consideráveis, pelos dicionários.

Rui Lopes, um conterrâneo, estudioso e igualmente preocupado com as facetas da comunicação, sintonizado

com este modo de pensar, sustenta categoricamente: “A gíria tenta camuflar o significado real da expressão e é mais usada por alguém ou por algum grupo ‘especial’ que teme aparecer”.

Por outro lado, o grande volume de verbetes ou vocábulos usados na oralidade do sertão nordestino não é criado pelo orador. É herdado do tupi-guarani; do contágio com os africanos; da audição de palestras; de histórias e de comentários de ações aqui e além ocorridas; e da própria capacidade de assimilação e de absorção não muito precisas e muitas vezes alteradas pelo entendimento e pela compreensão de vocábulos e expressões até então nunca ouvidos. Tudo isso a ser entendido e traduzido, a seu modo, para reprodução e retransmissão necessárias e imprescindíveis à coexistência. Não é possível se considerar gíria palavras e expressões como *defruço, iscandêlo, sustança* ou *cafiote*, que se impõem pelo uso constante, pela consagração e pela imunidade contestatória, em qualquer situação.

A linguagem do sertanejo tem identificação mais harmoniosa com o dialeto, que, apesar de suas diversas variações sociais, históricas, estilísticas ou regionais, constitui o subsistema de um sistema lingüístico. No caso específico aqui questionado, poder-se-ia considerar dialeto regional, posto que constitui variações localizadas numa área cujos vícios ou desvios lingüísticos, se assim se puder dizer, poucas diferenças apresentam entre uma e outra micro-região. Tem o mesmo padrão fonético, gramatical e vocabular. E que, vítima também da tal globalização, fatalmente desaparecerá.

“O sertanejo não fala errado, fala diferente de nós”. É a mais autêntica e convincente assertiva já registrada em nossos conceitos lingüísticos. Pode ser considerado erro o linguajar sertanejo, em relação à gramática oficial, de que ele quase não necessita, porém, deve ser acatado, pois obedece a parâmetros de comunicação próprios de seu universo – a sua cultura, que é representada pelo que ele fala e pelo que ele diz.

Os indígenas nunca necessitaram de regras gramaticais ou de dicionários para a consagração de seu idioma. No entanto, o tupi-guarani está aí influenciando ainda os mais diversos tipos de nossa linguagem oral e escrita, que não descartam – e até absorvem – palavras e expressões como *piracema, pitanga, igapó, urupema* e tantas outras oficializadas nos dicionários da língua portuguesa.

Comentando versos de Renato Caldas, o também poeta potiguar Benilde Dantas disse: “Renato encanta, com seus versos, na fala em que se exprime o mais brasileiro de todos nós: o sertanejo”.



Os sapatos do homem morto

Alexis Peixoto (Escritor)

Ilustração: Sayonara Pinheiro

Ausente como estava o pai dentro daquele terno, já pouco importava. Era agora só uma sombra, uma casca, um rascunho do que fora antes, como uma piada que, passada de boca, em boca perde a graça e aborrece a quem ouve. Morreu. Foi-se. Adeus.

Em volta do caixão agrupavam-se amigos, parentes e funcionários da casa de velório. Lá fora, chuva rala de luto.

Ao fundo, o filho. Chateado, encostava-se com força contra a parede, na esperança de talvez atravessá-la, romper relações com aquele lugar azedo e fugir para outro ambiente onde houvesse melhores sensações, um espaço para rir, onde se criasse melhor clima para se passar uma manhã cinzenta feito aquela. Teve vontade de fumar mas, em respeito ao morto, não o fez. Quis chorar, mas não conseguiu. Sentia-se um verdadeiro inútil, um grande e imprestável insensível. Num gesto de amarga ironia, tocou o peito por baixo do paletó para certificar-se de que também não morrera. A engrenagem ainda batia. Bom.

Apertou milhares de mãos naquele dia. Com um muxoxo recebeu os abraços, tentando mostrar nas feições tortas um luto que não sentia. Cansava-lhe profundamente todo aquele espetáculo.

“Era um homem bom, seu pai, bobo, mas bom”, disse um tio - dono de uma sinceridade ébria. “Não queria o mal pra ninguém”, chorou uma vizinha, escondendo o rosto entre as mãos enrugadas, “...pra ninguém”, repetia.

Afastou-se daquela gente lacrimosa e foi jogar-se num sofá velho, nos fundos do salão, perto da parede e do bebedouro. Agarrou-se ao garrafão de plástico e, copo após copo, tentou beber de volta o pai; tentou beber de volta os abraços e afagos, as tristes palavras de consolo que de nada lhe serviam; tentou beber de volta algum momento bom, digno de uma lágrima, ou um engulho, que fosse. Nada. Ele estava morto. Simples assim.

Nunca entendera de verdade o pai. Talvez porque nunca o tivesse julgado um sujeito muito interessante. Era chato, meio metido a intelectual e tinha um senso de humor burro demais. Cuspia um tom de voz monótono, fanhoso, a fala saía aos tropeços, numa espécie de problema respiratório que fazia com que sempre destacasse a palavra errada na frase. “E aí, como é que vai você?”. Não tinha a menor habilidade para tratar de problemas domésticos ou sentimentais; era um ser humano que não entendia bem como se comportar perante o próximo; achava que um beijo de boa-noite antes da hora de dormir e boas roupas

eram suficientes para curar qualquer mal. Era amigo dos livros, mas nada entendia de pessoas que não fossem feitas de papel.

Deixou de herança os sapatos velhos que ganhara do avô, quando ainda era muito jovem. Usou-os por toda a vida porque, segundo dizia, sempre lhes trouxeram boa sorte. Casara-se com eles nos pés e dentro deles levou a esposa ao hospital e ao cemitério. Com eles, uma só vez, pisou em falso. Queria ser velado neles, e antes do caixão descer, que os retirassem de seus pés para que entrasse no Paraíso descalço, de fininho, para não acordar Deus.

Um par de sapatos. Nem os livros deixou. Queria ser enterrado com sua biblioteca e o que não coubesse no caixão, deveria ser jogado numa grande fogueira, no quintal de casa. Esperava que o filho se saísse melhor do que ele e, portanto, não permitia apego aos livros.

O filho, desajeitado, levantou-se, pôs as mãos no bolso, e começou a andar pelo espaço, procurando se afastar o máximo da área do caixão.

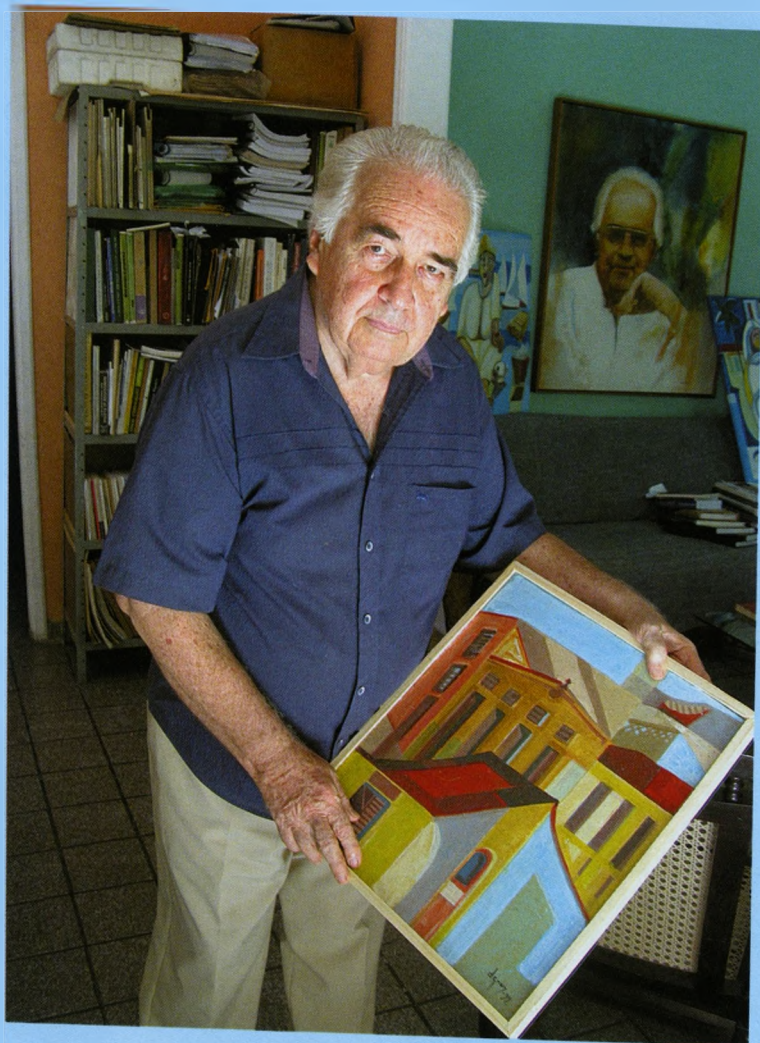
Por fim, descalçaram o morto, fecharam a tampa, deram-lhe as bênçãos, desceram o corpo. “E aí, como é que vai você?”

Foi uma tia distante quem foi procurar o filho para entregar-lhe os sapatos do pai. O jovem os recebeu com uma careta de desgosto e um dar de ombros melancólico. Sentia-se muito mal com aquilo tudo.

Saiu para a chuva, os braços cruzados sobre o peito para indicar que não estava prosa para ninguém. Sentou-se na escadaria da entrada, afrouxou a gravata e acendeu um cigarro. Recostado nos degraus, observava os sapatos vazios e defuntos pousados nos joelhos. Era filho único, sem mãe e não chorara no enterro do pai. A chuva caía fina como cuspe. E ele, mais do que ninguém, se sentia merecedor de uma boa cusparada, bem no meio da cara. Estava sozinho.

Ficou ali, fumando e jogando fumaça para o alto, tentando desesperadamente achar utilidade boa o bastante para os sapatos de um homem morto. ■

Dorian Gray quer ser lembrado como um “fazedor de coisas”



Por Gustavo Porpino

Fotos: Areta Luna e acervo do entrevistado

O natalense Dorian Gray Caldas é uma artista por completo. Aos 74 anos, o pintor, tapeceiro, escultor e poeta continua fazendo da vida um exercício da arte. As suas obras permanecem em evidência comprovando que a arte nunca envelhece. “Barcos e barqueiros”, um óleo sobre tela do acervo da Pinacoteca do Rio Grande do Norte, ilustra a capa da Telelista 2004, catálogo telefônico de circulação nacional, que no ano passado homenageou Portinari. Outras tantas obras de Dorian estão espalhadas pelo mundo, enriquecendo desde gabinetes de embaixadores até sedes de organizações internacionais.

Dorian cresceu numa família de artistas. A mãe Nympha Caldas gostava de pintar e o tio Manoel de Moura Rabello foi artista plástico e poeta. Moura Rabello mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1935, e fez parte da Academia Guanabarina de Letras. Luiz Rabello, outro tio de Dorian, também foi poeta. A irmã Zaira Caldas, atualmente morando em Natal, fez carreira como artista plástica no Rio de Janeiro e em Portugal.

A vida de estudante no Colégio Sete de Setembro e posteriormente no Atheneu norte-rio-grandense permitiu o contato com clássicos da literatura. Eram tempos em que os jovens tinham nos livros sua principal fonte de informação e conhecimento. “Lia Drummond, Bandeira, Clarice Lispector, Jorge de Lima, José Lins do Rego, os russos Tolstoi e Dostoievski...”

O hábito da leitura ajudou na sua formação como artista plástico. Aos 10 anos, Dorian já desenhava figuras humanas e paisagens copiadas de livros de história, cinema e quadrinhos. Autodidata, o pintor seguiu aprimorando sua técnica de copista e diz nunca ter precisado de um curso de belas artes.

Os anos 40 foram marcados pela atividade poética. Incentivado pelo tio Luiz, Dorian Gray começou a compartilhar sua produção literária com os futuros poetas Newton Navarro, Zila Mamede, Luís Carlos Guimarães e Lenine Pinto. “Fazia parte deste grupo”. A repercussão alcançada pela chamada Geração de 45, caracterizada por um maior rigor na elaboração poética, servia de incentivo para os jovens poetas seguirem em frente. A literatura brasileira entrava numa nova fase naquele ano de 1945, simbolizado também pelo lançamento de “O Engenheiro”, livro de João Cabral de Melo Neto, que rompe a norma do subjetivismo.

“Era a geração de Vinícius de Moraes, Mauro Motta, Afonso Félix de Souza e outros. Havia um clima de pós-modernismo, mas nunca pertenci a um segmento literário rígido. Gosto de escrever sem causa, ao sabor do vento”. Dorian Gray continua escrevendo por prazer. Publica todos os domingos ensaios no jornal Tribuna do Norte. A produção poética nunca foi abandonada. “Os dias lentos”, último livro de poesia escrito por ele, foi lançado em 1999.

Dorian Gray faz planos para publicar no próximo ano o “Dicionário das Artes Plásticas do Rio Grande do Norte”. “Tenho muita esperança em editá-lo”. A publicação



registra toda a produção das artes plásticas potiguanas desde o século XIX com verbetes, catálogo com exposições realizadas, ficha bibliográfica e a reprodução de uma obra de cada artista plástico apresentado.

Tapeçarias inspiram o pintor

O início dos anos 50 marca, em muito boa companhia, o surgimento de Dorian Gray como artista plástico profissional. O Salão de Arte Moderna do Rio Grande do Norte, exposição organizada em parceria com Newton Navarro e Ivon Rodrigues, comprovou o talento artístico de Dorian e resultou em diversos convites para novas exposições ao longo dos anos seguintes. "O evento revolucionou a cultura potiguar, com debates sobre as novas tendências artísticas, nacionais e internacionais, tornando-se marco da penetração do movimento modernista no campo das Artes Plásticas Potiguanas", comenta Antônio Marques, crítico de artes e marchand.

Ainda na década de 50, visitou uma exposição de tapeçarias no Museu de Arte Moderna de São Paulo. A viagem terminaria por transformar a carreira de Dorian Gray. Diante de obras de Picasso, Matisse, Leger e outros ícones da arte europeia, o artista plástico aumentou seu interesse pelas tapeçarias. A decisão de produzir tapetes veio alguns anos depois ao admirar uma mostra do artista plástico Genaro Carvalho. "Era esplendoroso, mas não gostava da ausência de curvas e sombras".

Mostrando maturidade artística, Dorian Gray desenvolveu seu próprio ponto para conseguir retratar nas tapeçarias uma harmonia plástica semelhante à pintura. "Criei o ponto falso brasileiro. Eu era muito exigente em querer fazer um tapete com padrão próximo da pintura". Não há como negar que a inovação de Dorian fez sucesso. Os tapetes estão espalhados por todo o mundo.

Roberto Marinho, fundador da Rede Globo, o empresário Mendes Júnior e o ex-ministro Mario Henrique Simonsen foram alguns dos compradores. Os pedidos chegavam

a cem por ano vindos de diversos países. "Eu tinha entre 50 e 60 bordadeiras trabalhando comigo. Tinha encargos como se fosse uma fábrica". A sede do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Washington (EUA), local de uma de suas exposições internacionais na década de 70, possui quase uma dezena de obras do artista plástico potiguar. "Canavial", um de seus tapetes mais elogiados, decora o gabinete do secretário de segurança dos Estados Unidos, na Casa Branca.

A paixão pela literatura e a dificuldade em manter tamanha produção motivaram o artista plástico a abandonar a tapeçaria. "Até o final dos anos 80 ainda fazia, mas sempre gostei muito de escrever e não quis continuar preso ao ateliê", conta. Livre para dedicar mais tempo à produção literária, Dorian publicou quatro livros na década de 90.

Paixão pelos valores da terra

Dorian foi primeiro pintor para depois mergulhar na poesia. "A pintura independe de certa escolaridade. Agora, precisa ter cultura para desenvolver a literatura". Ele conseguiu como poucos retratar nas suas telas os valores culturais da sua terra natal. O apego à cultura potiguar não surgiu instintivamente. Certa vez, no final dos anos 50 e início da década de 60, teve a oportunidade de expor suas obras no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco e outros estados nordestinos. A valorização de seu trabalho em centros mais desenvolvidos motivava o artista a deixar Natal.

"Naquela época, veio a vontade de me fixar numa cidade maior". Quando amadurecia a idéia de seguir carreira em outra cidade, foi aconselhado pelo embaixador Nestor dos Santos Lima a valorizar a cultura local na sua obra. "A pintura que se fazia no Brasil naquela época era descaracterizada dos valores culturais, era muito influenciada pelo cubismo, dadaísmo, abstracionismo, estes ismos todos...".

A opinião do embaixador foi levada em conta e Dorian Gray passou a explorar o cotidiano da sua terra, o folclore, a obra de Cascudo e Gilberto Freyre, a antropologia e a etnografia na produção de sua arte. "Ainda hoje estou muito preso às formas culturais do nosso país", salienta. A identidade da obra produzida por Dorian é tão forte que até os leigos conseguem identificar uma tela de sua autoria espalhada entre tantas outras de artistas potiguanas.

A mudança de comportamento como pintor continua rendendo conquistas. O artista plástico contabiliza prêmios importantes como a medalha de Ouro no Grand Prix da Bélgica, recebida em 1997, além dos diplomas nos 20º, 21º e 23º Salões Internacionais de Revin, na França, nos anos de 1992, 1993 e 1995.

Mesmo tendo conseguido criar um estilo tão peculiar, Dorian destaca que a pintura para ele continua sendo mutante. Recentemente, viveu uma situação curiosa. Ao ver uma tela pintada por ele há anos atrás, não soube dizer se era mesmo de sua autoria. "Não sou um narcisista. Pinto e passo adiante". Uma pintura em particular ele não pode comercializar. A ceia em tons azuis que decora a sala de jantar de sua residência não pôde deixar a casa por exigência da esposa Wanda. "Ela disse – esta aqui não deixa sair de casa, faça outra".

O gosto pela arte como herança

Os cabelos grisalhos de Dorian Gray, tão bem retratados na tela de Everaldo Botelho que decora a sala de estar de sua casa, não escondem o passar do tempo, mas também podem ser vistos como um sinal de sabedoria. Os filhos Adriano Gray e Dione Maria Caldas Xavier há muito encontraram no pai a capacidade de influenciar suas carreiras. "De tanto verem este mundo meu, acho que influenciei".

Adriano é poeta e conquistou o segundo lugar no Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães (2003), promovido anualmente pela Fundação José Augusto. Dione publicou "Canto Vivo" e "Cadernos de Poesia". Dorian Gray comprova que o bom artista não só produz arte como também deixa um legado a ser seguido.

Humilde, Dorian nunca aceitou o rótulo de artista inovador ou ícone das artes plásticas potiguanas. Prefere ser lembrado como um simples "fazedor de coisas". "Eu sou uma pessoa muito apaixonada pela arte. Não tenho preconceito com nenhum estilo. Tenho minha maneira de ver as coisas. Se alguém gosta, tudo bem. Se não gosta, paciência. É como dizia Cascudo citando Goethe: 'mas se assim faço, aqui estou'".



ERASMO XAVIER

O centenário de um precursor

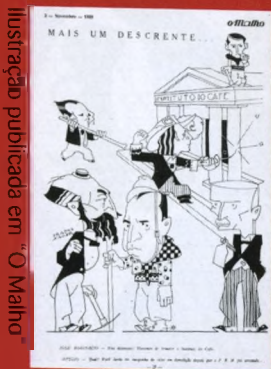


Ilustração publicada em "O Malho"



Mário de Andrade



Fotos: Anchieta Xavier e acervo de Rejane Cardoso



Erasmo Xavier



A noiva Áurea

Quinze anos depois de ter escrito "Erasmo Xavier – O elogio da loucura", pela Editora Clima, a jornalista Rejane Cardoso não tinha mais praticamente nenhuma esperança de recuperar alguma peça ou documento do acervo de Erasmo Xavier de Paula, artista plástico, cenógrafo, caricaturista, ilustrador e fotógrafo amador, que em outubro deste ano completará cem anos de nascimento.

Em agosto, quando já começara a pensar numa exposição em Natal, para marcar a passagem do centenário de Erasmo, o acaso colocou na sua frente, numa feirinha de antiguidades, na Praça Benedito Calixto, em São Paulo, a revista "O Cruzeiro", nº 16, de 1933, cuja capa é assinada pelo artista plástico potiguar. Erasmo Xavier não pôde ver essa capa impressa. Estava morto desde abril de 1930.

Viveu pouco, mas intensamente. E o seu legado não se perdeu graças à tenacidade e paixão da sobrinha Rejane Cardoso, que com ajuda de amigos e parentes recuperou não apenas parte do acervo, mas, principalmente, a história fascinante e trágica deste que pode ser considerado, na opinião do jornalista Vicente Serejo, o pioneiro da arte moderna no Rio Grande do Norte.

Segundo Rejane, a primeira pessoa que teve faro jornalístico para perceber a importância de Erasmo Xavier, foi o marido {Vicente Serejo}. Ela conta que no início da década de 70, o tio Otacílio Cardoso descobriu alguns artigos assinados pelo artista plástico no jornal "A República". Entusiasmada com a descoberta, começou a busca por originais de desenhos, fotos e manteve conversas com quem o conheceu.

Em 1986, foi ao Rio de Janeiro pesquisar na Biblioteca Nacional. "Só na sexta-feira, último dia programado para a busca, depois de ter passado página por página (umas dez mil) das quatro revistas dos anos 28, 29 e 30, é que encontro duas charges assinadas claramente, na revista 'O Malho'. Só não chorei com vergonha da bibliotecária! Junto com alguns desenhos encontrados na mala que vovó {a mãe de Erasmo, Alice Xavier de Paula} guardava debaixo da cama, começamos a ir montando o quebra-cabeça", lembra Rejane.

O quebra-cabeça montado resultaria no livro "Erasmo Xavier – O elogio do Delírio", relato instigante, recheado de substancial iconografia, sobre a curta e aventureira vida de Erasmo, um homem sempre bem humorado, elegante, irreverente e boêmio que só bebia leite.

Erasmo Xavier de Paula nasceu em 31 de outubro de 1904, na Av. Rio Branco, na Ribeira, filho de Joaquim de Paula Filho e Alice Xavier de Paula. Foi o primeiro de quatro filhos. Iniciou os estudos no Grupo Escolar Augusto Severo, onde foi contemporâneo do ex-presidente da República Café Filho. Por volta de 1917, partiu para o Rio de Janeiro, para estudar interno.

Nos anos em que passa no Rio, trabalhou, em 1922, na grande exposição que comemorou os cem anos de independência; Encenou o préstito dos "Pierrots da Caverna" {sociedade carnavalesca}; participou da encenação de "Bonecas da Avenida", no Teatro Recreio;

excursionou com a Companhia de Teatro e Teóris Tan-Tan; Colaborou nas revistas "O Malho", onde publica charges de página inteira, "Fon-Fon", "Careta" e "Tico-Tico". Foi amigo do grande caricaturista J. Carlos, com quem trabalhou em "O Malho".

Em 1928, chega em Natal para se cuidar de uma tendência para a tuberculose, por recomendação do doutor Clementino Fraga. Inicia colaboração para a revista "A Cigarra", que seria lançada em novembro daquele ano por Adherbal França, mesmo mês e ano de lançamento de "O Cruzeiro". A Cigarra durou apenas cinco números e tinha seus clichês feitos no Rio e em São Paulo. Ele fez as capas de todos os cinco números e a maior parte das ilustrações. Escreveu também artigos e um conto "O Agente nº 192". Em 1929, ornamentou o Aero Clube de Natal para o carnaval, com o tema "A caverna de mephistófeles".

Por coincidência, 1928 é o ano em que o escritor modernista paulista Mário de Andrade visita o Rio Grande do Norte, tendo como cicerone Luís da Câmara Cascudo. Tanto Rejane quanto Serejo acreditam que houve contatos entre Mário de Andrade e Erasmo Xavier. As fotos são uma evidência. O potiguar tira fotos de Mário na visita que este fez as ruínas do engenho de Cunhaú. Numa das fotos, Mário aparece ao lado do crítico Antônio Bento. Erasmo também faz um retrato de Mário, em nankin sobre papel, de 27,2 x 23,9 cm. Esse encontro, na opinião de Serejo, gerou uma influência na formação da personalidade artística de Erasmo, voltada para o Modernismo.

"Erasmo Xavier é uma figura intrigante dentro do que poderíamos chamar 'um estado de espírito modernista', advindo das aspirações da Semana de 22", ressaltou o crítico Marcos Antônio de Moraes, em artigo publicado no jornal O Estado de São Paulo, em fevereiro de 1991. Ainda segundo o crítico, a produção de Erasmo em "O Malho", "A Cigarra" e no jornal "A República", "mostra um espectador crítico e interessado nas inovações que o teatro ia assimilando".

"Espírito modernista" esse entranhado tanto na obra quanto na vida cotidiana de Erasmo, como bem provam o uso do gramophone e da máquina fotográfica, objetos que simbolizavam, no início do século passado, a modernidade por excelência.

Visionário, em artigo publicado em 1929, em "A República", com o título "Anúncio é dinheiro", destaca a importância do cartaz para a publicidade e decreta: "Hoje, por assim dizer, a fórmula 'tempo é dinheiro' podia ser substituída por esta outra: 'anúncio é dinheiro'.

No Rio, também trabalhava para casas comerciais como a Mesbla, na época natalina, fazendo desenhos de Papai Noel. Para Vicente Serejo, Erasmo bem que poderia ser o patrono da publicidade potiguar. Outros artigos como "Teatro é cenografia", "Teatro nacional", "A cenografia e o teatro moderno", mostram um artista antenado com a vanguarda. "Arte é agressão, é arrojo", decreta em um dos seus textos.

O perfil que o irmão Genival Xavier traçou de Erasmo coincide com os relatos dos contemporâneos e as fotos deixadas pelo artista plástico: "Erasmo era um tipo alto, moreno, de olhos negros, comunicativo. Vestia-se elegantemente (paletó e chapéu palheta) e torcia pelo Botafogo. No Rio tinha uma vitrola e gostava de música popular brasileira. Gostava de ser fotografado e de fotografar sua noiva Áurea e seus amigos. Tinha uma máquina caixão 6 x 6 e mais adiante uma kodak fole 33mm. No dia 25 de março de 1930, às 16 horas, o caricaturista partia do Rio de Janeiro para fazer sua última viagem para o Norte. Sua partida foi de navio, embarcou no armazém nº 12. Estavam presentes sua noiva Áurea, sua irmã Eymar com seu esposo Paulino Ribeiro, Raul de Castro, o poeta e escritor Olegário Mariano e eu. Foi uma partida triste. Suas últimas palavras foram: 'Breve eu volto'. Deu um beijo na noiva e pouco depois o navio partiu".

Jamais voltaria. Viria a falecer em Natal, de tuberculose, em 23 de abril de 1930, menos de um mês depois de ter deixado o Rio de Janeiro, aos 26 anos incompletos. "Erasmo Xavier, que desapareceu tão prematuramente na madrugada de ontem, era uma das mais lindas esperanças da arte norte-rio-grandense", registrou nota publicada em "A República", em 24 de abril de 1930. O que era absolutamente verdadeiro.

Em maio de 1948, Câmara Cascudo resgata, em uma de suas "Acta Diurna", que publicamos na íntegra, a grande figura humana e artística que foi Erasmo Xavier.



ACTA DIURNA

Câmara Cascudo

(Especial para o Diário de Natal - 04.05.1948)

Há dezoto anos passados falecia nesta cidade do Natal um jovem desenhista de talento, Erasmo Xavier de Paula.

Lembro muito desse desenhista de grandes olhos negros, vivaz, lépido, alegre como uma andorinha, cheio de sonhos e de planos, andando depressa, sempre armado com sua "kodak", batendo "instantâneos", encantado com a vida, com a luz, com a natureza.

Adherbal de França dirigia uma revista elegante, "A Cigarra", que voou e cantou cinco vezes em 1929. Era cheia de fotografias, os contos e colaborações ilustradas. Cada número teve capa exterior com alegoria onde vivem elementos da paisagem ambiente, sugestiva, leve, original.

Todos esses desenhos eram de Erasmo Xavier.

No Rio de Janeiro trabalhava para os jornais e revistas, tendo não apenas mercado para a sua produção, mas a simpatia e admiração e procura dos editores.

Tinha um traço fino, airoso, de suprema elegância, com um alto senso decorativo e ornamental. Era um sabedor de equilíbrio e da ciência da cor. Sabia colorir, combinando, ajustando os efeitos, contrastes, complementos, antagonismos.

Adoecendo, Erasmo veio para Natal, descansar, retemperar-se, trabalhar num ritmo menos vivo. Adherbal de França ensaiava "A Cigarra". Erasmo ficou imediatamente solidário. Foi o ilustrador dessa linda revista, ilustrador dedicado, teimoso no auxílio enamorado da tarefa que escolhera.

Num Carnaval encarregou-se do salão do Aero Clube e encantou-o. Pela inspiração modernista, pelo arrojo das cores, pela disposição das massas, pelo inusitado do conjunto, o trabalho era magistral. Ninguém o superou. Mas o desenhista, decorador, viveu depressa. A reserva vital esgotava-se como um comburente precioso e rápido na queima orgânica para manter a chama mais alta e luminosa.

Na agonia Erasmo apenas via cores, movimentos, leis, princípios estéticos. Nunes Pereira dizia-me que o jovem desenhista falava, entrando para a morte: - Este vermelho não arde como devia, é preciso um azul claro, doce, esses verdes estão desmaiados, esse amarelo deve ser ouro vivo...

Devia estar diante de uma imensa tela, do tamanho do firmamento, riscando, marcando o quadro, tendo uma estrela em cada mão.

Morreu a 23 de abril de 1930. Em outubro completaria vinte e seis anos... ■

POESIA POTIGUAR

Formada em Letras pela UFRN, professora de Língua Portuguesa, especialista em Educação, pela UFRN, a poeta Anchella Monte Fernandes Ribeiro Dantas tem divulgado/ estudado sistematicamente os autores do Rio Grande do Norte nas escolas em que trabalhou ou trabalha (Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, COEDUC, Instituto Maria Auxiliadora), criando, inclusive, grupos de declamação. Em 1977, primeiro ano de faculdade, criou o jornal "Letreiro", com Carlos Humberto Dantas, Humberto Hermenegildo e Carlos Braga, dentre outros. Publicou poemas em "Passagem" (1976), obra em parceria com Vicente Vitoriano, Estevão Lúcio, Erinaldo de Souza e J. Fernandes, pela ETFERN; e em "ATO" (1977), também obra coletiva, em edição mimeografada, pela UFRN. Em 2001, publicou "A Trama da Aranha", pelo Sebo Vermelho. Tem inédito o livro de poemas "Temas Roubados", menção honrosa no concurso Othoniel Menezes, de 2002. Os poemas escolhidos para o "Poesia Potiguar" são de "Temas Roubados".

As pequenas bailarinas

"Esta menina/ tão pequenina/ quer ser bailarina."

Cecília Meireles

As pequenas bailarinas
Fila de espera por trás das cortinas.
As pequenas bailarinas
Cordão de estrelinhas de tule
Querendo virar cometas.

Pelos olhos cintilantes
Não serão elas, as estrelinhas
Que no palco entrarão.
O palco com cortinas e aplausos
Já entrou-lhes no coração.

As pequenas bailarinas
Saem estrelas, voltam fadas,
São pastoras e ovelhas
Feitas de coques, sapatilhas meias
Pelas músicas orquestradas.

Encerrado o espetáculo
Nem de noite nem de dia
Vão as estrelinhas para casa
E por mais que o sono arrebate
Já não podem ser apagadas.

Temas roubados

"Invento o que só com amor/ Se pode inventar/ O que
já foi dito mil vezes/ E que sempre se dirá."

Roseana Murray

Lido o poema
Não sossego.
Lido.

Então o poema
De alheia fornada
Me mostra seus temas.
Mais que roubados
Achegam-se os temas
Ofertam-se os poemas.

O poema é massa:
Dorme, descansa,
Cresce.

Verdadeiros quanto o grão
É a farinha
É o pão.
Assim é o poema que sai novo do forno. 𐄂

MARCELINO VIEIRA

A cidade que botou Lampião para correr





Por Gustavo Porpino

Fotos: Alberto Leandro

*Marcelino Vieira no nome
Também tem sua história
Agora eu vou contar
O que ainda está na memória*

*Passagem do Freijó
Uma simples comunidade
De homens que não lutavam sós
Viviam em irmandade.*

*No ano de 1860
uma epidemia de cólera apareceu
a muitos ela atacou
a muitos dela morreu.*

*Antônio Fernandes de Oliveira
Fazendeiro desta cidade
Fez um voto a Santo Antônio
Para que sua família
Não sofresse o mal que atacava a comunidade.*

*Neste voto ele prometeu
Construir em sua comunidade
Uma capela a Santo Antônio
Para unir a comunidade.*

*Fim da epidemia
Tendo seu pedido atendido
Construiu a capela
Como tinha prometido.*

*Trecho de "Origem de Marcelino Vieira"
(Maria Ivanúcia Lopes Costa).*

Marcelino Vieira, a 410 km de Natal, é terra de gente valente. O bando de Lampião foi expulso da comunidade, em 10 de junho de 1927, no confronto às margens do açude Caiçara. A luta agora é outra. Não exige armas, mas muito empenho para desenvolver atividades culturais na região.

A origem do município, desmembrado de Pau dos Ferros em 24 de novembro de 1953, é semelhante à de outras cidades do interior. A antiga Passagem do Freijó cresceu em torno de uma capela, erguida em 1863, como pagamento de uma promessa feita a Santo Antônio pelo fazendeiro Antônio Fernandes de Oliveira. A igreja matriz abriga uma imagem do santo português, encomendada pelo antigo padre Bernardino José Fernandes de Queiroz, por volta de 1868, e desde então motivo de devoção popular. O nome Marcelino Vieira, aprovado pelo então governador Sílvio Pedroza, é uma homenagem ao fazendeiro e ex-deputado Marcelino Vieira da Costa.

Marcelino Vieira, terra natal do violero Antônio Lisboa e do escritor Francisco Calazans Fernandes, tem muita história para contar. O primeiro passo tem sido resgatar os fatos locais através do projeto "Marcelino Vieira 50 anos – Nossa terra, nossa história". A Semana Cultural, criada em 2001, pelos professores da Escola Estadual Desembargador Licurgo Nunes, é realizada sempre no mês de agosto. O evento conta com exposição de objetos antigos, exposição fotográfica retratando a história do município, apresentações de peças teatrais, danças, recital de poesias, desfile cívico e gincana cultural.

As Serras de Panatis e Vitória; os açudes Galeão e Caiçara; o Cruzeiro de São Sebastião; a casa-grande da antiga Fazenda João Gomes; a casa de pedra da Vila Panatis; e o marco em homenagem ao soldado José Monteiro de Matos, morto em combate aos cangaceiros de Lampião, são outros atrativos de Marcelino Vieira. Valorizar sua história é um dever de cada cidadão vieirense.



Poeta Sales Paiva (à esquerda) e o professor Pedro Júnior

O advogado que nasceu poeta

O poeta Sales Paiva faz da vida um eterno poema. Tem sido assim desde a infância, quando observava o pai Cazuza Cardoso atender a clientela na bodega e padaria. A vida pacata no interior permitia ao poeta dedicar muito tempo à leitura de clássicos da literatura. “Vivia só para ler. Lia Castro Alves, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e o nosso poeta Henrique Castriciano. Li demais Augusto dos Anjos”.

Francisco de Sales Paiva, 66 anos, um advogado que faz questão de ser conhecido como o poeta Sales Paiva, escreveu o primeiro soneto, “Bancos da bodega”, aos 12 anos. “Nasci poeta”, diz. Já escreveu “Soluços de minha alma”, volumes I e II, com poemas que vão desde o romantismo, em homenagem à esposa Avanir Motta de Paiva, até o estilo parnasiano. “Eu não fabrico a poesia, eu sinto-a”.

A terra natal, Marcelino Vieira, está presente em vários versos. Ainda menino, Sales Paiva descreveu seu município:

*Duas praças, um mercadinho
Um Grupo Escolar e casarões antigos.
Nos arrabaldes das ruas
existem abrigos sem estética e sem luz
em pleno desalinho.
Existe ainda a secular estrada
em direção ao cruzeiro lá da Serra.*

*E o que de melhor existia em nossa terra
era o sobrado velho na principal entrada.*

*Minha cidade é um jardim de sonhos.
Onde tive o meu primeiro sonho,
onde tudo é símbolo de beleza.
Minha cidade é pobre monetariamente,
mas com orgulho eu digo que sua gente
é rica de ação, de bondade e de nobreza.*

Sales Paiva tinha o hábito de escrever “até em maços de cigarros”. O título do seu próximo livro de poesia, “Pedaços de Papel”, foi tirado do costume dele escrever “em tudo quanto é pedaço de papel”. O poeta também prepara o lançamento de “Pelos caminhos da justiça”, uma autobiografia contando passagens de sua vida em Marcelino Vieira, Pau dos Ferros e Itatiba (SP).

Os oito anos em que morou no interior paulista não tiraram sua verve poética. Sales Paiva morou em Itatiba de 1962 a 1969. “Foi o tempo que mais sofri”, admite. Para chegar até a região campineira, foram precisos doze dias de viagem de caminhão. O retorno à terra natal devolveu o entusiasmo pelas letras ao poeta.

Certa vez, representando o prefeito de Pau dos Ferros, na Paraíba, estava fazendo um discurso enaltecendo a riqueza literária daquele lugar. “Eu dizia - Paraíba que deu um José Américo de Almeida, grande estadista; Paraíba que deu um Augusto dos Anjos... aí um gaiato lá de dentro da multidão gritou – Pois declame Augusto dos Anjos!”.

Foi aí que Sales Paiva, grande admirador da obra do paraibano Augusto dos Anjos, não hesitou e começou a declamar o “Monólogo de uma sombra”. “Pedi para quebrar o protocolo e declamei quatorze versos. Aí ele gritou - Tá bom demais, sabe mesmo!”. Poeta por paixão, Sales Paiva deixa um aviso. “Todos nós somos poetas. Todos nós temos alma, mas alguns se dedicam mais e tem o dom”.



Os painéis religiosos de Antônio Pardal

Antônio de Lisboa Vidal de Souza, 19 anos, é um dos muitos jovens do interior potiguar que desde cedo mostram talento para as artes plásticas. Crescer profissionalmente é apontado por ele como o principal desafio dos jovens artistas. “60 a 70% da população jovem daqui sabe fazer alguma coisa, a terra é cheia de jovens talentos, mas falta oportunidade e incentivo”.

Apesar da pouca idade, o pintor, mais conhecido como Antônio Pardal, já nem lembra ao certo quando despertou para as artes. “Faz tanto tempo... na faixa de uns nove anos”. Pardal terminou o ensino médio na Escola Estadual Licurgo Nunes e começou a pintar painéis no trabalho que desenvolve no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil).

As pinturas mais elogiadas de Antônio Pardal são os painéis religiosos expostos na matriz de Santo Antônio. O jovem artista faz também desenhos em grafite e telas por encomenda. O sucesso feito em Marcelino Vieira não é suficiente para prendê-lo à sua terra natal.

“Já pensei muito em sair daqui, em ir para qualquer outro lugar onde possa me expandir”. Pardal já sabe por onde começar a crescer. “Pretendo fazer vestibular para artes plásticas ou arquitetura”.



“ABC do Amor” inspira apaixonados

*Ausente de ti querido
Que gosto poderei ter.
Sinto saudades insuportáveis
Somente por não te ver
Lá do alto Amazonas
Tenha dó do meu sofrer.*

*Basta dizer-te que vivo
Numa cruel solidão
Na hora do crepúsculo
Sinto em meu coração
Dores terríveis agudas
Só por tua ingratidão.*

*Com dor em meu coração
Vou escrever essas linhas
Falando em um amor
Numa amizade que eu tinha
O destino foi culpado
De ter ficado sozinha.*

O “ABC do Amor”, poema que teria sido escrito em papel de embrulho por uma jovem vieirense no final da década de 40, ainda serve de inspiração para as moças de Marcelino Vieira. A professora Denise Lopes coordena um grupo de 13 jovens dedicadas a perpetuar as declarações de amor de Bidinha a Vicente Fontes. O

poema foi declamado pela primeira vez na abertura do projeto “Nossa terra, nossa gente”, em junho de 2003.

O relato dos moradores mais antigos dá conta que Maria da Conceição Pontes, a Bidinha, falecida em abril de 1951, aos 23 anos, teria escrito o ABC do Amor em pedaços de papel de embrulho e dedicado a Vicente Fontes, um jovem que partiu para a região amazônica nos anos 40 em busca de emprego. Vicente morou por mais de 50 anos no Amazonas e voltou a residir em Marcelino Vieira, onde se encontra até hoje.

O resgate do poema faz parte do projeto idealizado pelo professor Pedro Viana Fontes Júnior, um dos organizadores da Semana Cultural. “Buscamos a construção da identidade histórica e cultural do município”, conta Pedro Júnior, que prepara também a publicação do “Anedotário Vieirense”, uma série de anedotas e causos sobre o cotidiano de Marcelino Vieira.

“É uma poesia melancólica, mostra a vontade de sofrer e até a obsessão da morte. Foi recuperada por Terezinha Pontes, prima e cunhada de Bidinha”, acrescenta o professor. Pedro Júnior salienta que o aposentado Vicente Fontes, ainda vivo e residente em Marcelino Vieira, nega que o poema tenha sido escrito para ele.

Os versos do ABC do Amor vão da letra A ao Z. Cada uma das treze componentes do grupo declamam uma parte do poema. Todas parecem acreditar no amor de Bidinha por Vicente.

Teatro integra crianças e jovens

O “Arte e Companhia” tem conseguido envolver crianças e jovens de Marcelino Vieira na montagem de peças teatrais baseadas em obras de Ariano Suassuna, João Cabral de Melo Neto e Maria Clara Machado. O grupo faz parte do PETI e também desenvolve atividades de dança e música.

A peça “O Auto da Compadecida” foi encenada de 2000 a 2002. “Viajamos por Alexandria, Doutor Severiano, José da Penha e Rafael Fernandes”, conta Erinaldo Sousa, 21 anos, monitor de artes do PETI. O cenário das peças do Arte e Companhia é cuidadosamente montado com painéis pintados pelo artista plástico Antônio Pardal. Erinaldo valoriza o trabalho do pintor da terra. “É um talento de nossa cidade, uma pena que não existam pessoas para investir nele”.

“Morte e Vida Severina”, baseada no livro de João Cabral de Melo Neto, foi apresentada em 2003. Depois vieram, “Pluft, o fantasminha”, de Maria Clara Machado; “Marcelino Vieira, 50 anos”; e “Santo Antônio, nosso padroeiro”, a última produção, apresentada em junho deste ano durante a festa do padroeiro.

O envolvimento de jovens de Marcelino Vieira com o teatro não está restrito ao trabalho do Arte e Companhia. A professora de artes Pedrina Magna Carneiro Farias, coordena desde 1998, o Artshow, um trabalho desenvolvido pelos alunos da Escola Municipal Alexandre Nonato Fernandes, nas áreas de artes cênicas e literatura. Os estudantes, a exemplo das crianças do PETI, já produziram peças teatrais e escrevem folhetos poéticos. A produção cultural dos estudantes é exposta a cada dois anos.



Quadrilha enfoca história do município

*Sou sertão, sim senhor!
Não tenho só tristeza.
E a Quadrilha Esplendor
Irá mostrar minha infinita riqueza.*

A força de vontade dos jovens de Marcelino Vieira também está presente no “Arte Viva”, grupo teatral da Pastoral da Criança; na Quadrilha Esplendor e nos Amigos da Arte. O Arte Viva surgiu em agosto de 2002 para integrar jovens na sociedade através das artes cênicas. A quadrilha existe desde 1996 e prioriza apresentações com temas sobre a história do município.

A estudante Heloysa Karla Almeida Rego, 21 anos, fez um curso de quatro anos na Pastoral da Criança, de Mossoró, e desde então realiza um trabalho educativo com os quinze componentes do Arte Viva e Quadrilha Esplendor. O grupo faz apresentações no Espaço Cultural Santo Antônio sobre questões sociais e visita enfermos.



“Ficaria muito feliz se a cada ano essa quadrilha tivesse continuidade, e ainda pudesse contar com a ajuda de todos. É uma maneira de tirar essas crianças e jovens das drogas, prostituição, e de mostrar o quanto cada participante é capaz”, comenta Francisca Maria do Rego, coordenadora da Pastoral da Criança.

Durante os dois anos de existência, o Arte Viva fez vinte apresentações em eventos religiosos e culturais e campanhas de conscientização. A estudante Danúbia Lima, 18 anos, participante do “Amigos da Arte”, grupo também voltado para a prática de atividades artísticas, explica o grande interesse dos jovens de Marcelino Vieira pela produção cultural. “A gente não ganha financeiramente com este trabalho, mas aprende”.

Redenção grava CD religioso

Antônio de Lisboa Leite, ou melhor, o Galego de Antônio Silvino, 46 anos, é uma das figuras mais queridas de Marcelino Vieira. Não é para menos. O Galego toca órgão, canta, compõe músicas e escreve versos. A bandeira do município, criada em 1979, também foi idealizada por ele em parceria com o professor Pedro Júnior.

O cantor e compositor faz parte do Redenção, um grupo de canto surgido em 2000 para animar as missas na matriz de Santo Antônio. A filha Fátima Priscila Leite, 19 anos, faz parte do quarteto e já iniciou a carreira como cantora. Os outros componentes são Paulo Bernardino, 66 anos, no violão; e Raquel Silva, 78 anos, cantora desde 1940. “Antigamente, eu cantava só, hoje entrou mais gente”, diz Raquel. O grupo gravou o primeiro CD com canções religiosas em 2003.

Galego de Antônio Silvino escreveu o cordel “Sou filho de São José, me orgulho de ser de lá”, reproduzido no livro “Marcelino Vieira – sinopse de sua história e linhagem de famílias” do juiz de Direito aposentado Valdecir Carneiro do Nascimento. “Galego de Antônio Silvino quis mostrar a sua terra como ela é, seus costumes e maneira de compartilhar com todos e brincar nas bocas da noite. Falou de tudo; vaquejada, cantoria, pranto, moagem, argolinha, futebol, forró, olaria, macumbeiro, violonista, tecladista, sanfoneiro, Zefa de Maneco a se lembrar de Antônio Rosendo e até na festa de Santa Luzia”.

Banda de música luta para não acabar

A banda de música João Batista Fernandes Vieira luta para renascer. O professor e músico Raimundo Fernandes, 72 anos, foi o pioneiro na formação de músicos no município. Pedro Cesário de Oliveira Neto, 29 anos, saxofonista e coordenador da banda, tenta seguir os passos de Raimundo e devolver ao povo vieirense sua banda de música. “Desde 2000 estamos sem maestro. A banda tem se reunido somente na festa do padroeiro”.

Marcelino Vieira possui banda de música desde 1958. A primeira formação recebeu o apoio do jornalista e escritor Francisco Calazans Fernandes, ex-secretário de Educação do Rio Grande do Norte. As alvoradas e salvas da banda de música eram o ponto alto da festa do padroeiro Santo Antônio.

As dificuldades da banda aumentaram em 1991, quando o então prefeito Edilton Fernandes exigiu que a banda passasse a ser administrada pela prefeitura. “Os músicos utilizavam o salão paroquial para fazer os ensaios, mas naquele ano a Paróquia deixou de ser responsável pela banda”, comenta o padre João Batista de Mendonça.

A banda continua tocando apenas no mês de junho. “Para tocar na festa da Padroeira tivemos que pedir instrumentos emprestados ao município de Venha-Ver. Há três anos estamos tocando assim”, salienta Pedro Cesário. O coordenador destaca que não falta gente na terra para reativar a banda. “Temos mais de vinte músicos residindo na cidade”.





Araruna empolga dançarinos

A dança do Araruna, alusão ao pássaro preto que destrói as plantações, está surgindo em Marcelino Vieira através de um grupo de dança criado em novembro de 2003. A professora de artes Maria Eulália Neta Vidal procura manter as características originais da dança nos ensinamentos aos 24 dançarinos.

Os passos lentos para frente, para trás e para o lado imitam o movimento do pássaro que dá nome à dança. Os rapazes, fazendo o papel de cavalheiros, usam casaca e cartola. As moças, representando as damas aristocráticas, usam longos vestidos de saia rodada.

“Eles se empolgam muito, já foram até a capital”, conta a professora. Além de Natal, o grupo criado há menos de um ano fez apresentações em Rodolfo Fernandes e Pau dos Ferros.

Casa-grande guarda relíquias

A casa-grande da antiga fazenda João Gomes (hoje Fazenda João Batista), a 8 km de Marcelino Vieira por estrada de barro, impressiona pelas paredes largas de 80 centímetros e altura do telhado. O casarão com amplas janelas e varanda com vista para o açude, construído por volta de 1856, pelo Major Epiphanyo José Fernandes de Queiroz, irmão do Padre Bernadino Queiroz, mantém as linhas arquitetônicas originais e guarda algumas relíquias.

A casa-grande foi erguida ainda no tempo da escravidão e os moradores da região contam que a construção foi feita por escravos. Num dos cômodos ainda se vê uma roldana de ferro presa a uma viga de madeira no telhado, que teria sido utilizada para enforcar escravos ou forasteiros.

A capelinha de São João Batista, na entrada lateral da casa-grande, também está preservada. O pote de barro com mais de um metro de altura, fincado na frente da casa-grande, é o símbolo da fazenda. O artefato, ornamentado com pinturas, teria sido feito pelos escravos. As pinturas retratam um boi, uma ave e um cavalo. Ninguém sabe informar ao certo há quanto tempo o pote está naquele local. 📍



WILMA MARIA DE FARIA

A política como vocação e destino



Por Tácito Costa, Gustavo Porpino e François Silvestre

Fotos: Ivanísio Ramos

Em meados de agosto, a governadora Wilma Maria de Faria recebeu a Preá, em sua residência, para a entrevista que está nas páginas seguintes. Uma entrevista, que deixa de lado, dentro do possível, temas políticos pontuais e procura explorar o lado humano da governadora, desde sua infância em Mossoró e Caicó, até a adolescência e vida adulta em Natal. Professora universitária, do Departamento de Educação da UFRN, com mestrado em Educação, Wilma de Faria iniciou sua vida pública em 1979, quando presidiu o MEIOS – Movimento de Integração e Orientação Social. Sobrinha de dois ex-governadores, Dinarte Mariz e Juvenal Lamartine, foi a primeira prefeita de Natal (cargo que exerceu por duas vezes, em 1988 e em 1996), primeira deputada federal e primeira governadora do Rio Grande do Norte. E reconhece que, em seu caso, a política é destino e vocação.

Na entrevista, concedida na ventilada varanda da casa, que tem nas paredes quadros do artista plástico Flávio Freitas, a governadora, que é filiada ao PSB, falou sobre passagens importantes da sua vida. Revelou também facetas de sua biografia que pouquíssimos sabem, como por exemplos, que foi leitora assídua de Machado de Assis e que adorava praticar esportes, quando estudante. Reafirma sua disposição de fazer um governo diferente na área cultural e anuncia que a Colônia Penal João Chaves será transformada em espaço cultural. “Eu estou dando todo o apoio que eu posso dá à cultura, para que o nosso Governo seja realmente um Governo diferente nessa área”.

Preá – A senhora nasceu em Mossoró e depois morou em Caicó. Como se deu a sua vinda para Natal?

Wilma de Faria – Nasci em Mossoró, onde minha família morava, mas minha infância e início da adolescência eu passei em Caicó. Aos 14 anos vim para Natal. Meu pai, que se preocupava com nossa educação, achava que Natal possibilitaria melhores condições para os filhos se prepararem para a universidade. E Natal foi a cidade onde eu vivi toda a minha vida, embora eu não possa esquecer as minhas raízes. Foi um tempo muito bom o que vivi em Caicó. Tínhamos muita liberdade, um número grande de amigos.

Preá – Em Caicó, onde a senhora estudou?

Wilma de Faria – Estudei no Externato São Francisco de Assis e no Colégio Santa Teresinha. Eu era desportista, praticava todos os esportes, de voleibol a tênis de mesa. Uma vida comum, como estudante do interior. Depois continuei os estudos aqui em Natal, mas por pouco tempo, porque eu me casei aos 17 anos. Nesse período em que estudei, novamente fui desportista, no centro feminino e depois no próprio Atheneu.

Preá – Quais as primeiras impressões que a senhora teve ao chegar para morar em Natal?

Wilma de Faria – Eu já tinha familiares morando em Natal e um certo relacionamento com a cidade. Eu vinha sempre aqui. O que me marcou mais foi eu sair de um colégio de freiras para estudar num colégio público. Mas eu tinha os melhores professores naquela época, que depois eu reencontraria na Universidade Federal, como

Moacir de Góis, que era meu professor de História do Brasil. Doutor Protásio {Protásio de Melo} ensinava inglês.

Preá – O desejo de ser professora surgiu ainda em Caicó?

Wilma de Faria – Em Natal. Antes, eu pensava em ser médica. Mas como me casei muito cedo e minha vida, como mãe de quatro filhos, impedia de me dedicar ao estudo da medicina, que ia exigir mais de mim, eu optei, então, por uma carreira na área humanística. Fiz Letras. Naquela época o Vestibular era diferente. Você passava para a área humanística. Eu não tinha terminado o 2º Grau, que deixei para me casar, mas mesmo assim fiz a inscrição para o Vestibular. Eu me inscrevi em outubro para o Vestibular e em dezembro fiz o Supletivo, no Atheneu. Era para passar em oito matérias, passei em todas. Fiz Vestibular e passei em primeiro lugar para o meu curso e em sexto lugar na classificação geral, para a área humanística, com média 8,75. Naquela hora, comecei a achar que poderia voltar à escola; era um desejo muito grande que eu tinha. As pessoas da minha família, inclusive meu marido, diziam que era impossível eu passar no Vestibular, porque eu tinha quatro meninos pequenos para cuidar e não tinha tempo para estudar, tinha passado oito anos fora da escola. Mas apesar dessa descrença, passei em Letras.

Preá – Letras era o curso que a senhora sonhava fazer.

Wilma de Faria – Eu me dei muito bem com letras. Comecei a estudar a literatura portuguesa, a gente estudou muito a literatura portuguesa, a brasileira, e todas as suas escolas.



Preá – A senhora foi mãe a primeira vez com que idade?

Wilma de Faria – Aos 18 anos.

Preá – Que escritores interessavam mais à senhora nessa época?

Wilma de Faria – Quando eu era adolescente e estudava no Atheneu, eu pegava na Biblioteca coleções das obras de Castro Alves, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Cecília Meireles... autores como Dostoiévski. Eram leituras que eu ia descobrindo nas próprias estantes. Livros que não eram nem exigidos pela escola. Depois, durante a minha permanência na universidade, o autor a que eu mais me dediquei a estudar, que eu gostava de ler, dos contos aos romances, foi Machado de Assis, que eu achava fenomenal. Mas lia também os autores contemporâneos, como Raquel de Queiroz, que eu admirava muito e, inclusive, tive a oportunidade de me encontrar com ela duas vezes aqui em Natal. Eu era encantada com ela. Conversamos muito e passei a achar que aquilo que ela escrevia tinha a ver com a personalidade dela.

Preá – A senhora não a achou pessimista?

Wilma de Faria – Sim. Mas ao mesmo tempo ela era uma mulher muito feminista, o que eu não sabia, porque ela não dizia isso. Ao mesmo tempo ela achava que as mulheres estavam acima dos homens {risos}.

Preá – A senhora chegou a concluir o curso de Letras?

Wilma de Faria – Concluí. Mas apesar de ter feito o curso de Letras, eu não estava muito satisfeita. Ensinei inglês e português em escolas públicas, até porque era obrigado que eu ensinasse, que valia como estágio, mas eu também ensinei como professora do Estado, recebendo salário, para adquirir uma certa experiência. Mas eu constatei que preferia ser educadora, do ponto de vista das definições pedagógicas da educação propriamente dita. Então, eu fui fazer Pedagogia. Depois eu fiz mestrado em representação social, na área de educação. Eu já tinha entrado na universidade, depois de fazer concurso para professor colaborador. Fiquei no Departamento de Educação. Foi aí que mudei minha vida, em vez de Literatura, eu me dediquei à História da Educação, Introdução à Educação,

Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus, Didática. Muita didática. E ensinar didática me ajudou muito, depois, a me comunicar com a população, a falar didaticamente para o povo.

Preá – A senhora tem um discurso articulado, nunca perde o fio da meada. Isso é decorrência dessa formação pedagógica?

Wilma de Faria – Exatamente. Porque eu acho que o discurso tem de passar uma informação, que pode ser uma informação emocional, mas eu sempre optei pela informação que gere uma consciência para as pessoas sobre o direcionamento, sobre as metas que se quer atingir. Eu não sou uma oradora, eu não sou uma pessoa que se dedicou a isso, eu não sou uma oradora de emocionar a platéia, mas eu me comunico bem com a população. Todas as vezes em que vou falar, as pessoas se calam para me ouvir. Seja num ambiente popular, seja um ambiente erudito, porque procuro fazer com que a mensagem que eu vou passar seja bem entendida.

Preá – A senhora chegou a participar da política estudantil?

Wilma de Faria – Participei, não como dirigente, mas fazendo militância. Eu não tinha rompido, ainda, os grilhões da questão feminina. Por exemplo: minha mãe era contra eu jogar voleibol pelo Atheneu; ela alegava que eu tinha de me preservar. Tive uma educação muito conservadora, embora meu pai fosse exatamente o contrário. Dizia: – Vá, não tem problema.

Preá – O fato de ter casado muito moça contribuiu para retardar o rompimento desses grilhões a que a senhora a se refere?

Wilma de Faria – Veja bem, eu sempre fui uma pessoa que sabia o que queria, mas sofri muitas pressões para me libertar. Eu tive dificuldade em casa, com uma mãe que era conservadora, embora fosse uma mãe maravilhosa. Até hoje ela é mãe em todos os sentidos. Mas havia aquela preocupação de educar a filha levando em conta os padrões dela, de que a mulher tem de ficar na retaguarda, que mulher tem de ser coadjuvante {risos}.

Preá – Quando nasce a Wilma política?

Wilma de Faria – A Wilma política nasceu depois de muitos anos. Eu sempre fui política, sempre procurei tomar minhas posições, me manter bem informada, ler os jornais. Agora a Wilma candidata começou quando eu era secretária do Trabalho e se estava discutindo aqui em Natal a primeira eleição direta para prefeito de Natal, depois da ditadura. Estava se discutindo essa eleição e ninguém queria ser candidato porque era difícil. O candidato que se apresentava pela oposição ao governo era Garibaldi, que tinha 70, 80% de preferência popular. Por isso, ninguém queria sair candidato. João Faustino foi indicado pelo governador para ser candidato, mas ele considerou que sairia “queimado” da disputa, porque ele queria ser o candidato a governador. Mandaram fazer uma pesquisa e meu nome aparecia com um traço. Então, eu fui convidada para ser candidata. Achei que era uma coisa inusitada, eu não estava esperando isso. Eu era casada com o ex-governador Lavoisier Maia e ele é quem era o político, eu não era, eu o ajudava. Mas aceitei o desafio e me propus a fazer uma campanha diferente do que todo mundo já tinha feito. Resolvi ser candidata, mas logo vi que não teria o apoio que esperava.

Preá – Nessa primeira eleição nas capitais, a senhora também foi prejudicada pelo sentimento oposicionista, que era muito forte, todo mundo queria derrotar o que havia de resquício da ditadura.

Wilma de Faria – Exatamente. Eu comecei minha campanha sozinha. Eu saía de casa todo dia às 7 horas da manhã. Ia aos bairros, por exemplo, ia às Rocas, tomava café na casa de alguém, eu conhecia todas as lideranças comunitárias, convivia com as associações de bairros. Chegava cedo e ficava o dia todinho naquele bairro,

almoçava e jantava lá, só chegava em casa às 10 horas da noite, andando a pé todas as ruas do bairro. Fiz isso durante quatro meses, mas perdi as eleições. Perdi as eleições, mas ganhei uma base. Também aprendi muito porque a gente aprende mais com as derrotas do que com as vitórias. Nessa primeira eleição, ganhei uma confiança muito grande da população de Natal. Quando acabou essa eleição, em 85, ia haver uma outra eleição, em 86. Então eu disse: – Vou ser candidata a deputada estadual, porque não precisarei sair de Natal e contarei com os votos de Natal e Grande Natal para me eleger. Mas aí ocorreu uma resistência grande do grupo político a que eu estava ligada naquele momento contra o meu nome. Todos os candidatos a deputado estadual foram contra a minha candidatura. O chefe deste grupo político, na época, era Tarcísio Maia, que foi a minha casa dizer que eu não seria candidata. Eu disse que seria candidata. Na época eu fui muito malcriada porque disse o seguinte: – Eu não vou ser usada por vocês, como vocês me usaram para ser candidata a prefeita e agora você querem me descartar. O povo quer que eu seja candidata. A imprensa começou a questionar que eu não tinha dez mil votos, que os oitenta e tantos mil votos que eu tinha recebido para prefeita eram do grupo político.

Preá – Por que a senhora saiu da chapa de deputado estadual para federal?

Wilma de Faria – Porque na chapa estadual era tanta confusão, muitos candidatos, que os líderes do grupo políticos do qual eu fazia parte, concordaram que eu saísse para deputada federal. Eles estavam certos de que eu perderia a eleição, por isso concordaram. E também porque eu não iria atrapalhar muito, eram menos



candidatos para reclamar. Ninguém acreditava que eu ganhasse. Teve apenas um dos candidatos que chegou para mim e disse: – Eu acho que você tira em quinto lugar, se nós fizermos cinco deputados federais. Aí eu fui fazer a minha campanha, separada da majoritária, porque eu não podia aparecer na majoritária. Fiz a minha campanha do mesmo jeito que tinha feito a de prefeita. Saí pelo interior e, quando abriram as urnas, tive 145 mil votos, proporcionalmente uma marca não superada em eleições no Rio Grande do Norte. Henrique Eduardo teve 160 mil, mas só que o eleitorado era o dobro.

Preá – E foi a primeira mulher eleita deputada federal pelo Rio Grande do Norte.

Wilma de Faria – Exatamente. Fiz uma campanha muito em cima das propostas que eu ia defender na Assembléia Constituinte, como os direitos dos trabalhadores. Falei muito sobre isso. Fiz um discurso, apesar de ser do PDS, muito mais socialista, que era no que eu acreditava. Eu estava no PDS devido a uma questão familiar, mas não era o que eu queria. E eu não mandava em mim ainda, não tinha mandato. Quando eu cheguei à Constituinte, mudei imediatamente para o PDT. Eu tive uma briga muito grande lá no PDS. Todo mundo tinha saído do PDS porque o PDS não era mais forte. Só ficaram os grandes conservadores como Jarbas Passarinho, Roberto Campos, Delfin Neto. Roberto Campos, por exemplo, observou toda a minha votação e numa das reuniões do PDS ele começou a escrever, num papelzinho, tudo que eu tinha votado contra e disse: – Eu queria reclamar que a deputada Wilma está votando contra a orientação do partido. Eu então respondi: – Eu estou votando assim porque li o programa do partido e ele não me impede que vote como venho votando. Aí foi uma briga muito grande porque Lavoisier estava presente, era senador, e Jarbas Passarinho era o presidente do partido e disse: “Lavoisier, na sua casa, quem manda é você ou sua mulher?”. Desse jeito, na frente, inclusive, de jornalistas. No outro dia, esse fato foi publicado no jornal O Estado de São Paulo. Foi algo muito constrangedor porque Lavoisier não ia dizer que era ele ou eu, porque ele respeitava muito a minha individualidade. Aí eu disse: – Me desculpe, mas eu sou cidadã, eleita pelo voto direto. Eu tenho de ser respeitada na minha individualidade e eu não estou infringindo nenhuma regra do partido.

Preá – Quer dizer, a relação da senhora com o partido foi se deteriorando rapidamente.

Wilma de Faria – Depois deste episódio que acabei de citar, comecei a ser perseguida pelo partido. Eu queria ir para a Comissão de Direito Social, eles impediram. Fiz tanta confusão para ir para a Comissão de Direito Social, a esquerda não queria porque eu era do PDS, e o PDS não queria porque achava que eu iria votar contra o partido {risos}. Sofri muito, mas me firmei. Eu era titular da Comissão de Direito Social e suplente da Comissão de Educação, que era minha área. Mas eu estava muito interessada na área social porque tinha me comprometido muito no período em que eu fui secretária do Trabalho e do Bem Estar Social e convivo de perto com todas as mazelas sociais. Fui para a Comissão de Direito Social. Quando cheguei lá, o povo me olhava assim, não sabia se me convidava para um grupo A ou B. Eu disse: – Eu não vou para grupo A ou B, eu vou dizer o que penso, vou fazer minhas emendas, e apesar de ser ainda muito tímida, começando no legislativo, eu me pronunciava, defendia sempre os direitos dos trabalhadores com veemência, eu ajudei a todo o pessoal de centro-esquerda. O PMDB; por exemplo, queria votar contra os direitos dos trabalhadores. Eu questionei: Por que hoje o PMDB quer votar contra se o tempo todo fizeram um discurso apoiando os direitos dos trabalhadores? Aquela era a oportunidade de votar favorável. Pelo trabalho que estava fazendo, comecei a ser uma referência durante todo o período que passei na Comissão de Direito Social. Da Comissão de Educação participei menos porque o trabalho na Comissão de Direito Social era tão empolgante, que tinha dia que acabávamos a sessão às três horas da manhã.

Preá – Nos últimos anos, a Constituição de 88 tem sido muito criticada. Como a senhora vê essas críticas?

Wilma de Faria – Há algumas coisas que precisam ser revistas. A Constituição precisava ser modificada, mas não da forma como ela foi modificada. Por exemplo: a gente deu muito apoio à Federação, aos Municípios e aos Estados. No Governo Fernando Henrique Cardoso, o que aconteceu? Tiraram o poder dos Estados e Municípios e deram à União. A União faz coisas que toda a população condena, como não compartilhar com Estados e municípios, impostos como o Cofins e CPME. Nem é compartilhado nem é distribuído para a Saúde e Educação. Continua tudo muito pouco transparente.

Preá – Qual a opinião da senhora sobre a estabilidade no emprego para os servidores públicos?

Wilma de Faria - Hoje as pessoas criticam a estabilidade no emprego. Eu acho que todos os servidores têm direito à estabilidade no emprego; é tanto que eu nunca fiz demissões em massa no Executivo. Poderia ter feito para fazer um melhor governo. Na Prefeitura, quando assumi a primeira vez, nós tínhamos problemas com a folha de pessoal. O prefeito que me antecedeu, que foi Garibaldi, contratou gente demais para a Urbana, para a Secretaria de Educação. Assim também como no Governo, que estamos no limite prudencial da Lei de Responsabilidade Fiscal. Eu nunca demiti porque acho que vivemos numa região muito pobre, ainda temos muitas dificuldades na geração de emprego no setor privado.



Preá – O fato de a senhora ter dois ex-governadores [Juvenal Lamartine e Dinarte Mariz] como parentes teve influência na sua decisão de ser política?

Wilma de Faria – Sim. Eu tive dois tios que foram governadores, Dinarte Mariz e Juvenal Lamartine de Faria. Juvenal Lamartine era irmão do meu avô e Dinarte Mariz era irmão da minha avó. Meu pai teve ainda um primo legítimo que foi político, José Augusto Bezerra de Medeiros. Então, na minha família tivemos muitos políticos. Eu fui criada com meu pai falando sobre política, UDN, PSD... Papai era um homem intelectual. Eu acordava lá em Caicó ouvindo ele cantar a marsehesa [hino francês].

Preá – A senhora é sobrinha-neta de Artur Paraguai, que foi maestro de banda de música. Isso tem alguma influência no gosto da senhora pelas bandinhas de música do interior?

Wilma de Faria – Tem sim. Esse parentesco é por parte da minha mãe. Tem esse lado familiar e o aspecto da minha infância. Lá em Caicó a gente acordava ao som das bandas de música, como nas Festas do Rosário e de Santana. Eu adoro uma banda de música! Como primeira dama eu fiz Festivais de Banda de Música, nas primeiras Feiras dos Municípios, trouxe bandas de todos os municípios, foi uma coisa linda. Como prefeita, criei a Escola de Violinos, lá na Zona Norte, que hoje ainda funciona e tem mais de 400 alunos. Nós não podemos deixar de colocar as crianças no caminho das artes. Isso é fundamental. Talvez seja porque quando eu era pequena queria estudar piano e meu pai não tinha condições; ele tinha seis filhos lá em Caicó, o sétimo nasceria em Natal. Ele dizia: – Olhe, já são seis filhos para pagar colégio, não dá para pagar aula de piano para você. Então, tive uma frustração muito grande.

Preá – Como avalia o projeto de Casas de Cultura Popular?

Wilma de Faria – É um projeto que vem alcançando o maior sucesso, a população está entendendo os objetivos das Casas de Cultura. É uma forma da gente elevar o gosto do povo e também uma forma de preservar e fortalecer nossa identidade. Colocar na Casas de Cultura não só museu, biblioteca, auditório para discutir arte, mas também as oficinas para estimular as pessoas que

têm algum tipo de talento ou mesmo aquelas que querem desenvolver um talento, utilizar a cultura como um elemento agregador e também como uma forma de gerar ocupação e renda, principalmente num Estado de vocação turística como o nosso.

Preá – Há intenção do seu Governo ser diferente na área de cultura?

Wilma de Faria – Eu estou dando todo o apoio que eu posso dá à cultura, para que o nosso Governo seja realmente um Governo diferente nessa área. Temos de introduzir também a cultura na escola, até como forma de motivar os alunos. Se você motiva os alunos pela alimentação, pela merenda escolar, você pode motivar pelo esporte e pela cultura e com isso você evita-se a violência, as drogas, faz com que as pessoas sejam mais leves, cultivem o gosto pelas artes. E pode fazer com que essa arte renda frutos para elas no futuro.

Preá – O que acha da integração entre cultura, turismo e educação?

Wilma de Faria – O casamento da cultura com a educação e o turismo será um sucesso absoluto no Rio Grande do Norte. A gente não pode trazer o turista para ver apenas sol, mar e duna. Temos de mostrar a nossa história. Agora mesmo, a gente fez um trabalho junto com o Sebrae, na região do Seridó, e descobrimos que o turismo que pode ser feito lá é um turismo cultural, paleontológico, científico. Nós temos as grutas, a Serra da Formiga, as inscrições rupestres, as festas religiosas. Nós temos uma série de coisas para mostrar. Temos de interiorizar e divulgar tudo isso. Hoje, os estrangeiros já estão querendo vir para cá; os holandeses e escandinavos, por exemplo, querem ir ao interior para conhecer a nossa história. Eles lêem “Vidas Secas” para entender o que é a seca.

Preá – O Governo Federal está dando alguma ajuda?

Wilma de Faria – A parceria mais importante com o Governo Federal é na área de crédito fundiário, do financiamento através do PRONAF [Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar], para agricultura familiar. E nós temos investido muito nesse setor porque queremos criar opções para o homem

do campo. A piscicultura, por exemplo, é uma opção para se garantir a sobrevivência das pessoas do semi-árido. Na piscicultura nós podemos dar um show. Nós já temos a pesca oceânica, a pesca artesanal e queremos incentivar a criação de peixes em gaiolas. Em Caicó, nós temos uma estação de piscicultura, que foi ampliada, e vamos fazer mais três: na Barragem Armando Ribeiro Gonçalves, na Barragem de Santa Cruz e na Barragem de Umari. Estamos apoiando também a caprinocultura, a ovinocultura, a carcinocultura, a apicultura. Isentamos o mel de impostos e hoje já exportamos mel, existe um entreposto de mel, que concedemos um regime especial, concedemos o Proadi [Programa de Desenvolvimento Industrial], e vamos começar a exportar para o Oriente Médio.

Preá – O Governo pretende transformar o presídio João Chaves em espaço cultural?

Wilma de Faria – Sim. Nós estamos trabalhando nessa direção.

Preá – Com o ritmo de trabalho que a senhora tem, ainda sobra algum tempo para ler um livro, ir ao cinema?

Wilma de Faria – Claro! Quando quero ir ao cinema, para não ser muito notada, mando comprar os ingressos. Eu não gosto de fazer mídia indo pra fila de cinema. Os últimos filmes a que assisti foram “O sorriso de Monalisa” e “Alguém tem que ceder”, este último é muito bom. Pela primeira vez vi um filme em que a mulher sai ganhando [risos]. Li também, recentemente, um livro de que gostei muito e recomendo, chamado “O dia em que Nietzsche chorou”. É um livro volumoso, mas que li de um fôlego só, é uma mistura de ficção com filosofia. Também gosto muito dos livros de Leonardo Boff, esses são mais voltados para trabalhar minha espiritualidade.

Preá – A senhora é leitora da Preá?

Wilma de Faria – Sou leitora e ainda ajudo a distribuir [risos].

Preá – E jornais?

Wilma de Faria – Leio os do Estado e pelo menos dois de fora. Geralmente a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo.



Preá – A senhora costuma usar a Internet?

Wilma de Faria – Desde o ano 2000 que uso a Internet. Uso mais para passar e-mails e fazer consultas. Sempre que eu viajava, costumava levar um notebook, mas nos últimos meses não venho usando, mas estou pensando em voltar a usá-lo.

Preá – Quatro anos são suficientes para executar tudo que a senhora pensou para o Rio Grande do Norte?

Wilma de Faria – Quatro anos não é muito não. Mas é tempo suficiente para que o povo avalie o que o nosso Governo está fazendo. Avalie o que estamos começando a fazer.

Preá – A diferença é grande entre administrar Natal e administrar o Rio Grande do Norte?

Wilma de Faria – Há muita diferença. A diferença é não só nos objetivos. Administrar Natal significa promover também o desenvolvimento econômico e social da cidade, mas você trabalha pontualmente os problemas de cada bairro. Já no Estado, podemos trabalhar pontualmente as regiões. Estamos fazendo planos de desenvolvimento de cada região, para, a partir desses planos, descobriremos as vocações, levantarmos as condições onde a gente pode gerar mais emprego, em que setor, onde está o mercado.

Preá – A campanha política está tomando muito o tempo da senhora?

Wilma de Faria – Eu estou me dividindo em três {campanhas de Natal e dos interiores}, porque tenho de fazer a administração, de que eu não abro mão por nada; agora mesmo estava falando com o ministro dos Transportes, que vem ao Estado no dia 2 de setembro para resolver definitivamente o problema das BRs, pois as obras estão paradas; aquela obra da duplicação da estrada Macaíba-Parnamirim está parada há quase três anos.

Preá – A senhora nunca foi assimilada por alguns setores da esquerda do Rio Grande do Norte, no entanto continua com o seu discurso, e parte dessa esquerda que a criticava foi buscar alianças no campo conservador. Como analisa essa mudança?

Wilma de Faria – Pois é... Interessante {risos}. A minha coerência sempre está avançando junto com a população. E me dando a certeza de que estou no caminho certo.

Enquanto que as pessoas que faziam críticas a mim, saíram do partido em que eu entrei, o PDT. Muitas delas hoje estão no campo altamente conservador, algumas viraram reacionárias. E eu continuo com a minha coerência, avançando com a sociedade. Só quem não me acha coerente, que hoje me criticam, são aqueles que sempre dominaram o Estado e me querem debaixo da asa deles. E isso eu não aceito.

Preá – Dos políticos nacionais com quem a senhora conviveu, quais aqueles que a impressionaram ou que admira mais?

Wilma de Faria – Eu convivi com dois políticos em nível nacional, por conta de partidos aos quais fui filiada, e tive conversas com ambos: Miguel Arraes, que é o presidente atual do meu partido, onde eu estou há treze anos, e com Leonel Brizola. Brizola era uma pessoa muito autoritária. Ele era uma pessoa afável no relacionamento, ele debatia, discutia até lhe convencer, e se não conseguisse prevalecia o ponto de vista dele. Já o doutor Arraes é uma pessoa mais aberta ao diálogo. Eu tenho uma admiração profunda por doutor Arraes. Mas admiro outras figuras políticas, como o próprio presidente Lula. Quando eu era Constituinte, me encontrava com ele nos corredores do Congresso, conversávamos. Ele sempre foi uma pessoa muito humilde.

Preá – A senhora teve alguma convivência com a prefeita Marta Suplicy?

Wilma de Faria – Eu mantive contatos com ela nos encontros de prefeitos. Durante a minha campanha para o Governo, ela inclusive telefonou para mim, assim que eu ganhei a eleição no Primeiro Turno, e disse: – Wilma, se você precisar de mim, eu vou aí para lhe dar apoio. Se você quiser que eu grave para você, se quiser posso ir aí. Mas como Erundina já tinha dito que vinha e Erundina é do meu partido e eu gosto muito dela, então eu preferi não chamar Marta.

Preá – Com que outras mulheres a senhora conviveu na política?

Wilma de Faria – Na Constituinte, as mulheres com quem eu convivi não tiveram muito destaque: Márcia Kubitschek, Tutu Quadros... Não tiveram projeção. Eu me dava muito bem com Moema Santiago.

Preá – Qual foi a nota da senhora, na Constituinte, na avaliação do DIAP {Departamento Intersindical e Político}?

Wilma de Faria – Eu tive nota dez do DIAP. Embora Jarbas Passarinho ficasse pastorando, – como se diz no interior – meus votos. Mas eu tinha muita admiração por ele, porque é um homem culto, é um homem sério, e eu admiro muito a seriedade das pessoas. Agora ele é muito conservador, a ponto de chegar a perguntar quem mandava lá em casa {risos}. Ele quando subia à tribuna para falar, todo mundo se calava, ele falava com propriedade. Teve algumas vezes em que eu não queria votar nas mensagens dele... Houve uma vez que saí do plenário, me abstive de votar. Eu estava em casa e ele ligou para me agradecer, achando que tinha sido em homenagem a ele {risos}.

Preá – No poder, o que agrada e desagrada mais a senhora?

Wilma de Faria – O que me agrada mais no poder é fazer as mudanças para melhorar a qualidade de vida da população. Na hora em que eu vou inaugurar uma obra, que eu sei que aquela obra vai servir à população, aquele é o dia mais feliz da minha vida como política. E o dia mais infeliz é aquele em que tenho de enfrentar a escassez de recursos, não permitindo que eu mude determinada situação.

Preá – A crítica injusta incomoda a senhora?

Wilma de Faria – A crítica injusta machuca. Eu sofri muito, por exemplo, com esse processo que fizeram contra mim e passou um ano até que o STJ {Superior Tribunal de Justiça} investigasse toda a minha vida, o que se constituiu em uma vantagem que eu levo diante de todos os políticos. Eu sou a única política que teve a vida totalmente passada a limpo, mas em compensação durante um ano eu sofri para que esse processo terminasse. E terminou. O Ministério Público agora quer saber quem planejou essa armação. Quem é que não sabe quem arquitetou essa armação? O Rio Grande do Norte todinho sabia que eu não tinha conta na Sulça porque se eu tivesse, da forma como eu estou, livre como eu sou, sem padrinho sem nada, eu estaria na cadeia. Não tinha jeito. Eu pedi ao Ministério da Justiça para mandar averiguar, pedi ao presidente Lula para que ele mandasse investigar, usasse o Ministério Público. Mas tudo que é ruim termina tendo

uma coisa positiva. Eu sou a única política do Rio Grande do Norte que teve sua vida investigada, quebrei meu sigilo bancário, fiscal, telefônico, patrimonial... Tudo que eu tenho sempre foi declarado no Imposto de Renda e foi declarado na hora em que fui ser candidata. Levantaram coisas absurdas, que eu tinha um flat, no Golden Beach, no nome de uma cunhada minha. Eu tenho um flat no Golden Beach no meu nome.

Preá – A senhora está satisfeita com o trabalho da imprensa?

Wilma de Faria – Não. A imprensa precisa avançar muito.

Preá – Qual a opinião da senhora sobre o Conselho Federal de Jornalismo?

Wilma de Faria – É uma coisa para ser discutida. Mas temos de ter muito cuidado para não cercear a liberdade das pessoas poderem fazer suas críticas. Embora eu seja contra a crítica pela crítica. Agora, a crítica política deve ser aberta, livre, não tem por que não ser independente.

Preá – Qual a avaliação que faz do Governo Lula?

Wilma de Faria – O mais importante do Governo Lula é ele estar aberto para a sociedade, para debater com a sociedade os problemas, ter mobilizado todas as forças da sociedade para debater o país, os problemas. Isso é importante para o fortalecimento da democracia, por isso Lula tem que dar certo. Agora, ele tem de ter o lado administrador, não pode ter o lado só do líder. Tem de chamar seus ministros e direcionar o governo para geração de emprego, investimentos, melhorar a vida nas regiões

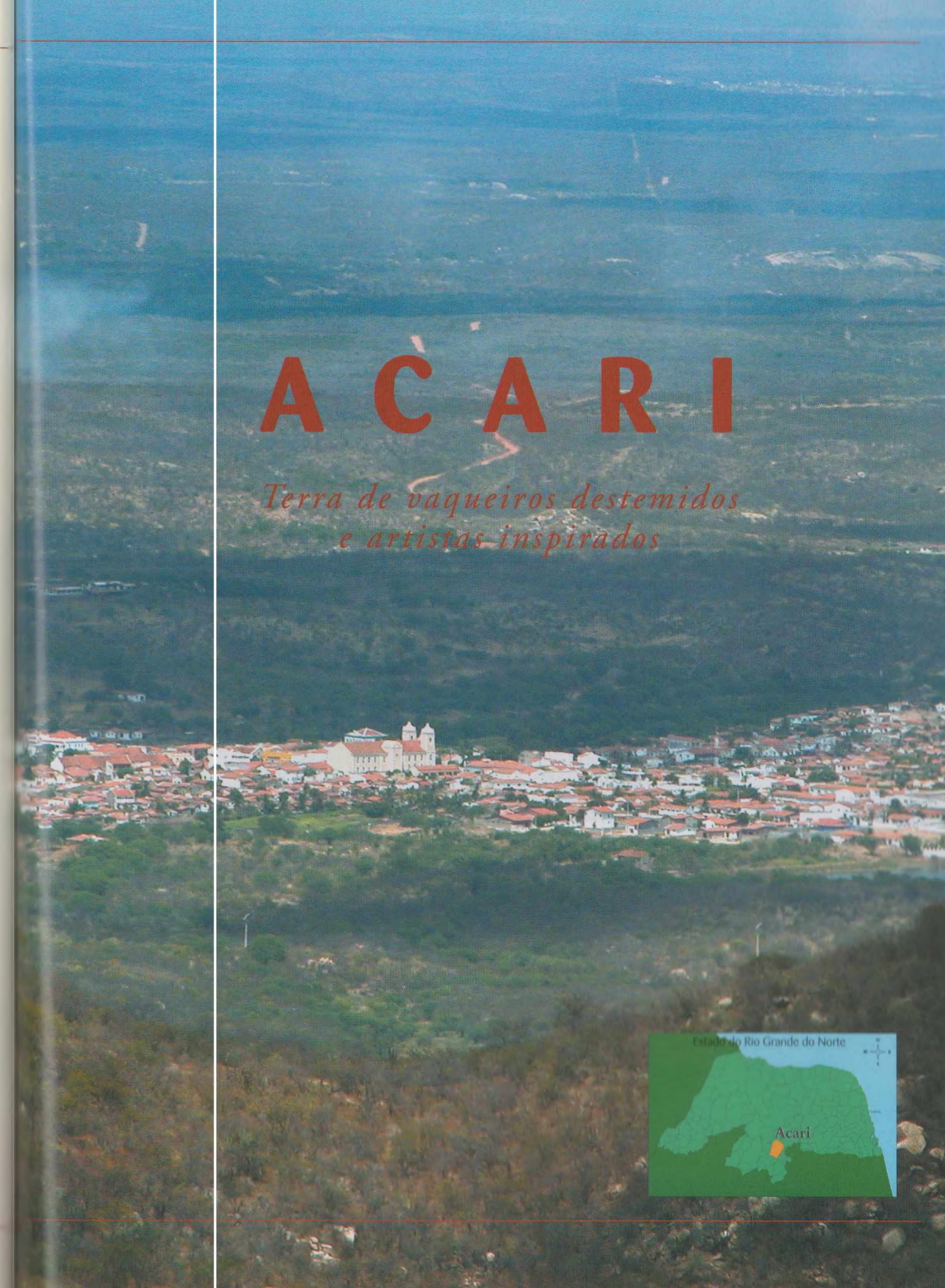
menos desenvolvidas, como a Nordeste, Norte e Centro-Oeste, porque foi isso que ele prometeu. Prometeu cuidar da exclusão social. Na exclusão social está inserida também a exclusão regional. As diferenças regionais que nós temos precisam ser mudadas. Encontramos miséria em São Paulo como encontramos aqui, mas encontramos muito mais aqui. Por que é que a União Européia ajudou bastante os países menos desenvolvidos? Porque se ela não ajudasse, ela não iria conseguir ter a força que ela almeja. Nós temos de fazer a mesma coisa com relação ao Nordeste. Mas não temos políticas públicas, políticas regionais, principalmente para o Nordeste.

Preá – Quando há um choque de interesses entre Rio Grande do Norte, Ceará e Pernambuco, como é o caso, por exemplo, da refinaria, a senhora sente que o RN por ser menor e mais pobre é discriminado?

Wilma de Faria – Não é que sejamos mais pobres. Nós não somos mais pobres. Nós somos menos representativos, pois só temos onze parlamentares, essa é a diferença. Mas precisamos lutar para conseguir que obras, como o Aeroporto de São Gonçalo do Amarante, por exemplo, sejam concretizadas. Essa é uma obra importantíssima e que não podemos abrir mão dela.

Preá – A política na sua vida foi vocação, destino ou circunstância histórica?

Wilma de Faria – Destino e vocação. Porque ninguém vai para a política como eu fui sem ter vocação. Quando pela primeira vez eu tive direito a um mandato, em 1986, como deputada federal, aí ninguém mais me segurou. Porque o mandato era do povo. 🗳️





Por Gustavo Porpino - Fotos: Anchieta Xavier

Acari repousa no Seridó, a 209 km de Natal, uma região de riqueza cultural tão grande quanto a bravura do homem sertanejo. O município de Acari, nome herdado do peixe encontrado nas águas tranqüilas do rio Acauã, foi desmembrado de Caicó em 11 de abril de 1835. Quase cem anos antes, o Sargento Mor Manuel Esteves de Andrade havia mandado erguer a Capela de Nossa Senhora da Guia, em 1737, igreja mais antiga da região.

O Seridó é terra fecunda para manifestações culturais de todos os tipos. O açude Gargalheiras, inaugurado em 1959, é motivo de orgulho para todo acariense. A sangria das águas é celebrada tanto quanto a chegada de agosto, mês tido como agourento para alguns povos, mas que nas quebradas dos sertões do Acari é exaltado com festa em homenagem à padroeira Nossa Senhora da Guia. Os festejos anuais vão de 5 a 15 de agosto.

A grandeza cultural de Acari transborda as paredes do açude Gargalheiras e vai além da culinária e do artesanato seridoenses. O próprio acariense é uma manifestação cultural por si só. O vocabulário, os gestos, os costumes e a fé fazem dele um povo diferente. É gente como o escultor Dimas Ferreira, o santeiro Ambrósio, o artesão Manoel Jerônimo, a professora Daguia Pipoca, o vaqueiro Antônio Medeiros, o músico José Francisco Neto e mais uma infinidade de artistas populares, escritores, poetas e pintores que carregam na alma a sabedoria sertaneja.



Os santos, em imburana, de Ambrósio Córdula

Foi preciso percorrer muito chão para que o escultor Ambrósio Córdula, 46 anos, começasse a esculpir imagens sacras. A primeira experiência com a arte veio de forma inusitada. “Começamos a fazer talhas nas barras da cama da mãe do meu vizinho, quando morava na Cidade da Esperança, em Natal”.

A brincadeira de menino evoluiu. Aos 14 anos, Ambrósio fazia cajus de madeira. “Fazia por brincadeira”, diz. O artesão é filho de Francisco Córdula (Chico do Padre), conhecido como Fé Córdula, artista plástico natural de São Rafael (RN) e radicado em Goiânia (GO).

A vontade de seguir a carreira artística fez Ambrósio sair em busca de oportunidades em várias cidades brasileiras. Aos 17 anos, foi morar em Brasília, depois de já ter deixado Acari e passado parte da infância em Natal. Ambrósio fazia artesanato em couro e comercializava na tradicional feira da torre de televisão. Voltou para Natal depois de três anos morando no Distrito Federal. “Não encontrei mercado em Natal e fui para Vitória”, lembra. Morando no Espírito Santo, fez bolsas marroquinas em couro e metal e vendeu bastante até a moda passar.

De Vitória partiu para Goiânia, mas passou só seis meses na cidade que até hoje serve de morada para o seu pai. A passagem por Goiás rendeu uma das maiores experiências de sua vida. Ao conhecer a Procissão do Fogaréu, realizada em Goiás Velho desde o século XIX, sempre na quarta-feira da Semana Santa, o artesão teve a inspiração de retratar a cerimônia de origem medieval e européia em talhas de madeira. “Havia uma explosão de talhas em Natal na década de 70, muitos faziam”.

Ao voltar a Natal, Ambrósio escolheu morar na Ladeira do Sol, próximo aos ateliês dos artistas plásticos Jordão e Manxa. “Observava o trabalho deles e ia tentando criar

meu estilo”. A temporada natalense mais uma vez não durou muito tempo. Ambrósio decidiu voltar para Acari em 1982. Naquela época, ainda não tinha nenhuma pretensão de fazer santos.

O artesão ainda trabalhou na confecção de móveis de madeira em Currais Novos, mas o custo crescente do mogno inviabilizou o negócio. Ambrósio só decidiu esculpir santos já na década de 90. “Admirava as obras de Luzia (Luzia Dantas, renomada escultora de São Vicente) e comecei a me especializar em santos e oratórios”.

Depois de tantos anos levando uma vida de nômade, Ambrósio conseguiu se estabelecer na própria terra natal. As esculturas são feitas de Imburana, colhidas em cima das serras do Seridó. “Nem toda Imburana presta, eu vou e escolho”. O escultor diz que a árvore “se reproduz fácil”.

A oficina do santeiro, na margem direita da entrada de Acari, é a porta de entrada de uma cidade de artesãos em várias formas de arte. Ambrósio, a exemplo do vizinho Manoel Jerônimo, outro artista de mão cheia, faz de Acari um grande atelier de artes.





Carrinhos de madeira resistem ao tempo

Os caminhões e carrinhos de madeira feitos por Manoel Jerônimo Filho, 76 anos, alegraram crianças de muitas gerações. Por uma ironia do destino, o artesão teve uma infância sofrida no Sítio Suim. O pai trabalhava na agricultura e contava com a ajuda dos seis filhos para o sustento da família. “Era trabalho braçal, cortando lenha, mas nunca fazia o que ele pedia por completo. Ia pra peia. Ficava era entretido fazendo brinquedo”.

Manoel sabia quais eram as conseqüências de não seguir às ordens do pai, mas a desobediência terminou desenvolvendo sua habilidade de fazer brinquedos de madeira. “Pegava martelo e serrote e ia fazer brinquedo debaixo dos pés de pau”, lembra.

O artesão só começou a criar carrinhos, caminhões e móveis de boneca profissionalmente aos 30 anos. Movido pela fé em Nossa Senhora da Guia, Manoel explica que gosta mesmo é de ver o sorriso dos meninos ao ganhar o primeiro carrinho de madeira. “Fazer brinquedo é bom, a criança é abençoada”.

Os brinquedos mais procurados são as camionetes mais simples, vendidas por dez reais, mas o artesão procura atender a todos os tipos de pedido. Certa vez, fez um trio elétrico de um metro e meio com som e caixas acústicas instaladas.



Vendeu por três mil reais e logo apareceram pedidos semelhantes de bandas de forró e axé.

A chegada de agosto, mês da padroeira, também é celebrada por Manoel Jerônimo. “Todo ano faço um presente para Nossa Senhora da Guia. Vai para o leilão da festa de agosto”. O devoto já fez uma roda gigante e caminhões com instalação elétrica para acender os faróis.

Manoel tem nove filhos. “Tudo com emprego, graças a Deus”. Raimundo Jerônimo Dantas, o Mundoca, é cantador de emboladas. O neto José Marcelo, 6 anos, filho de Raimundo, gosta de copiar o pai cantando emboladas na feira. Realizado, Manoel Jerônimo já não tem do que reclamar. É um homem feliz.

O escultor que se inspira na natureza

“A arte é o lugar da liberdade perfeita”.

André Suarès (escritor francês, 1866-1948)

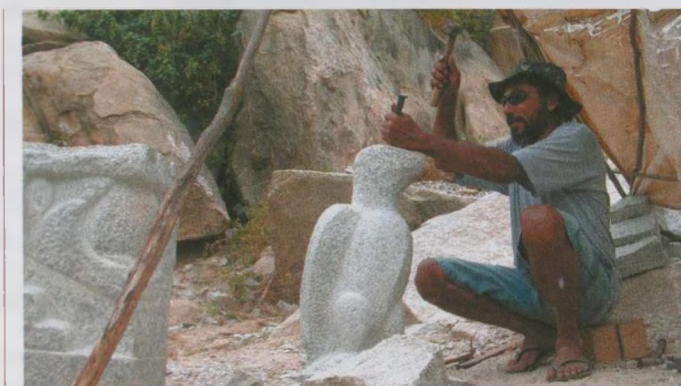
O escultor Dimas Ferreira, 50 anos, desconhece limites para expressar sua arte. As esculturas feitas na pedra bruta estão espalhadas por toda a Serra do Gargalheiras, próxima ao açude de mesmo nome. O ateliê montado a céu aberto é uma definição perfeita do artesão acariense. Rústico, simples e criativo, Dimas exemplifica o esforço do seridoense para vencer na vida com criatividade. O jeito sereno e os traços fortes de homem marcado pela aridez do sertão renderam até uma participação no filme “Maria, mãe do filho de Deus”, filmado em Acari e projetado para todo o Brasil nas salas de cinema.

O artesão imprime sua imaginação por toda parte. A distância entre uma escultura e outra chega a 4 km. Aos pés da serra, uma tenda feita de galhos de árvores e coberta com palha serve de abrigo para as poucas horas de descanso. O fogão a lenha, uma panela com cuscuz e um bule com café tornam a cena ainda mais sertaneja. As ferramentas, também construídas por ele, estão espalhadas pelo chão em vários pontos.

O escultor não usa luvas. Dimas prefere sentir a textura da rocha com suas mãos calejadas antes de começar a esculpir. As obras são feitas sem retirar a rocha de seu local de origem. “É só no pensamento”, diz. “Acho que não consigo trabalhar na rua. Tem que tá bem concentrado para esculpir”.

O trabalho exige muito esforço físico e resistência ao calor do sertão. Ao encontrar a rocha ideal, o escultor demarca os pontos da pedra com um ponteiro de ferro e começa a quebrar com a ajuda de uma marreta. “Se for grande, faz uns buracos, enche de pólvora, cobre de barro e coloca o estopim”.

Certa vez, Dimas preferiu usar uma britadeira para quebrar as pedras maiores. A experiência só durou um mês. “A máquina não conseguia fazer o que faço com as ferramentas, o meu corte é melhor”.



As esculturas de um metro levam até três meses para serem concluídas. O escultor vem criando uma estátua de Lampião, encomendada por uma empresária e produtora cultural, há vários meses. É a maior obra já feita por Dimas. “É uns seis meses ou mais de trabalho e não sei nem como cobrar”, admite.

O contato de Dimas com as pedras começou cedo. Aos 14 anos, o artesão já cortava rochedos para a construção civil. Mal remunerado, o jovem sabia que teria que encontrar uma saída para crescer profissionalmente. Os tios de Dimas costumavam utilizar pilões artesanais feitos de pedra. “Comecei por um e parti para coisas maiores. Quando estava lá cortando, via a escultura direitinho nas pedras”.

O escultor foi buscar inspiração na natureza. “Ninguém me acha em casa, estou só no meio do mato”, Dimas sempre trabalhou sozinho e encontra na solidão uma parceira ideal para refletir sobre novas criações. “É uma tranquilidade. Já pelezaram para me levar para São Paulo e até para fora do Brasil, mas prefiro continuar por aqui”.

Algumas esculturas do artesão têm percorrido cidades potiguaras na exposição “Cores e Formas do Sertão Seridó”. Acari, Currais Novos e Cerro Corá foram os primeiros municípios a receber a mostra, que também conta com obras dos artistas plásticos Erasmo Andrade e Francisco Iran. Para os conterrâneos, o trabalho de Dimas Ferreira é bom o suficiente para ganhar o mundo. Quem duvida?

O homem que veste os vaqueiros



*Dá sapato e dá gibão
Toda obra o couro dá.
Dá manta, bota e silhão,
Dá chapéu, dá bandoleira,
Dá coroa e dá perneira,
Dá sapato e dá gibão.
Pra se fazer matulão
O couro é como não há,
Serve até pra caçua.
Dá peia, dá rabichola,
Se prendendo o couro ou sola,
Toda obra o couro dá.
(Moises Sesyom)*



A casa de número 257 da rua Tiradentes, centro de Acari, guarda muitos costumes sertanejos. O primeiro deles, uma cruz de palha feita no Domingo de Ramos, está logo na porta de entrada. Segundo a tradição, a pequena cruz, pregada na parte superior da porta de duas bandas, serve para espantar o mau olhado e proteger a família. Maurício Gomes da Silva, 76 anos, faz da sala de entrada seu curtume. “Fui criado na roça e não tive professor. Trabalho com couro desde 1968.”

A sala tem o cheiro forte do couro curtido e prateleiras cheias de objetos antigos. O artesão guarda punhais, estribos da época do Império e até um maracá de cobra cascavel. Outra curiosidade é uma sandália de couro tamanho 55, a maior já feita por ele. “Fiz por encomenda, o cabra tinha um pé enorme”.

O artesão morou 34 anos na Fazenda Imburana, nas terras que pertenciam a Sátiro Bezerra, e desde então fabrica roupas de vaqueiro. “Faço a veste completa”, diz. Oswaldo Lamartine de Faria, autor de “Encouramento e arreios de vaqueiro no Seridó”, explica que a roupa de couro “é também chamada de veste ou véstea e até de linforme (uniforme) por alguns seridoenses. Assim, tomar dos couros, se encourar ou ainda se enervar, designa para o sertanejo seridoense simplesmente vestir o encouramento para trabalhos de campo”.

Os gibões (parte de cima da veste do vaqueiro), guarda-peitos (peça vestida sob o gibão) e perneiras (calça feita de couro de bode) ainda têm boa procura. Maurício atende pedidos de fazendeiros da região e também faz selas por encomenda.

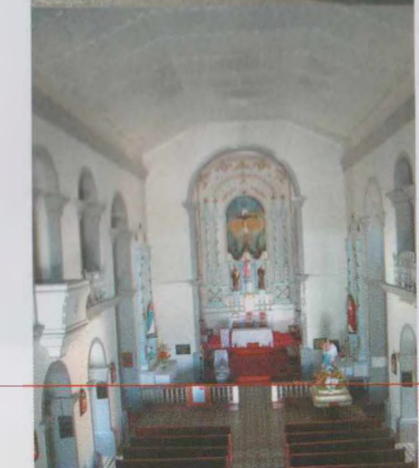
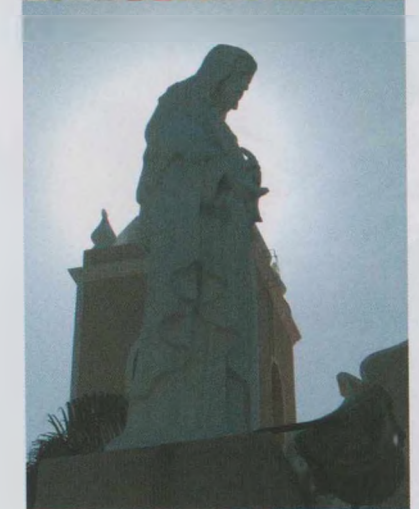
A arca de Marilene, do Sítio Trincheiras

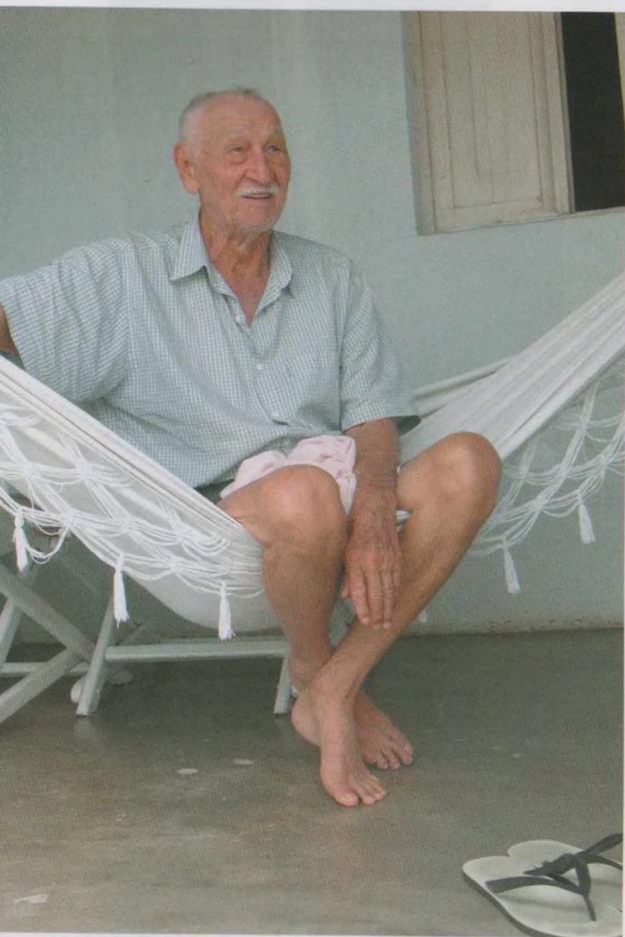
Quando era criança, Marilene Meira Silva, 63 anos, gostava de observar as pedras do Sítio Trincheiras e imaginar animais enquanto as colegas de infância buscavam formas de bichos nas nuvens do céu. Nos últimos 14 anos, a professora aposentada, mais conhecida como Marilene de Lolô, tem transformado em esculturas de animais as pedras que cercam a casa do sítio.

O “zoológico de pedras” de Marilene não é o único do Rio Grande do Norte, mas certamente é o mais antigo e original. O Sítio Trincheiras, a 8 km de Acari no sentido de Cruzeta, já tem mais de cinquenta esculturas. A artesã molda a pedra com cimento e também pinta. Já retratou bichos de toda parte do mundo. Estão lá urso, veado, borboleta, cavalo, camelo, canguru, pingüim, preguiça, elefante e até uma bruxa. “Tem gente que chama isto aqui de Arca de Marilene”.

Para chegar até o Sítio Trincheiras é preciso conhecer o lugar. Seguindo pela rodovia que liga Acari a Cruzeta, o motorista dobra a esquerda na estrada de barro com a indicação “Fazenda Belém”. Depois, é só seguir em frente passando por um açude e algumas porteiras. Marilene, natural de Parelhas, cresceu no Sítio Trincheiras, mas mora em Acari.

A religiosidade também está presente na Arca de Marilene. A escultora fez uma imagem de Nossa Senhora sobre o rochedo mais alto do sítio, por trás da casa da fazenda. “Ocupar o tempo fazendo tudo isso é uma terapia”, diz. O zoológico vai ganhar outros animais em breve. O olhar apurado da artesã já conseguiu enxergar um boi, uma vaca e um preá nas pedras, entre as algarobas e craibeiras do sítio. “Por aqui sempre aparece uns mocós, então preá não pode faltar”.





As memórias de um grande vaqueiro

O agricultor Antônio Medeiros da Costa, 86 anos, faz parte da geração de vaqueiros seridoenses acostumada a correr atrás da rês arisca entre as catingueiras, aroeiras e imburanas; a reconhecer o rastro ainda fresco; a amansar o gado bravo; a pegar no braço e laçar. Lúcido e com boa saúde, Antônio Medeiros é também um grande contador de histórias. Morou na Fazenda Pinturas, uma das relíquias do Seridó, de 1936 a 1949. “Fui criado no mato, mas depois comecei a andar pelo mundo. Conheço o Brasil quase todo. Só não fiz roubar”.

Acari tem tradição de grandes vaqueiros. Chandim, Piano Pereira e Silvino Adonias Bezerra (Silvino Balá) são lembrados até hoje pelos mais antigos. Antônio Medeiros vem da geração posterior a Silvino Balá, ex-fazendeiro falecido em 1959 e pai do médico e escritor Paulo Frassinetti Bezerra (Paulo Balá). Bom proseador, o

antigo vaqueiro gosta de receber as visitas no alpendre do casarão da rua Otávio Lamartine e lembrar das antigas apartações de gado.

Antônio Medeiros nasceu em São Tomé, mas foi morar em Acari em dezembro de 1920. “Quando cheguei aqui, nasceu Dom Eugênio Sales”. A vida no Seridó daqueles tempos, entre uma seca e outra, nunca foi fácil. “Comecei a trabalhar na enxada. Eu com cinco anos e meu irmão mais velho íamos roçar com meu pai”.

O antigo vaqueiro morava na comunidade do Saco do Olho d’água. Ainda menino, já tirava leite, fazia queijo de manteiga, carregava água, selava cavalo e corria pelas serras.

“Tinha um primo legítimo que era doido do juízo e tirava abelha. Passei a caçar abelha também”, diz com um sorriso no canto da boca.

Em 1929, segundo conta, um ano muito bom para a agricultura, trabalhou muito. A mãe Auta Aurora de Araújo, preocupada com o futuro do filho, pediu para Antônio Medeiros entrar na escola. Estudou no Grupo Escolar Tomaz de Araújo somente onze meses. “Aprendi a assinar o nome e ler alguma coisa”.

A vida no campo, cuidando dos bois, começaria para valer em 1936. Antônio Medeiros conta que recebeu um convite de Silvino Bezerra para ser vaqueiro na Fazenda Pinturas. “Seu Balá, primo legítimo de minha mãe, comprou a Fazenda Pinturas em 35”. Ao saber do interesse de Silvino, a mãe de Antônio achava que não dava certo o filho ser vaqueiro.

“Minha mãe disse a Seu Balá – Tonho é um menino muito novo e você muito afobado”, recorda. Mas aí, quase sem pensar, Silvino Bezerra replicou – “Precisa agüentar para ter; depois de ter, agüenta se quiser”. Não demorou muito e Dona Auta concordou com a idéia. Antônio Medeiros juntou os poucos pertences numa mala feita de caixão de querosene e foi morar nas Pinturas em janeiro de 1937. “Ajeitei uma casinha de taipa na beira do açude, amansei a vacaria e fizemos o roçado”.

O garoto Tonho logo se acostumou com a veste de couro e nunca teve medo de enfrentar a caatinga em busca do gado. O escritor e estudioso do sertão Oswaldo Lamartine de Faria, em seu livro “Encouramento e arreios de vaqueiro no Seridó”, parece retratar a imagem de Antônio Medeiros correndo com seu traje de couro quando descreve a valentia dos antigos vaqueiros. “É um galopar

sem canseiras por léguas e léguas, na intimidade de cada palmo dos seus chãos, no enladeirado das quebradas das serras, no escorregadio dos lajedos, no quebra-corpo das veredas, no trancado de mato das chãs, nos laços traiçoeiros dos mofumbais das várzeas e no rasgar do espinho da sarjadeira, da amorosa, do xique-xique, da quixabeira, do juazeiro, do facheiro, do cardeiro, da favela e da jurema, pois sabido é, em todos aqueles ermos, que por onde passa o boi passa o vaqueiro...”

O também escritor Paulo Balá considera Antônio Medeiros um dos vaqueiros mais completos que já viu. “Ele sabia como identificar uma rês doente e como tratar”, destaca. O vaqueiro das Pinturas era tratado como um membro da família. “Meu pai sentava na cabeceira, minha mãe de um lado e Antônio Medeiros do outro. É um cabra de bom caráter. Tem as qualidades que a gente ainda encontra no povo do sertão”.

Bem tratado, Antônio Medeiros foi arrumando sua vida na Fazenda Pinturas. Em 1939, comprou cinco garrotes. Em 1940, mais cinco. Em 1942, ano de seca, comprou

mais dez. Em 1944, ano bom de inverno e de safra, decidiu vender o gado e comprar uma propriedade em São Vicente. “No final de 1944, pedi emprestado dez contos de Réis ao velho. Comprei a metade de garrotes e empreguei os outros cinco na propriedade. Em 1948 vendi o gado de novo e paguei o empréstimo”.

O vaqueiro carrega no sangue a sabedoria sertaneja. “Tudo quanto há no mundo entendo um pouco. Fiz minha vida assim, aprendendo sem ninguém ensinar”. Ao longo da vida, comprou terra “perto de Apodi, próximo a Santana do Matos e 2100 hectares só em Acari”.

Mesmo depois de casado com Josefa Medeiros, em 1948, Antônio Medeiros continuou morando na Fazenda Pinturas. Naquele tempo, já havia um quarto para eles na casa-grande. A decisão de deixar o trabalho na fazenda veio um ano depois e com uma boa justificativa. “O velho {Silvino Bezerra} ficou triste quando fui entregar a Fazenda Pinturas. Mas aí eu disse - o senhor ainda lembra do que disse a minha mãe no dia em que foi me chamar para ser vaqueiro?”



Silvino Balá, terceiro em pé da direita para à esquerda

Fazenda Pinturas guarda a história

A história da Fazenda Pinturas, um verdadeiro museu sertanejo, começa bem antes da chegada de Antônio Medeiros aquele chão. As terras que começam depois da Fazenda Saco dos Pereiras, antigo pátio de apartação de gado, pertenceram a José Sancho de Araújo, falecido em 1920. A denominação "pinturas" vem das inscrições rupestres existentes em pedras que margeiam o Riacho da Cachoeira ou Rio das Letras.

A casa-grande, construída em 1915, pelo mestre espanhol Francisco Estevam Villa Verde, surge imponente sobre um lajedo entre juazeiros, angicos, caibreiras e aroeiras. A casa, segundo contam, levou três anos para ser concluída. Possui três salões, nove quartos e duas cozinhas. Em 1935, a fazenda foi adquirida por Silvino Adonias Bezerra, sobrinho de José Sancho e pai de Paulo Bezerra (Paulo Balá), proprietário atual.

O vaqueiro Geraldo Paz, 68 anos, mora há 36 anos na Fazenda Pinturas. A esposa, Valdelice Santos Paz, também ajuda a manter tudo em ordem. Cada um dos salões da Fazenda Pinturas possui objetos e móveis antigos, cuidadosamente arrumados e bem preservados. O fogão a lenha também está conservado e continua em uso. As fotos antigas e a cristaleira com louça inglesa dão um tom ainda mais nostálgico ao lugar.

O Salão dos Vaqueiros guarda vestes de couro e selas. "Quando o velho José Sancho fez a casa, já era viúvo. Os vaqueiros dormiam neste salão", explica Paulo Balá. O Salão de Pedra tem piso revestido de pedras trazidas de São João do Sabugi (RN). Naquele espaço, os visitantes da fazenda costumavam gravar no chão o nome e o ano da visita. O último dos salões, outrora conhecido como salão do rádio, serve de sala de estar. "Tínhamos também a cozinha de fazer queijo, hoje virou despensa".

As cercas de pedra são outra marca do lugar. Paulo Balá, em seu livro "Cartas dos Sertões do Seridó", diz que as cercas servem de esconderijo para os preás. "O inimigo delas, tirante o trovão em escassos anos de inverno, vem a ser o preá socado entre as pedras pois atrás dele vem o caçador, removendo-as, para pegar a caça. Caído um lance, no entanto, o material ali está para ser repostado, sendo comum sobrar pedra depois da nova arrumação".

O escritor comenta que conhece apenas um conterrâneo capaz de construir cercas com a maestria dos tempos idos.

"Não é mais fácil encontrar quem faça cercas de pedra ou de vara. Antônio de Chiquita, parente meu, é o último que sabe". Conhecer as Pinturas é viajar ao passado da rica cultura sertaneja.



Tudo vira arte nas mãos de Ronaldo

O jovem artesão Aldo Ronaldo Dantas, 23 anos, mora isolado da urbanização no Sítio Boa Sorte, a 11 km de Acari no sentido de Jardim do Seridó, uma comunidade conhecida como Beira Rio. O cenário pode parecer um pouco inóspito à primeira vista, mas são naquelas terras pedregosas que o artista faz brotar toda sua criatividade.

Sementes de macambira, palha de milho, galhos de árvores, papel reciclado e jornal viram arte pelas mãos do acariense Aldo Ronaldo. As bonecas feitas de palha de milho e os anjos de bucha vegetal são as peças mais originais. O artesão desenvolve desde pequeno a habilidade de fazer artesanato com a matéria prima encontrada no Sítio Boa Sorte. "Tinha que inventar algo diferente. Fazia meus próprios brinquedos".

Aldo faz parte da Associação dos Produtores em Artesanato de Acari (ASPROA), mas prefere trabalhar em casa. A morada do artesão, construída sobre um rochedo e com vista para a Serra Rajada, é um local propício para criar o artesanato. A mãe, Alda Neves Dantas, mora com o filho e lembra que outros jovens podem seguir o mesmo caminho, buscando na confecção do artesanato um meio de vida.

O jovem artesão é um dos líderes da comunidade Beira Rio e preside a Associação de Produtores Rurais. Esclarecido, Aldo Ronaldo tenta incentivar os jovens a fazer cursos de capacitação profissional. "Terminei o segundo grau, fiz um curso técnico na Escola Agrícola de Jundiá e meu interesse hoje é passar o conhecimento para a população. Aqui tem muitos jovens, seria interessante se tivéssemos acesso a cursos de design".

Francisco de Brito Dantas, 52 anos, o Chico Passos, é outro artesão beneficiado pelo trabalho da ASPROA. Chico faz cestos com taquari verde e cipó desde os 17 anos. "Eu mesmo colho nos meio do mato". Os cestos e samburás artesanais são uma tradição no Seridó. Chico Passos diz ter aprendido com o balaieiro Zé Pintado, um antigo feirante em Acari e Currais Novos.

A ASPROA recebe apoio do Sebrae, Governo do Estado e prefeitura. Neide Medeiros, presidente da Associação que congrega quarenta artesãos, já participou de todadas de negócios em Portugal, Itália e Alemanha. A entidade comercializa esculturas de barro, bordado, macramê, cerâmica utilitária, papel reciclado, embalagens artesanais e peças feitas com reaproveitamento de lixo.



Banda teve Felinto Lúcio como regente

O encanto do acariense pelo som das antigas retretas vem desde o século XIX. As origens da Filarmônica Maestro Felinto Lúcio Dantas, uma homenagem ao músico seridoense e compositor clássico mais respeitado do Rio Grande do Norte, remetem aos tempos do Coronel Manoel Bezerra de Araújo, o Coquinho, falecido em 1922 aos 84 anos e regente da primeira banda formada em Acari.



José Francisco Neto, maestro da filarmônica

Felinto Lúcio foi regente da segunda formação, iniciada em 1927. “Em julho de 1948, foi fundada uma Sociedade Cultural, presidida por Antônio Bezerra Fernandes, responsável pela criação de uma nova banda de música em Acari. Sua primeira tocada foi executada em julho de 1949. A primeira apresentação pública aconteceu durante a festa de agosto (festa de Nossa Senhora da Guia), em 1949. A história da banda se confunde com as histórias

de Pedro Arbués e do maestro Felinto Lúcio Dantas. Pedrinho, como era chamado, foi o primeiro professor de música daquele que ficaria conhecido como o “maior músico do Seridó”, conta o professor aposentado e escritor Geraldo Batista de Araújo.

Acari não teve banda de música entre 1977 e 1988. O surgimento da Associação Cultural maestro Felinto Lúcio Dantas, sociedade criada em dezembro de 1987, para despertar o interesse dos acarienses pela música, fez ressurgir a tradição musical do município. A associação oferece aulas de música para 60 alunos na sede da rua Cipriano Pereira.

A banda de Acari conta com 34 músicos. Desde adolescentes de 16 anos até músicos veteranos como Dodô, Gata e Miúdo. Francisco das Chagas Silva, o mestre Pinta, foi regente da Filarmônica por 15 anos. Em 1995, após seu falecimento, o seu filho José Francisco da Silva Neto assumiu como maestro. Neto começou aos 11 anos batendo surdo na banda de São José do Seridó. “Aos nove anos, já tocava no desfile de 7 de setembro”, lembra.

O mestre Neto incentiva a troca de partituras entre as bandas do Seridó. Sempre atuante, participou dos três seminários de música realizados em Cruzeta pela Fundação José Augusto. “Este intercâmbio entre bandas é importante”.

A dificuldade financeira continua sendo a parte crítica na administração da Associação Cultural. O regente da banda não esconde a gratidão com os acarienses Patrício Torres de Medeiros, que dá nome a um dos dobrados mais executados pela banda, e a empresária Vânia Bezerra. “São grandes incentivadores, entre outros, que ajudam sempre”.

A Filarmônica Felinto Lúcio Dantas já participou de vários concertos didáticos da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte no Teatro Alberto Maranhão, em Natal, e não pode mais parar. Para o bem de todos.



Formação da banda na década de 20

O “faz tudo” Dimauri vira escultor



Dimauri Lima de Souza, 39 anos, sempre viveu entre o ferro velho. Acompanhava o pai Dimas Lima de Souza, um ex-mecânico, falecido em dezembro de 2003, desde pequeno. Certo dia, enquanto lavava algumas peças, teve a idéia de fazer esculturas com sucata. “Notei que a biela parecia com o corpo de uma pessoa”.

O trabalho como ajudante de mecânico desde aquele dia começou a ser abandonado aos poucos. O artesão começou a juntar sucata de automóvel, bicicleta e fogão para criar esculturas de todos os tipos. “Era um faz tudo de Acari. Pintava e fazia consertos em geral. Há 16 anos faço estas esculturas”.

A oficina na rua Domicílio Ramalho abriga uma infinidade de obras de arte feitas de sucata. Os bonecos retratando

as profissões estão entre as peças mais requisitadas. A criatividade do artesão pode ser vista desde o portão de entrada. Dimauri fez quatro esculturas em cima do muro - um cinegrafista segurando um lampião, uma bicicleta, o avião 14 bis e um extraterrestre.

A compra da máquina de solda, essencial para o seu trabalho, é uma história à parte na vida do artesão. Dimauri, incentivado pelos amigos, sabia do seu talento para fazer esculturas, mas não tinha dinheiro suficiente para comprar o equipamento. “Quando comprei, precisei da ajuda dos amigos para pagar. Tinha 50 cruzados e custava 136”.

O artesão, na época morando em São Paulo, viajou até Campinas e adquiriu a máquina de solda. “Trouxe de Campinas a São Paulo no colo. Não cabia na mala do carro”. Dimauri enfrentou ainda uma viagem de ônibus de São Paulo até Acari para iniciar uma vida nova na sua terra.

O torno utilizado pelo artesão pertenceu ao DNOCS e têm mais de cem anos de uso. O artesão também recuperou uma picadeira de capim manual do tempo da escravidão. “Estou me dedicando mais ao artesanato. Recebo todo tipo de encomenda”, lembra. O filho Thallys Rennan Pontes de Souza, 15 anos, já mostra interesse em ajudar o pai. Thallys aprendeu a fazer as peças menores utilizando pregos e porcas. Tudo vira arte em Acari.



Geraldo Batista, o moleque de Acari

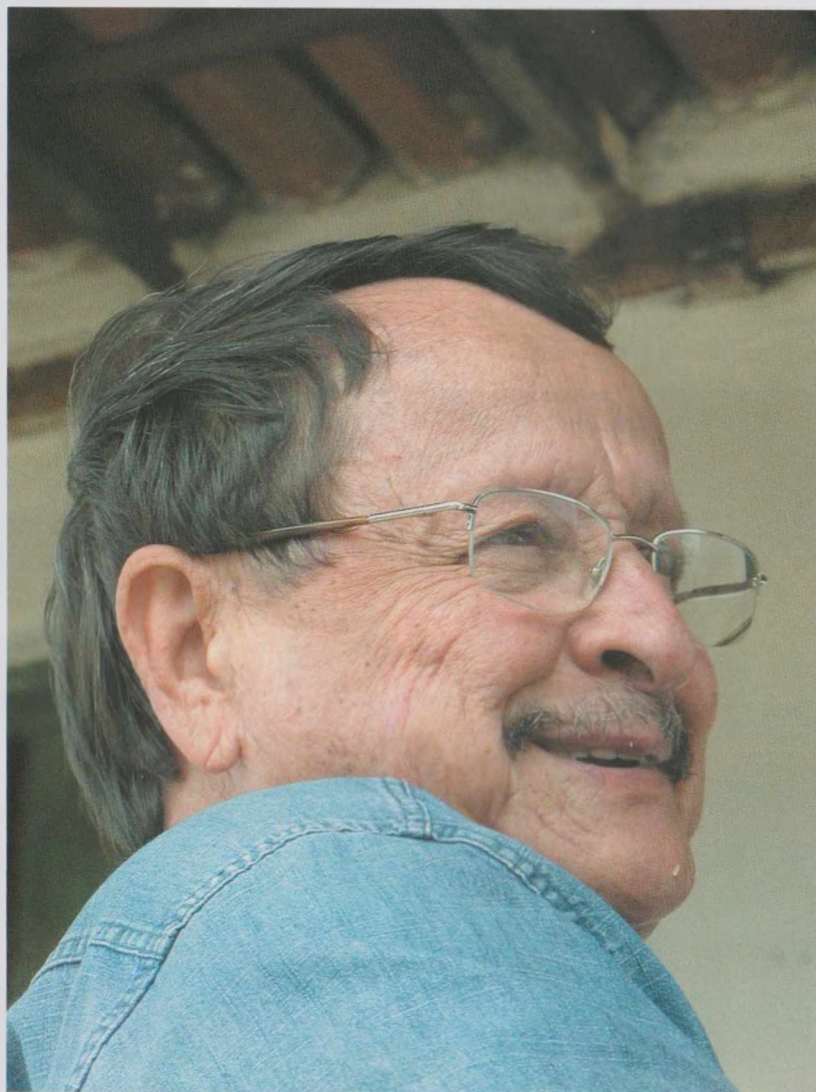
Quando chegou à cidade do Natal, em 1954, Geraldo Batista de Araújo não veio puxando uma cachorrinha porque, como ele mesmo diz, “nem cachorrinha tinha para puxar”. Mal imaginava ele que o que trazia na cabeça era muito mais valioso do que qualquer coisa que suas mãos pudessem tatear. Na cachola de um moleque acariense estavam muitos sonhos e medos. Mas também cabia uma feliz nostalgia e uma boa dose de cultura regional de quem nasceu no interior do Rio Grande do Norte.

Em 1992, para dividir suas traquinagens com os outros, Geraldo Batista lança seu primeiro livro de literatura: “Moleque de Acari”. Misturado entre personagens reais e fictícios, ele conta, em primeira pessoa, partes da sua infância e da história da cidade.

Logo na primeira página do livro, os gritos de “Lá vem o rio com ááááágua!” anunciam a felicidade dos moradores de onde predomina a Caatinga, para quem as escassas chuvas que teimavam em não cair eram sinônimo de vida, produtividade e, para as crianças, de diversão também. De tão felizes, os moleques corriam que os “pés batiam na bunda” e “timbungo dentro d’água”.

No sítio em que nasceu, o menino Geraldo morou só até os três anos. Mas as ruas de Acari sabem o quanto esse eterno moleque se divertiu enquanto esteve na cidade. Aliás, não só as ruas, como também a escola, as festas, as comidas, os brinquedos e todo o sentimento contado no livro. Toda a realidade da vida memorial e criativa de uma heróica criança. “Herói é quem enfrenta a vida” diz Geraldo Batista.

Além de “Moleque de Acari”, Geraldo Batista também escreveu um segundo livro chamado de “Memórias de um velho pároco” (será lançado em breve) e o terceiro chamado provisoriamente de “Lembranças”, ainda está sendo escrito.



Depois que passou a morar na capital, Geraldo estudou História na UFRN, onde se aposentou como professor anos depois. Em 1960 produziu artigo para o então reitor da UFRN, Onofre Lopes, no qual escrevia com o pseudônimo de Fidel. Adotou o codinome porque no trote que aplicou aos alunos estava vestido de Fidel Castro e segurava faixa com os dizeres “Fidel fez Cuba livre sem Coca-Cola”. Com o título de “Imprensa Universitária”, ele instigou o reitor para a criação de veículo de comunicação na universidade, que foi fundado no ano seguinte. Mesmo sendo acariense convicto, Geraldo Batista recebeu, em 2001, em uma sessão especial na Câmara dos Vereadores de Natal o título de Cidadão Natalense. (Por Davi Clemente)

Jovens lideram oficina de cerâmica



A oficina de cerâmica “Pântano, arte a mão” reúne cinco jovens artesãos. As esculturas de barro produzidas vão desde imagens sacras até painéis retratando a paisagem do sertão. Josenildo Dantas de Medeiros, 25 anos, escultor mais experiente da turma, destaca a diversidade do artesanato produzido no município. “O bom de Acari é que cada um tem uma área para trabalhar, ninguém concorre”.

Josenildo também escreve contos e gosta de ler livros de ficção. A casa do artesão, em frente à capela de Santa Luzia, é toda ornamentada com esculturas feitas por ele próprio. “Gosto mais de ficção e todos os contos que escrevo são trágicos”.

José André Felix de Souza, 15 anos, estudante do 1º ano da escola estadual José Gonçalves de Medeiros, é o escultor mais jovem da turma. Aprender a fazer as esculturas de barro é mais do que um meio de vida para os jovens. Todos concordam que a iniciação na arte aumenta a auto-estima e ajuda a livrar o jovem da marginalidade.

O processo de criação das esculturas leva mais de uma semana. A Prefeitura trás a lama do açude em caminhão para os artesãos prepararem a matéria prima. A lama é

despejada em tintas e depois peneirada. A seguir, o barro é colocado para secar e pisado até ficar no ponto certo para ser modelado. As esculturas depois de feito o acabamento passam até uma semana secando e, finalmente, vão ao forno de barro.

Museu guarda primeiro rádio da cidade



Acari zela pelo seu passado. O Museu do Sertanejo, mais conhecido como Museu Histórico de Acari, ocupa a antiga Casa de Câmara e Cadeia, construída em 1878. O prédio, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, guarda o primeiro rádio a chegar a Acari, a mesa dos Correios pioneira e vários objetos antigos de uso no sertão.

O modo de vida e os costumes do homem sertanejo; as indumentárias dos antigos vaqueiros; a fé popular; a economia algodoeira; a pecuária; a pesca; e a evolução da comunicação estão representadas no Museu de Acari. O prédio abriga também exposições temporárias de artes plásticas e serve para lançamento de obras literárias de autores locais. A revista poética “Revela Acari”, publicação editada desde 1995 pela professora Maria da Guia de Medeiros (Daguia Pipoca), é lançada anualmente no museu. O museu pode ser visitado de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h. Os turistas também podem agendar visitas nos finais de semana. 📍

PS.

▶▶▶▶ A Preá não é uma revista noticiosa. É só abrir qualquer um dos números lançados até agora para se constatar isso. Ela busca ser, isso sim, um veículo disseminador da nossa cultura. Gerador de reflexão, debate e de informação formadora. Espaço raro onde ainda aparece a poesia e a ficção norte-rio-grandense. Para noticiar somente os eventos culturais importantes – que não são poucos – teríamos de fazer uma seleção polêmica do que entraria ou não e uma revista que tivesse, no mínimo, o dobro de páginas. E olhe lá! Ora, os jornais diários, as rádios e televisões já cobrem bem os eventos culturais, senão do Estado, pelo menos de Natal. O que eles não fazem e nós fazemos, são reportagens e entrevistas aprofundadas, publicação de artigos, ensaios, poesia e ficção. Entendo que o papel de um periódico cultural seja fazer o que citei acima. Os jornais um dia já fizeram isso. Mas há muito tempo não fazem mais, voltados que estão – equivocadamente e de forma suicida – para o texto rápido e superficial; o jornalismo social e negocista; a cobertura das “celebridades”; a prestação de serviços e agendamento. Coisas que a Internet, o rádio e a televisão já fazem em tempo real. A Preá não pode cair nesse logro.

▶▶▶▶ A partir desta edição, a Preá traz duas novidades para seus leitores. Abrimos uma página para divulgação dos lançamentos literários e CDs e incluímos um pequeno mapa do RN nas reportagens que enfocam as cidades do interior a cada edição. O mapa vai ajudar a localizar a cidade que aparece na revista e foi uma sugestão, enviada por carta, da leitora Thelma Regina, que reside em Espinheiro, Recife. Boas sugestões serão sempre aceitas. Nesta primeira edição da página, não divulgamos nenhum CD porque não tínhamos na redação. Os interessados em divulgar seus trabalhos poderão deixá-los na FJA ou enviar para: Revista Preá - Fundação José Augusto (Rua Jundiá, 641, Tirol, Natal, RN. CEP: 59020-220). Também a partir deste número o Encarte Potiguar passa a se chamar, mais apropriadamente, Poesia Potiguar.

▶▶▶▶ Em agosto, o presidente da Fundação José Augusto, François Silvestre criou um Conselho Editorial para a Preá.

Chega em boa hora. Alivia em muito o peso de algumas decisões espinhosas que, antes, recaíam inteiramente sobre os editores. Além de democratizar mais o processo de escolha do que vai ser publicado ou não.

▶▶▶▶ Com a sessão especial semanal de cinema do Natal Shopping mais uma vez suspensa, resta o caminho das locadoras. Catando aqui e ali ainda se salvam filmes como “Em nome de Deus”, “Kedma”, “O tempo de cada um”, “Coisas belas e sujas” e “21 gramas”.

▶▶▶▶ Será lançado ainda este ano o livro “Fundação José Augusto, 40 anos (1963-2003)”, amplo trabalho de resgate histórico da instituição, elaborado pelo Centro de Estudos e Pesquisas da FJA. Densamente ilustrado com dezenas de fotos, o livro contém em apêndice notas biográficas dos diversos homenageados que dão nome aos centros, museus, bibliotecas e um glossário para facilitar sua leitura.

▶▶▶▶ Estão abertas até 15 de dezembro próximo as inscrições para o Prêmio Preá de Dramaturgia, promovido pela FJA e destinado a autores teatrais nordestinos. Serão concedidos os seguintes prêmios: 1º lugar: R\$ 5 mil, 2º lugar: R\$ 3 mil, 3º lugar: R\$ 1 mil, e duas menções honrosas. Regulamento no site www.fja.rn.gov.br.

▶▶▶▶ O conto “Os sapatos do homem morto” é assinado por mais uma jovem promessa da Literatura potiguar, Alexis Peixoto, que tem apenas 18 anos, e pelo menos desde os 15 escreve ficção. Nos últimos meses, vem enveredando também pela poesia.

▶▶▶▶ Chama a atenção o 13 por 1 escrito pelo designer Afonso Martins. Quase todo só de autores norte-rio-grandenses. Considerado um dos melhores capistas de livros do Estado, Afonso é também um grande conhecedor da Literatura norte-rio-grandense.

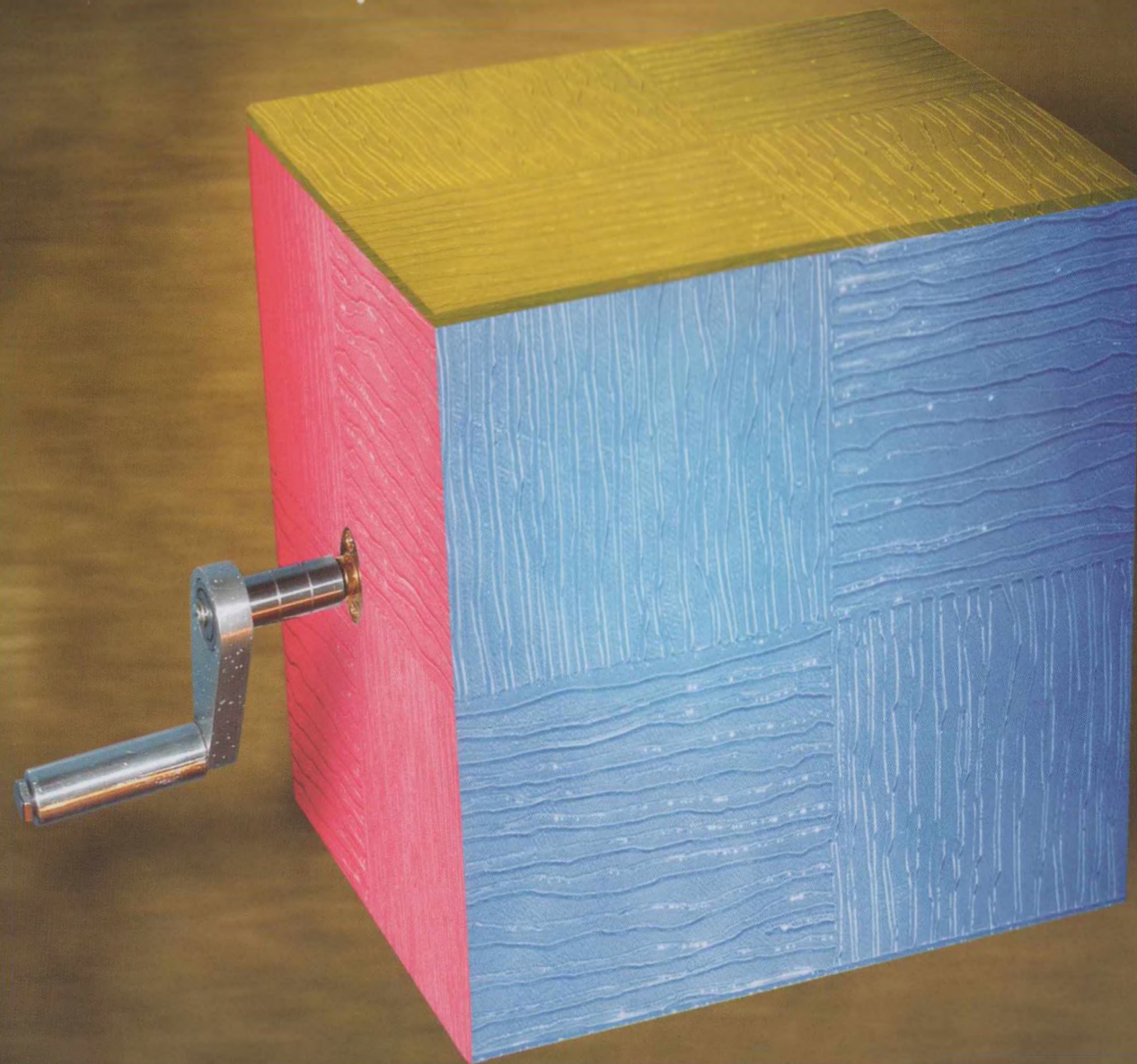
▶▶▶▶ Os editores da Preá participaram em agosto de uma mesa redonda sobre revistas culturais, no Festival Recifense de Literatura, promovido pela Prefeitura do Recife. O melhor do Festival, contudo, foi conhecer a Livraria Cultura, no Recife antigo, onde uma parte da programação aconteceu. Principalmente, o acervo de CDs e DVDs.

▶▶▶▶ A Preá tem uma tiragem de 5 mil exemplares. E à medida que se torna mais conhecida, mais rapidamente está se esgotando. Por isso, a maneira mais garantida de o leitor garantir a sua é passar na Fundação José Augusto. Se você mora no interior, quando algum conhecido vier a Natal, peça para pegar o seu exemplar na FJA. O mesmo vale para os sebos, livrarias e instituições que desejem distribuí-la.

Até a próxima!

Alexis Peixoto

Surpreenda-se...



...com a agilidade no atendimento,
com a rapidez na entrega,
com a qualidade nos serviços,
e principalmente, surpreenda-se com as **CORES**.

Moura Ramos, uma gráfica surpreendente.

www.mouraramos.com.br

João Pessoa/PB: (83)221 6587
Natal/RN: (84)202 3851
Recife/PE: (81)3242 5117
Maceió/AL: (82)337 5290

grafica.pb@mouraramos.com.br
grafica.rn@mouraramos.com.br
grafica.pe@mouraramos.com.br
grafica.al@mouraramos.com.br





O GOVERNO DO RIO GRANDE DO NORTE TEM UMA POLÍTICA CLARA DE GERAÇÃO DE EMPREGOS E VALORIZAÇÃO DO TRABALHADOR. E TEM BONS RESULTADOS PARA MOSTRAR.

O programa de obras públicas criou, desde o ano passado, 10.340 empregos diretos

O Programa do Leite, que distribui 146 mil litros diariamente, mantém 6 mil empregos no campo

Intermediação de empregos para mais de 5 mil trabalhadores cadastrados no Sine

Piso salarial do estado reajustado para 300 reais

O Hotel Barreira Roxa está sendo reaberto e vai qualificar este ano 1.185 pessoas para trabalhar em turismo

1.022 famílias assentadas no campo, com terra, apoio social e crédito para produzir

1.000 estudantes secundaristas treinados e apoiados pelo programa Jovem Empreendedor para começarem pequenos negócios

600 jovens qualificados profissionalmente pelo programa Aprendiz Cidadão, com direito a bolsa de estudos (R\$ 130) e treinamento em empresas

3.240 jovens foram contratados pelas empresas parceiras do Primeiro Chance, o programa estadual de primeiro emprego

6.577 famílias com trabalho e renda criados pelos recursos do programa Desenvolvimento Solidário em pequenas comunidades